REVISTA DA SEMANA

Nº 44 ★ 29-10-49

CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL



NO TEXTO

VAIDADE - TEU NOME E' MULHER

OS HÁBITOS ADQUIRIDOS NA INFÂNCIA...





JOAQUIM MENDES

PERDURAM POR TÔDA A VIDA

CONTA POPULAR

Depósito inicial 50,00
Limite 100.000,00
Juros .... 6% ao ano

BANCO NACIONAL DE MINAS GERAIS S.A.

CAPITAL Cr$ 60.000.000,00

FILIAL: Av. Presidente Vargas, 509

AGÊNCIAS NO RIO: Bandeira, Castelo, Madureira e Ramos

Entregue à oficina em de às



RITMO

MULHERES de outros tempos, as avós das que hoje exercem seus deveres de maternidade, não saberiam disfarçar uma expressão de pavor ao fixar os olhos nessa imagem. E o escândalo mais pronunciado seria quando soubessem que não se trata de uma bailarina profissional, nem sequer amadora, nem mesmo, talvez, de uma bailarina "doméstica". Mostra-nos a gravura o que então era denominado "um ornamento da nossa melhor sociedade", uma jovem que simplesmente cuida de conservar o ritmo de suas linhas anatômicas. Não mais adstringentes, nem potes de cremes, nem artifícios de "toilette", nem massagens, cosméticos e banhos de leite para cuidar da beleza! Em vez dêsses artifícios de resultados comprovadamente frágeis, recorre a mulher à prática do esporte, dos exercícios físicos de tôda classe: o basket, a natação, o volley, a esgrima, o iatismo, o ciclismo, a equitação, o atletismo — e até, em certos países, já mesmo a luta livre. Com isso não perdeu ainda o segrêdo do seu encanto, mas faz fortalecê-lo, enquanto seu magno competidor, o Homem, vê-se na obrigação de, por sua vez, apurar a classe ou terá perdido o cartaz. Damos nesta edição duas reportagens inspiradas em motivos femininos — uma sôbre a prática do basket, por alguns condenada, por outros absolvida, a outra sôbre a arte de conservar a pureza das linhas, mesmo após a maternidade com a prática da ginástica musical. E ninguém poderá dizer que o assunto — Mulher — ande esgotado, porque em tôrno dele giram ainda, e hão de mover-se por muitos séculos, todos os demais assuntos.





OS AUTOS PASSAM buzinando... A cidade é uma sinfonia de barulho, vertiginosidade e ação... Não há minuto a perder. Mas êstes dormem. Que importa? Assim é melhor

BEM-AVENTURADOS OS QUE NÃO SOFREM DE INSÔNIA...

GALVÃO DE QUEIROZ



CERCADO DE RUÍDO e borborinho, em plena Cinelândia, à hora de maior movimento, o velhinho de barbas brancas e boina basca, dorme... Que Deus te abençoe, velhinho...



HÁ QUEM pegue no sono em colchão de palha. Outros exigem um ventilado de molas. E... silêncio... Mas p'ra que tudo isso? Quando o sono vem, pedra dura serve

DEITA-SE o homem num leito que, algumas vezes, tem, por baixo dos lençóis um belo colchão ventilado e de molas. Meteu-se, antes, num pijama frajola, listrado que é um gôsto, — nem sempre bom-gôsto, mas isso não vale discutir. A janela do quarto está aberta para a montanha, pois seu apartamento dá para os lados da serra, onde a vegetação luxuriante realiza sua obra primorosa de renovar o oxigênio que êle deverá respirar enquanto dorme.

Teve o cuidado de lavar-se, esvovar os dentes — ou deixá-los cuidadosamente num copo, se é o caso... — e por um velho costume, que lhe vem da infância, mastigou as orações costumeiras. Em seu aposento não há pulgas, porque há em casa alguém muito zelosa que realizou o expurgo dos inmigos indesejáveis — e hoje é fácil tarefa, abarrotado como está o comércio de produtos mágicos, ultra-potentes, de complicadas fórmulas capazes de fulminar tudo quanto é bichinho enjoado chupador de sangue humano.

A cabeça repousa num macio travesseiro, cômodo, suave... o bom homem espera dormir. Agitou-se todo o dia num trabalho estafante, deu de si o que podia dar, entrou em filas e filas, subiu e desceu em elevadores super-lotados, sofreu violentas compressões em ônibus que dele quase fizeram cocktail com outros passageiros, aturou dezenas de amigos, suportou a moleza indiferente do garçon do restaurante onde almoça, aturou um patrão inaturável ou sofreu, paciente, a presença de companheiros de repartição, insuportáveis... Lutou valentemente pela obtenção de um lugar no estribo do bonde que o devia trazer de volta à casa... Em seu lar, após tudo isso, ainda enfrentou a cunhada nervosa ou a sogra valentona. Tudo isso é da vida, tudo isso é inevitável para o homem comum da cidade. E êle vai suportando heroicamente, porque assim é preciso, porque só assim poderá viver — se tanto se pode chamar "viver".

Agora é a hora do sossêgo. Espera a compensação, entre os lençóis. Conta com aquelas horas de repouso como justo prêmio para tanta canseira, tanto esfôrço, tanto embate, tanto sacrifício.

Estira-se na cama, num espreguiçamento animal, respira fundo, boceja, porque pensa que vai dormir.

Porque *pensa*, apenas. Na realidade, entretanto, não dorme. O sono, desejado, não vem.

A luz, agora, está apagada. Pela janela, que dorme aberta — assim o recomenda o bom código de higiene que o pobre respeita como respeita o Código Penal — êle pode ver no céu algumas estrêlas. À altura em que está o seu apartamento, não conseguem chegar os ruídos da rua. Ele escolheu propositadamente a moradia, pagou luvas altas, fêz empenhos, lutou como um danado,



PRIMEIRO TIROU o sapato. Depois pensou em se estender no banco, mas não o fêz: o sono teve mais fôrça. E quanta gente usa analgésico para dormir em colchão de penas!



OUTROS QUE APRECIEM, do parapeito, as belezas da Guanabara. Isso é coisa p'ra turista. Êle quer é dormir. E dorme de qualquer jeito. E' o que se leva da vida, amigo!

para obter o apartamento bem alto, dando frente para a montanha e a floresta...

Tudo, ali, é favorável a um bom sono, repousante e vivificador. E o sono não chega. A insônia, maldita, indesejável, é que está presente... A insônia que o irrita, que lhe tira as derradeiras paciências conservadas à custa de muito domínio e tanta esperança...

E êle se põe a recordar cenas que viu, durante o dia, cenas comuns, encontradiças em tôdas as praças da cidade... Bancos colocados no centro do borborinho urbano, cercados de barulho, cobertos de barulho, envolvidos pela agitação dos pedestres que andam aos esbarrões, dos autos que buzinam, camelôs que berram, das crianças que gritam, dos bondes que tilintam, dos rádios que estertoram...

Hoje mesmo viu um velho que roncava, em plena Cinelândia, indiferente ao tumulto que o cercava, alheio, no seu sono pacífico, ao fervilhar humano que ia em tôrno. Pouco adiante, não recordava onde, talvez na Praça Paris, outros dois felizardos dormitavam, em incômodas posições de instável equilíbrio...

O homem que tirou o sapato e pensou em se estender no banco, mas nem o fêz, porque antes o sono o surpreendeu... O outro, que se ajeitou a um ângulo de dois muros, e ferrou no sono, ao meio-dia, em pleno sol, sem preocupações, sem cuidados, homem-feliz, pois nem tinha camisa, conforme pôde observar...

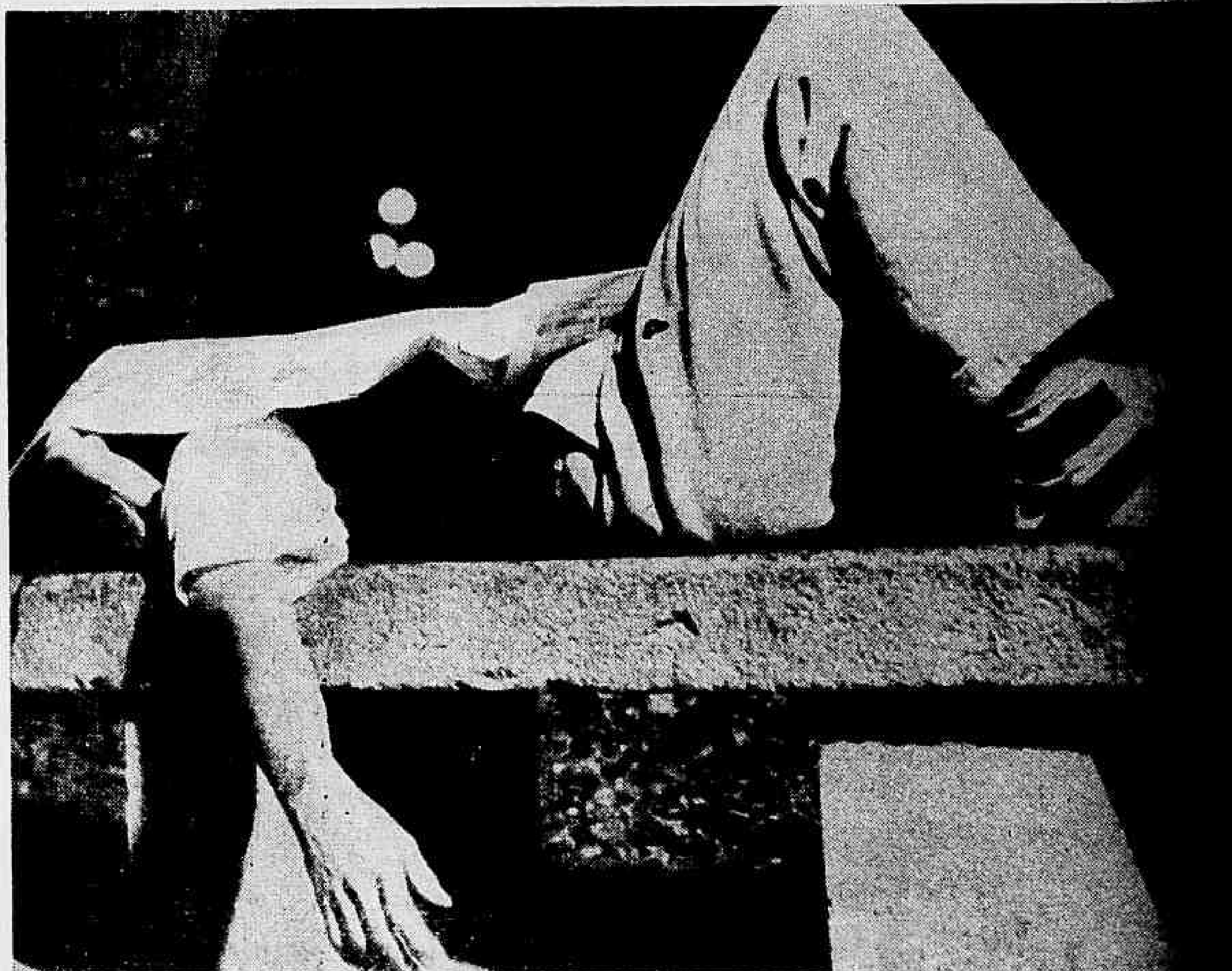
Aquelas imagens tôdas perpassam pela mente do cidadão insone, e enormemente infeliz. Odeia aquêles lençóis que mãos amigas alisaram com carinho. Odeia a espôsa que, ao seu lado, já começa a ressonar. Contar carneirinhos? Rematada tolice, que nunca dá certo! Já tentou, de outras vêzes, quando também custou a dormir... Não pode compreender, e cada vez mais se irrita, como é que aquêles tipos, que viu na rua, dormem assim, descuidados e indiferentes... "Criaturas felizes!" — pensa. "Tipos bemaventurados!... Deve ser bom ter sono assim, a qualquer hora, em qualquer canto, longe do apartamento bem alto que dá frente para a floresta e para a montanha"... "Oh! Sim!" — fica a pensar o pobre insone. — "Bemaventurados os que, como aquêles, podem dormir..."

E, cada vez mais irrequieto, quase furioso, chega à conclusão de que está diante de um mistério...

E é quando a cara-metade — a que alisou com mãos de fada o lençol côr de rosa — abrindo os olhos e vendo-o assim, alerta, de cara fechada, como quem rumina planos, projetos, altos negócios, "estranha" e dá o estrilo:

— Que é isso, rapaz? Estás ainda acordado?! Que mania! Trata de dormir! Que coisa!!

(Fotos do autor)



NADA COMO UMA "PESTANA" tirada de improviso, e sem preconceitos! **Um jornal sôbre o rosto para quebrar os reflexos do sol... e pronto. Deixa êsse mundo louco correr!**

A PERSONAGEM DA SEMANA



O sr. Prado Kelly, Presidente da UDN, num flagrante oratório na Câmara Federal

Esgotou-se mais uma semana sem que se tornasse bastante clara a situação política entre os "Três Grandes" - UDN, PR e PSD, inclinando-se, porém, os acontecimentos para o desmoronamento do acôrdo interpartidário. Diariamente procura o povo ler, nos jornais, uma solução equidistante que venha trazer harmonia entre os três partidos políticos sôbre cujos ombros assentam os destinos do regime na hora presente, sem que se veja qualquer sinal de bons entendimentos.

A situação se agravou nestes últimos dias com as declarações do senador general Góis Monteiro, havendo mesmo quem as interprete como sendo simpáticas aos elementos da ala queremista recentemente mais avivada com as declarações do Sr. Getúlio Vargas em sua fazenda do Itu.

O senador general Góis Monteiro passou a ser indicado como responsável pelo desmantelamesto do acôrdo político-partidário entre aquêles que estavam levando a política nacional pelos caminhos de uma pacificação necessária à obra do govêrno, esperando-se que o general venha a público e esrlareça o caso na parte que lhe toca.

Enquasto tudo isso se processa, os adeptos da candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes prosseguem na campanha pré-eleitoral, notando-se nomes de responsabilidade ao lado dos que a lançaram e apoiam.

Reuniões de grande importância política estão sendo levadas a efeito por elementos de escol da corrente brigadeirista dos quadros da UDN, aumentando as dificuldades do Presidente do Partido, sr. Prado Kelly, que vem desenvolvendo os mais ingentes esforços no sentido de deter a erosão que corrói as bases do edifício do acôrdo, anulando tudo o que já se conseguiu até aqui.

Em tôda esta agitação a pessoa do sr. Prado Kelly se destaca simbolizando uma espécie de Atlante a suportar o pêso de um mundo de responsabilidades.

Diante de tantos embaraços, foi o líder udenista procurado em sua residência pelo próprio Ministro da Justiça, no dia 20 e, depois de ligeira conferência, conduziu-o ao Catete para trocar idéias com o Presidente Dutra, que continua a fazer questão da permasência do acôrdo interpartidário em face da próxima sucessão presidencial.

E' delicada, realmente, a posição do sr. Prado Kelly, tangido em várias direções por alguns elementos de realce e prestígio da própria UDN, ameaçando-se com isso, o desmoronar do histórico acôrdo desejado pelo govêrno da União. E ao que se diz irá s. excia. à tribuna para fazer importantes declarações.

A SEMANA EM Revista

CINEMA BRASILEIRO



Nota-se promissora reanimação no cinema nacional de longa metragem, não somente se tendo em vista regular número de filmes em rodagem nos estúdios, como, especialmente, diante de várias estréias durante as últimas semanas.

Aproveitando o ensejo, queremos fazer aqui ligeiro reparo sôbre os argumentos de nossos filmes posados e de enrêdo. Antigamente os produtores procuravam explorar os sucessos de bilheteria com o samba e o carnaval. Contra essa "escola" vieram às telas nacionais produções de mais alto nível como "Bonequinha de sêda", "Aves sem ninho" e poucos mais, provando-se que muito bem podíamos ir deixando de lado a mania das chanchadas carnavalescas e os musicais com sambas e marchinhas sem maiores aproveitamentos artísticos.

E já conquistamos o público sem o concurso dêsse processo carnavalesco e de morros como base fundamental de êxito para o filme brasileiro.

O que estava faltando, porém, eram artistas para argumentos dramáticos, especialmente do belo sexo. Por várias vêzes nossas heroínas, na interpretação culminante de cenas dramáticas, provocam riso da assistência, ao invés de lágrimas. E isso era o diabo!

"Uma luz na estrada" venceu essa dificuldade. Embora filme cheio de defeitos técnicos, conseguiu dar-nos cenas dramáticas em que aparecem artistas de ambos os sexos, capazes de arrancar lágrimas da platéia. Uma coisa, porém, recomendamos aos diretores: lutem com os artistas para evitar a declamação! E é bom irem deixando de explorar tanto o nu.

O CHEFE DE FAMÍLIA



O Serviço de Saúde da capital de S. Paulo, sob a orientação da Secretaria respectiva daquele govêrno, acaba de instituir o "Dia do Chefe de Família".

Diz o Serviço de Saúde de S. Paulo que essa instituição tem por fim realçar a importância da ação paterna no lar e na assistência e proteção à infância, escolhendo para isso a mesma data de 12 de outubro, "Dia da Criança".

Assim, no mesmo período de tempo em que se festeja a Criança, também se dirigirão solenidades ao Chefe de Família, num simbolismo digno de todo apoio.

Na verdade, não basta fundar princípios e sistemas econômicos destinados a proteger a criança, quando os seus pais, os chefes de família, ficam à margem das providências, das homenagens, a sofrer tôda sorte de privações.

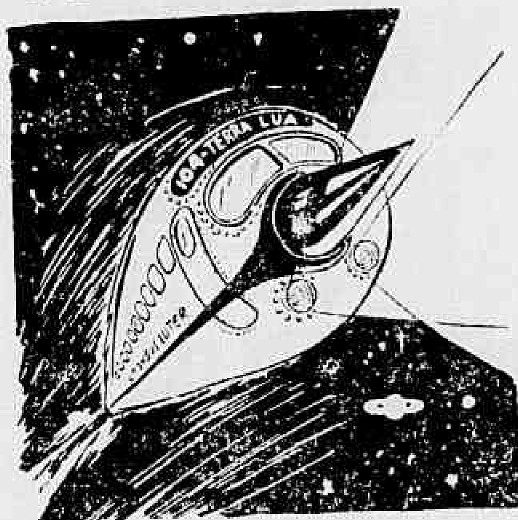
Proteger os pais, os que sustentam as crianças e as educam com os maiores sacrifícios, deve ser muito mais urgente do que dedicar festas às crianças, evidentemente.

Já se tem procurado amparar o Chefe de Família em nosso país, mas os recursos para isso continuam a ser pequenos, insuficientes. Vejamos o que ocorre com as verbas do chamado "auxílio-natalidade", de cinquenta cruzeiros mensais para cada filho menor.

Que poderá fazer um chefe de família com cem cruzeiros por mês? Com êsse dinheiro nem mesmo dois litros de leite poderá comprar para ajudar a alimentação dos garotinhos.

E' preciso encontrar meios para proteger o Chefe de Família.

46 DIAS VOANDO



Dizem telegramas expedidos do Arizona, Estados Unidos, e publicados pela imprensa carioca, que os aviadores daquele país, Woody Jongeward e Bob Woodhouse, bateram todos os recordes de permanência no ar.

Depois de terem voado nada menos de 1.124 horas e 16 minutos, ou sejam, 46 dias e tanto, percorrendo em circulo fechado uma distância equivalente a três vêzes e meia a volta ao mundo, o aparêlho dêsses aviadores aterrou às 22,33 horas GMT do dia 10 do corrente, num aeródromo de Yuma.

Essas provas vêm mostrar o elevado grau de perfeição a que já chegou o engenho humano para dominar os ares, não sendo nenhuma surprêsa ao sabermos que muita gente está decidida a mudar de residência, abandonando a terra, de uma vez, e indo instalar sua residência aí pelos espaços...

Já houve mesmo quem imaginasse explorar uma frota de ônibus da Terra à Lua, em normal serviço de transportes para "week-end". Isso não poderá causar nenhuma admiração. Da maneira em que vamos, nada é impossível em matéria de conquistar os espaços. O homem vive empolgado pelas idéias de velocidades incríveis.

Depois disso, o homem passa a procurar aviões com a velocidade da luz, ou seja, a de 300 mil quilômetros por segundo. Depois... bem, depois... já êste mundo deve estar convertido num hospício.

DESCOBRIMENTO DO BRASIL



O dia 12 de outubro já mereceu de nossos governos homenagens especiais. Os colégios não funcionavam a não ser para promover festas comemorativas, com sessões solenes, discursos, poemas, palestras e discussões históricas.

Colombo, o genovês audaz e sonhador, depois de rogar às Côrtes de Lisboa que o ajudassem a descobrir o caminho das Índias pelo Ocidente, desiludido, ridicularizado, passou-se para a Espanha, e, se ainda aí nada conseguisse, procuraria a França e a Inglaterra para expor sua teoria arrojada e inédita.

Depois de muito lutar para convencer os que eram "do contra", conseguiu que Fernando e Isabel lhe apoiassem a idéia louca. Colombo armou três pequenos navios, aliciou tripulação para a aventura e se fêz ao mar.

Até aquêle dia, todos os navegantes se orientavam pela estrêla Polar, conhecida pelo nome popular de "Tramontana". Se alguém viajasse por mar e perdesse de vista essa estrêla-farol, êsse astroguia, era sinal de que estava perdido...

E' daí que vem o ditado: "perder a tramontana", como sinônimo de "perder a cabeça", enlouquecer, ficar maluco.

Colombo suportou os maiores contratempos antes de chegar à ilha de Guanahani, que batizou com o nome de "S. Salvador", nas Antilhas. Ameaçado de morte pela tripulação amotinada, o grande navegador chegou ao fim. Surgiu um Novo Mundo. O nome de Colombo subiu à glória e desceu à maior miséria. Hoje, estranhamente, ninguém fala nele. De tudo só ficou mesmo o Ovo de Colombo...

REVISTA DA SEMANA

ANO XLVIII ★ N.° 44

29 DE OUTUBRO DE 1949

Redator-Chefe: CELESTINO SILVEIRA — Chefe de Publicidade: J. M. COSTA JUNIOR — Paginação de VICTOR TAPAJOZ

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS
A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples	— Um ano	Cr$ 140,00
	Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada	— Um ano	Cr$ 170,00
	Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada	— Um ano	Cr$ 270,00
	Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua Brigadeiro Tobias, 615, 2º andar, sala 217, tel. 6-6718
TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores
Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro
Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO — Diretor-Secretário: R. PEIXOTO DE ALENCAR
Telefones — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602



O CASTIÇAL DO FAKIR
A reportagem do Fakir ainda hoje é lembrada como das mais rumorosas e bem sucedidas nos anais da imprensa brasileira. Vasco Lima conserva, como recordação, um castiçal, o mesmo que podia ser visto na "sala verde" do sobrado da rua Evaristo da Veiga, em 1915

CINQUENTA ANOS DE JORNALISMO

A VIDA E A OBRA DE VASCO LIMA ★ O CARICATURISTA QUE O "ORGANIZADOR" ANULOU ★ TAMBÉM CERAMISTA ★ SUA PASSAGEM PELA "A NOITE" ★ A REPORTAGEM DO FAKIR ★ CONCEITOS SÔBRE A IMPRENSA DE ONTEM E A IMPRENSA DE HOJE

Reportagem de SABINO CANALINI



HA 34 ANOS
Era assim o caricaturista de "A Noite", quando animou a memorável reportagem

TENDO-SE comemorado, no dia 17 último, o jubileu das atividades de Vasco Lima na Imprensa, como jornalista e caricaturista, fomos visitá-lo em sua residência, nas Laranjeiras, para que nos desse suas impressões. Ora, ir falar a um homem que trabalhou ininterruptamente durante cinquenta anos na imprensa do país, é a mesma coisa que ir a um arquivo, uma biblioteca ou um museu para conhecer a história do próprio jornalismo brasileiro desta primeira metade do século. E foi o que se deu.

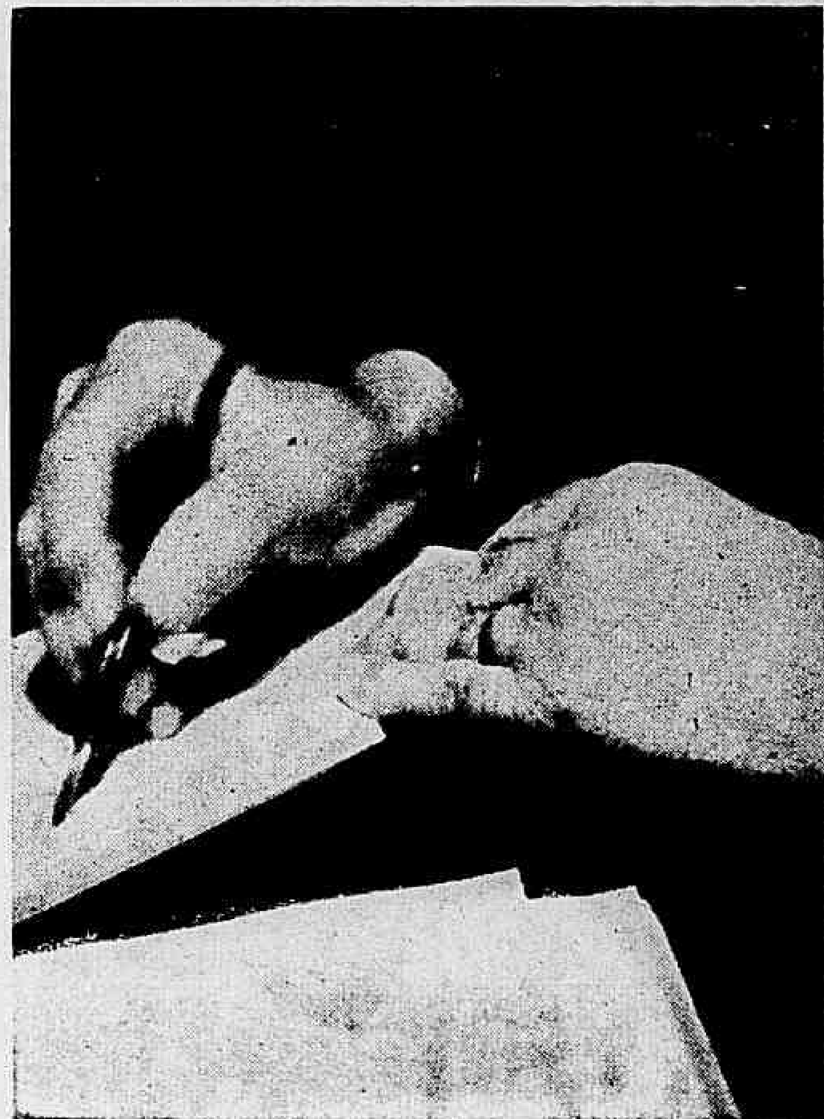
Excelente foi a oportunidade de relembrar, em rápida palestra, acontecimentos e nomes que figuram na nossa história. Queridos e sempre recordados alguns, injustamente relegados ao esquecimento outros, apesar de todos, quem mais, quem menos, terem dado o melhor de suas vidas para o progresso da nação em qualquer setor, seja administrativo, científico, artístico, militar ou mesmo neste fascinante e ingrato trabalho que é o jornalismo. Chegar a completar meio século de dedicação a uma profissão, é coisa mais do que rara. Não porque falte perseverança ao homem, e sim porque em geral a vida vem a falhar antes dêsse tempo, truncando às vêzes preciosas carreiras. Mas êste não é o caso de Vasco Lima. E justamente por isso, ouvir a sua palavra é deveras interessante.

Começou por dizer-nos que é natural da cidade do Pôrto, em Portugal, e que chegou, mocinho ainda, ao Brasil, em 1898, quando Campos Sales iniciava o seu período presidencial.

Trazia, das terras lusas, uma vocação artística inata. O que mais o atraía era a pintura. Estava no sangue, subia-lhe da alma essa vontade de desenhar, acentuando, sempre que possível, um traço característico da pessoa retratada. Era o começo do caricaturista. Chegando ao Rio, procurou apoiar-se a fazer relações no meio dos artistas.

— Lembra o nome de algum deles?

— Recordo emocionado a amizade e admiração que me ligaram especialmente a Ramos Lobão, Santos Maia,



ESTAS MÃOS
desenharam muitas "charges" sôbre Rui, Pinheiro Machado e seus contemporâneos



EM 1949

Na tarde de 17 do corrente, na sede da A. B. I., foi entregue a Vasco Lima uma saudação de regozijo pelo seu jubileu jornalístico, assinada por dois mil nomes dos nossos meios artísticos e culturais. Herbert Moses quando fazia a saudação ao homenageado

José Mariano e Cardoso Júnior. Procurei aperfeiçoar os meus conhecimentos de desenho frequentando, antes, o curso particular de Batista da Costa, e depois, da Escola de Belas Artes, os ensinamentos do pintor João Zeferino da Costa, o mesmo que executou os quadros que ornamentam a Igreja da Candelária.

Indagamos sôbre as suas primeiras atividades nos jornais cariocas, e êle confessou que nunca teve o cuidado de formar um arquivo das suas produções, de modo que, não possuindo os originais, precisou recorrer a outras pessoas e aos próprios jornais onde trabalhou, para reunir pelo menos, cópias fotostáticas do que produziu.

Da "Gazeta de Notícias", que foi o jornal onde começou a trabalhar, não encontrou os números iniciais da sua carreira, pois a própria redação perdeu as coleções daquela época. Os desenhos mais antigos que possui, e de que nos deu cópia, são os que fêz para o livreiro Francisco Alves, ilustrando o livro "Contos Pátrios", de Olavo Bilac e Coelho Neto. Isso em 1900. A primeira referência ao seu nome, que já se destacava entre os caricaturistas, também na "Gazeta de Notícias", é a "charge" de Gil —



PINTOR

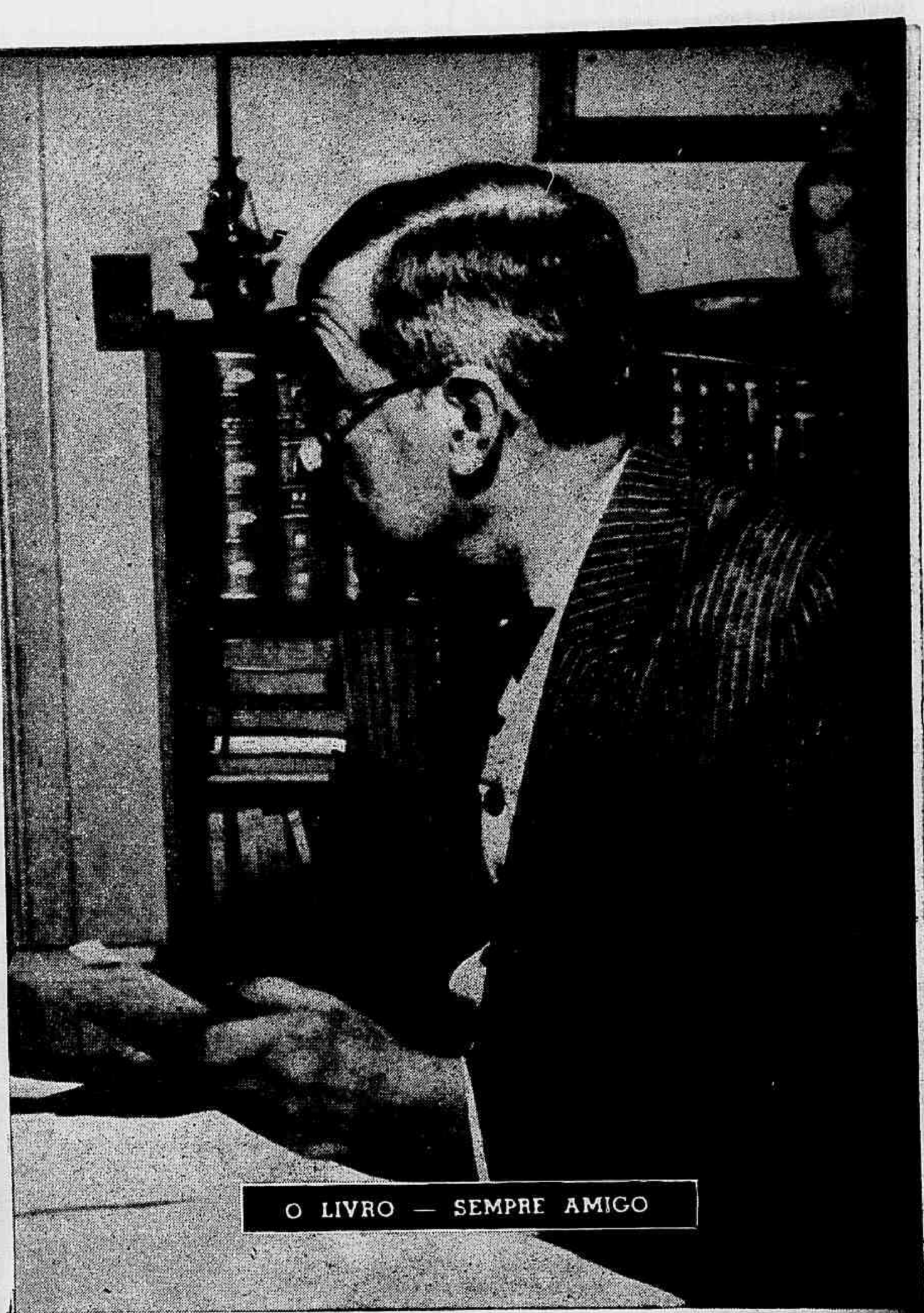
Vasco Lima fêz vários quadros que hoje não mais possui, conservando, deles, apenas estas reproduções. Vemos, aqui, um aspecto do Morro do Castelo

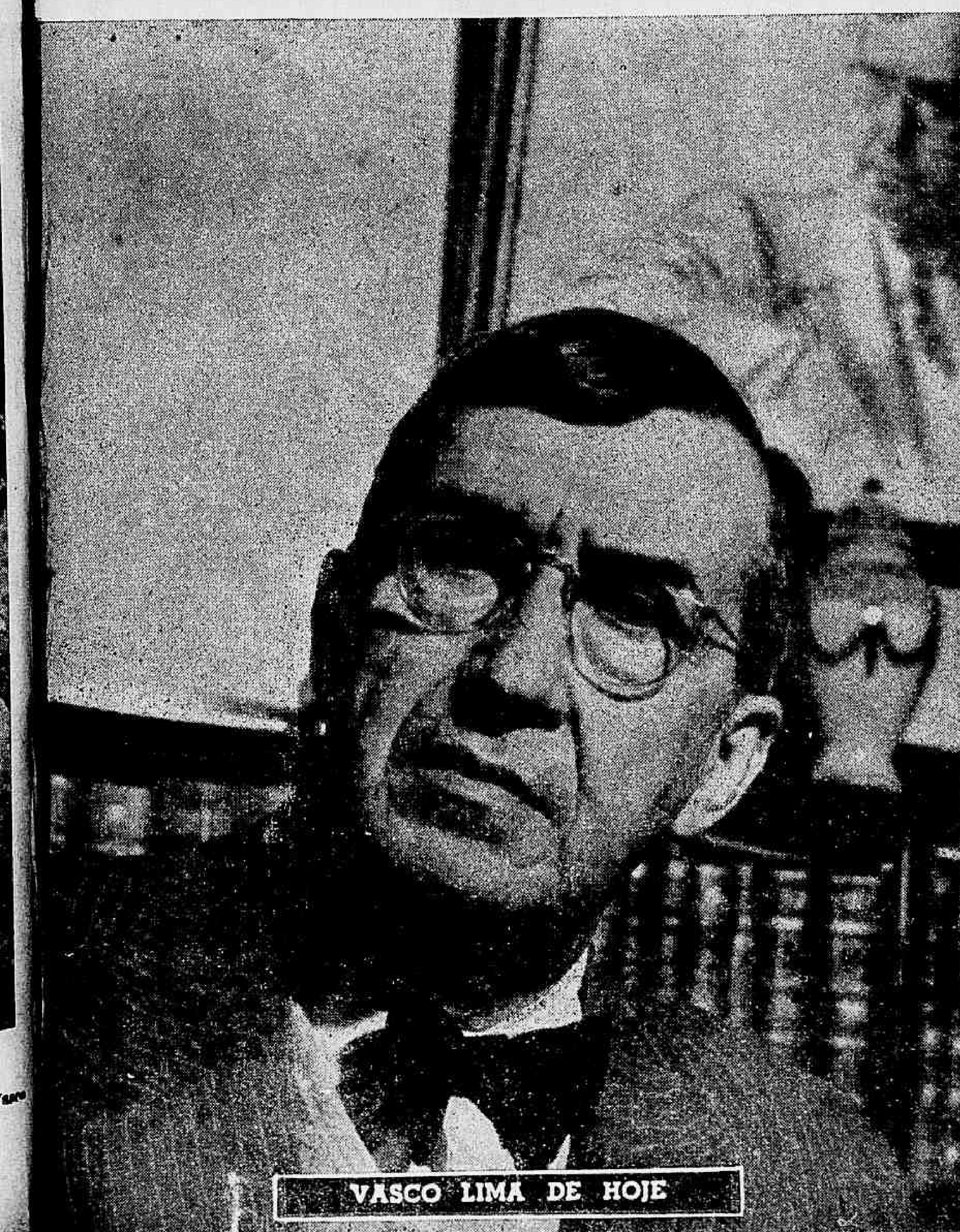


RIO ANTIGO

Outro flagrante da ladeira do desaparecido Morro do Castelo, pintado por Vasco Lima. Nesse mesmo local, erguem-se, hoje, os arranha-céus


ESCREVENDO OU DESENHANDO?


O LIVRO — SEMPRE AMIGO


VASCO LIMA DE HOJE


CINQUENTA ANOS PASSARAM!





Uma mulher que de continuo se anceia em dores de parto...











Uma ave sempre em muda...

Anno V — Rio de Janeiro — Quarta-feira, 15 de Dezembro de 1915 — N. 1.431

A NOITE

HOJE — HOJE

Redacção, Largo da Carioca 14, Sobrado — Officinas, rua Julio Cezar (Carmo), 29 e 31

O SENSACIONAL INQUERITO D'"A NOITE"

OS MYSTERIOS DO FAKIRISMO EM PLENO RIO!

Djoghi Harad e sua troupe á espera de seus primeiros consultantes

Como eram realisadas as consultas — O que se passava no consultorio do fakir — Observados desde a porta da rua!

Como devia agir o fakir — Trabalhos preliminares — Os ensaios

Mario Lima como era anteriormente e como ficou, transformado em perfeito fakir

OBRA DISPERSA

Vasco Lima não tem arquivo; deu um trabalho enorme recolher alguma coisa para estas evocações. Na página ao lado, "charges" e caricaturas de Guilherme II, Rui Barbosa, Pinheiro Machado e senador Azeredo. Ao alto, "A Noite", edição de 15 de dezembro de 1915, noticiando o desfecho da estrondosa reportagem do Fakir, para a qual muito contribuiu Vasco Lima, como armador, pintor, forrador, "metteur-en-scene", ensaiador, caracterizador, contra-regra, ponto, chefe da vigilância, a alma, o centro de tôda a blague"

Carlos Lenoir — que ilustra esta reportagem e que remonta a 1904. Naquele tempo, era aquêle órgão de maior circulação, dirigido por seus fundadores, Ferreira de Araújo e Henrique Chaves. Como colaboradores tinha, então, homens cujos nomes representavam o que de mais seleto havia nas letras nacionais: Machado de Assis, Coelho Neto, Emilio de Menezes, Guimarães Passos, Olavo Bilac, Medeiros e Albuquerque, Bastos Tigre, Nicolau Ciancio e o resto daquela pleiade de literatos que animou os cenários nacionais no fim do século passado e no princípio dêste.

IMPRENSA INFANTIL

E não se diga que foi só para os adultos que Vasco Lima trabalhou, não. A êsse respeito disse-nos:

— De parceria com Manuel Bonfim, que, além de ser um espirito extremamente culto, era também um eximio pedagogo, conhecedor profundo das crianças, colaborei no "Tico-Tico", semanário infantil que chegou a ter grande circulação e que procurava, mesmo através das histórias em quadrinhos, educar, de maneira agradável, a infância do Brasil.

Pedimos que nos desse sua opinião mais detalhada sôbre o assunto, em virtude de uma recente pendência entre duas correntes, uma contra e outra a favor dêsse tipo de jornais infantis:

— Considero as histórias em quadrinhos um dos meios mais proveitosos para se chegar até às crianças. Por isso mesmo deve-se ter o máximo cuidado na escolha dos assuntos, pois de outra forma se converteriam no meio mais fácil para a perversão das mentalidades em formação das crianças. Boas histórias, assuntos ótimos não faltam. "O Tico-Tico" chegou a publicar tôda a história do Brasil por êsse meio. Infelizmente, a tendência atual é a exploração do crime e da guerra.

OUTRAS INICIATIVAS

A exemplo do que fizera Angelo Agostini, o mestre da litografia e da caricatura, Vasco Lima fundou várias revistas humorísticas. Fêz época, principalmente, o "Album de Caricaturas", aparecido em 1910. A maioria das outras pertence a "O Gato", no qual teve como sócio Alcindo Guanabara. Outros jornais e revistas em que figurou como colaborador e grande animador, devido ao seu espirito vivo, sempre em busca de novidades para a sua veia humoristica, são: "Leitura para Todos", revista de propriedade do senador Antônio Azeredo e de Luiz Bartolomeu; "Fafazinho", adquirido a Viriato Correia e Osmundo Pimentel; "A Tarde", de Simões Filho; "A Semana"; "A Época", de Vicente Piragibe; "A Avenida"; "A Fôlha do Dia"; "O Malho" e todos os outros periódicos de que é fundador.

O sentimento artistico que sempre o distinguiu, levou-o a se interessar por tôdas as manifestações da inteligência dos nossos homens e das belezas da nossa terra. Cultuou a memória dos artistas nacionais com que privou e mesmo a dos anônimos que havia em tempos mais remotos. Apaixonado pelos objetos de arte, percorria os antiquários, os belchiores da cidade e das vizinhanças, as igrejas e as capelas coloniais espalhadas pelo sertão carioca e fluminense. Encontrou nessas excursões verdadeiros tesouros artisticos, ignorados, encostados em sótãos ou em sacristias, abandonados à poeira, à ação do tempo e à falta de gôsto dos homens. Foi assim que de uma vez pôde comprar por oito cruzeiros um precioso leque de marfim, em que havia gravada uma coroa ducal. De outra feita adquiriu um belo crucifixo, o mesmo que até hoje ornamenta a sua mesa de trabalho e que pudemos admirar, tendo a imagem do Cristo e o pedestal esculpido em talha, e a cruz de prata maciça. Comprou-o pagando a prata à razão de duzentos réis a grama. Em suas frequentes viagens a Petrópolis e aos arredores daquela cidade serrana, pôde apreciar valiosos trabalhos antigos, também em talha, que ali estavam encostados. Prontificou-se a levar aquêles objetos, substituindo-os por novos, mais de acôrdo com o gôsto dos padres. A proposta foi acolhida com alegria, entrando assim na posse de castiçais e ostensórios, delicadamente tauxiados à mão. O mais importante, porém, é que a maioria dêsses objetos já não lhe pertencem. Num gesto cativante, que muito o enobrece, doou quase tudo, pratas, ouros, marfins, talhas, fisionomias uma anseidade de morte. Antônio voltou à cerâmicas e cristais ao Museu Imperial de Petrópolis. Tudo isso que muito lhe custou reunir, não será espalhado e talvez perdido para sempre. O Museu era o lugar mais apropriado para zelar e conservar obras dos artistas brasileiros e portuguêses — assim pensou, e acertadamente.

Como pintor Vasco Lima tentou uma incursão no campo da cerâmica. E, pegando num álbum, mostrou-nos fotografias da bela vivenda que possui em Petrópolis, com uma área de cêrca de 40.000 metros, numa de cujas paredes, vê-se um painel de trinta azulejos, representando, emoldurado por arabescos, o busto de Olavo Bilac, trabalho de sua autoria.

(Cont. na pág. 50)

DE NOVO CARICATURISTA

Para ilustrar esta reportagem Vasco Lima voltou a utilizar o lapis e caricaturou, "de memória", seu saudoso amigo Lobão. Receando não lhe ter reproduzido fielmente os traços, mostrou o "croquis" a dois seus contemporâneos. Raul escreveu: "Que saudade do Lobão!" — e Casanova: "Êste é o Lobão dos meus tempos de moço!". Temos, assim, em 1949, novamente, Vasco Lima — caricaturista

BASKET FEMININO "ESPORTE PERIGOSO"

Seis vozes no julgamento do mais violento dos esportes praticados pela mulher ★ Um juri público da bola ao cesto ★ A história do basket feminino no Brasil ★ Tapinhas entre belezas ★ "Deselegante", diz a acusação ★ "O basket dá mais vivacidade à mulher", argumenta a defesa ★ Não existem estatísticas para demonstrar o contrário, declara um dirigente ★ Sem contra-indicação, friza outro paredro ★ A medicina é contra, demonstra um clínico ★ A mulher pode ser igual ao homem no basket, conclue uma jogadora

Reportagem de LEVY KLEIMAN
Fotos de JOSÉ SANTOS

A BOLA EM JÔGO, e cada uma procura alcançá-la o mais depressa, porque se houver choque o juiz apitará falta. As regras do basket feminino impedem o contacto pessoal, e por isso elas evitam de disputar a bola com empenho

O esporte feminino está na ordem do dia com a disputa dos "Jogos da Primavera", nos quais o sexo frágil demonstra que pode praticar dez das modalidades em que o homem participa, tendo até um jornalista especializado reclamado contra a exclusão do remo, que êle considera também compatível com o físico da mulher.

O mais violento dos esportes praticado pela mulher é, sem dúvida, o basquetebol, a única modalidade coletiva em que existe o contacto das jogadoras. Dirão os entendidos que o voleibol também seja um esporte coletivo. Está claro que sim, mas jogam seis jogadoras de cada lado da rêde, sem nenhum contacto, ao passo que no esporte inventado pelo norte-americano James Naismith, as cinco integrantes de cada equipe cruzam-se constantemente no correr do jôgo, na disputa da bola e no arremêsso à cesta, que é o objetivo da partida para conquista de pontos.

O BASQUETE FEMININO TAMBEM TEM SUA HISTÓRIA

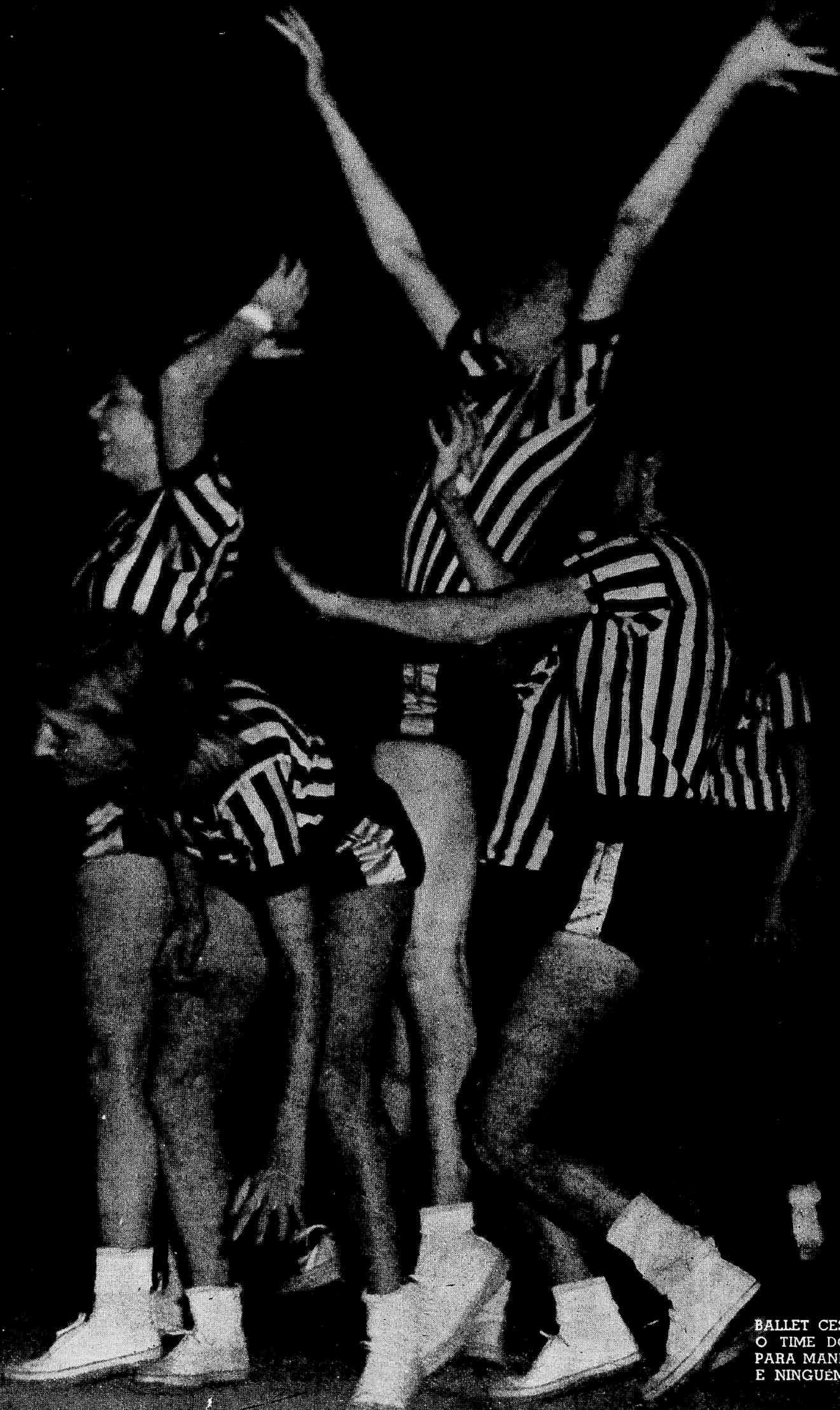
Oficialmente esta modalidade surgiu no Rio em 1939, tendo levantado o primeiro campeonato feminino de basquete o Tijuca. Após dois anos de interrupção foram disputados mais dois certames em 1941 e 1942, sagrando-se campeã, em ambas, a equipe do Fluminense. Foi de sete anos a nova interrupção da prática do basquete feminino no Rio, e reiniciada a sua prática, êste ano, com um torneio do qual participaram as equipes do Tijuca, Açu (constituido pelas alunas da Escola Nacional de



VEJAM QUE MARCAÇÃO de "homem para homem", ou melhor, de "mulher para mulher". A atacante botafoguense controla o couro, mas está bem vigiada pelas do Açu



PUXA, A BOLA ESTÁ PRESA! — O juiz, com certeza, apitou contacto e vai dar bola ao alto. A açuana não larga o couro e a botafoguense impede que ela faça o "passe"



BALLET CESTOBOLISTICO — TODO O TIME DO BOTAFOGO PULOU PARA MANDAR A BOLA AO CESTO, E NINGUÉM CONSEGUIU ACERTAR

BASKET FEMININO

Educação Fisica) e Botafogo. O titulo de campeão pertenceu ao quinteto tijucano. Já foram disputados dois campeonatos brasileiros de basquetebol feminino. O primeiro em 1940, sagrando-se vencedoras as mineiras, cabendo o segundo lugar às paulistas. Quatro anos depois realizou-se o segundo, no qual triunfaram as paulistas, logrando a segunda colocação, as crianças. O Brasil participou do primeiro campeonato sul-americano de basquete feminino, realizado em 1946, na capital do Chile, conquistando o título de vice-campeão. O centro mais adiantado do esporte da bola ao cesto entre o belo sexo é São Paulo, onde a sua prática não tem sofrido solução de continuidade, tanto assim que, realizando em dezembro dêste ano, mais um campeonato sul-americano de basquete feminino, em Lima, Peru, a Confederação Brasileira de Basquetebol entregou à Federação Paulista o encargo de representar o Brasil no certame continental.

TROCA DE GENTILEZAS

A volta do basquete feminino após sete anos de ausência das quadras cariocas provocou uma certa curiosidade do público, pouco acostumado a ver a mulher praticando um esporte de conjunto.

Apesar dos treinos a que as equipes se submeteram sob a direção de jogadores experimentados, muitas das cestobolistas mostraram-se desajeitadas na corrida, e no arremêsso da bola à cesta, provocando hilaridade na assistência pela inexperiência do esporte. Existem dois sistemas de vigilância na tática do basquetebol: a marcação de "homem para homem", em que cada jogador vigia o seu adversário previamente estabelecido, e a marcação por "zona", em que cada elemento é encarregado de policiar os passos dos antagonistas dentre de um limite do campo. Então, quando as duas equipes femininas começaram, no primeiro jôgo do campeonato, a pôr em prática as suas respectivas táticas, os piadistas das arquibancadas surgiram com estas: — "Olha a marcação de homem para homem... quer dizer de mulher para mulher", ou então "agarre o seu homem", parodiando um livro que fêz furor nos Estados Unidos.

Num jôgo entre o Tijuca e o Botafogo, disputado na quadra situada no Mourisco, em que se decidiu o primeiro lugar do campeonato, os ânimos estiveram tão exaltados entre as belas jogadores, que duas chegaram a trocar uma série de tapas. Maria Helena, do Tijuca, e Ivete Mariz, do Botafogo, quase que se engalfinharam, tendo sido ambas expulsas de campo, isto é, cestobolisticamente falando, "desclassificadas por falta técnica".

NO JURI DOS CATEDRÁTICOS

O basquetebol feminino é o esporte que mais controvérsias tem provocado nos meios esportivos, quanto à sua prática ser própria ou não ao sexo frágil. O "Diário de Noticias" tem sido o órgão da imprensa carioca que mais combate o basquetebol feminino, tanto que, antes da realização do torneio das moças, publicou uma série de comentários mostrando a impropriedade dêsse esporte para a mulher. Ouvir todos os ângulos da questão para que o público decidisse num juri de leitura, foi o nosso trabalho. Escutamos as opiniões do cronista que combate o basquete feminino, do cronista que mais se bate pela sua prática, do dirigente que reiniciou a bola ao cesto entre as moças cariocas, do dirigente que chefiou a delegação das cestobolistas brasileiras ao sul-americano do Chile, do médico especializado em basquete, e de uma praticante do emocionante esporte americano.

Vamos iniciar o julgamento, entrevistando as testemunhas. Os jurados serão os leitores, que darão o veredito após ouvir todos os depoimentos:

ESPORTE PERIGOSO

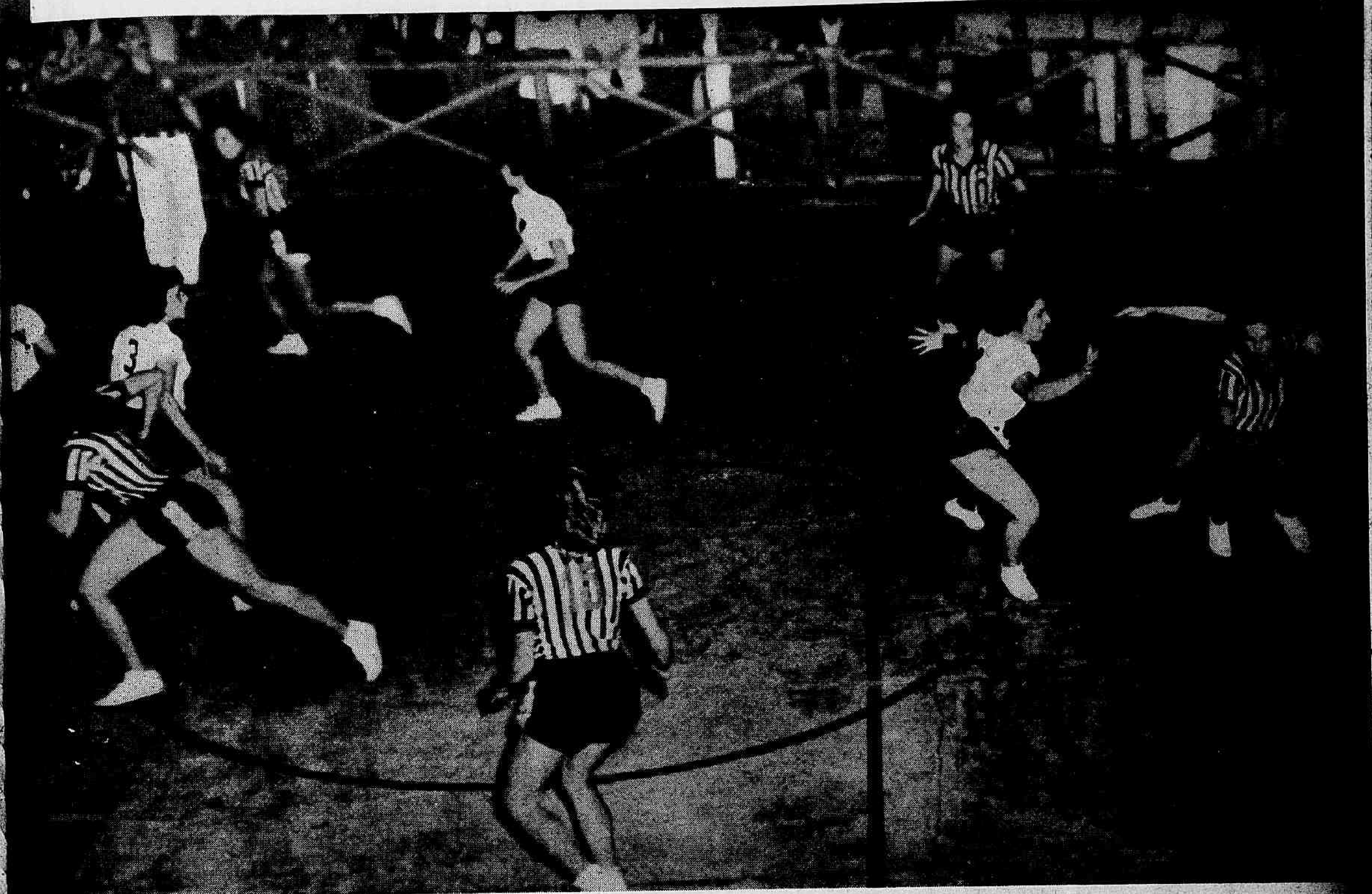
Com a palavra, Osvaldo Lopes de Castro, cronista de basquetebol do "Diário de Noticias", testemunha da acusação:

— Eu acho que o basquetebol feminino, apesar do Conselho Nacional de Desportos considerá-lo compatível na sua prática pela mulher, é não só deselegante, como extremamente perigoso. Um esporte que pode até redundar em casos fatais, porque o choque de uma bola contra o seio da mulher, pode resultar em morte. Aliás, êste perigo os próprios dirigentes que insistem na prática do basquete pela mulher o reconheceram quando fizeram regras especiais para o jôgo feminino. Não pode haver disputa da bola, nem o contacto, não pode haver o "dribling" (enganar o adversário com um jôgo de corpo), e assim o basquete feminino torna-se insípido como jôgo. Não existe basquete feminino, é um mito, trata-se apenas de arremêsso da bola ao cesto, e assim mesmo continua sendo perigoso, porque, no entusiasmo, as jogadoras usam de recursos fisicos para impedir os lançamentos e os passes.

PODE JOGAR, MAS FISICAMENTE PERFEITA

A defesa da mulher cestobolista é feita pelo decano da crônica de basquete, Melo Júnior, do "Jornal dos Esportes", que diz:

SEIS FLAGRANTES SENSACIONAIS — Ao alto, à esquerda, uma açuana escapa do contrôle de uma tijucana, e prepara o arremêsso; à direita, uma tijucana arma o arremêsso, enquanto a representante do Açu tenta atrapalhar. Ao centro, à esquerda, violenta disputa no garrafão; e à direita, a vereadora Lígia Maria Lessa Bastos, antiga praticante do basket, dá início a uma partida. Em baixo, à esquerda, na hora H do arremêsso, a cestinha do Açu é desequilibrada pela botafoguense. Assim não vale! À direita, as tijucanas escaparam e preparam o tiro



TÔDA A MOVIMENTAÇAO do basket, com as dez jogadoras em ação, colhido neste sensacional flagrante do prélio Botafogo x Açu, na quadra do Mourisco, quando o Botafogo inicia um contra-ataque.. As duas atacantes açuanas procuram evitar a escapada enquanto as demais se colocam para ataque e defesa, a fim de tentar o objetivo: a cesta

— O basquetebol deve ser praticado pela mulher. Evidentemente o basquete com o corpo a corpo, por vêzes, pode gerar jogadas violentas e até perigosas, tanto para a mulher como para o homem. E' evidente também que, em nenhum outro esporte, as jogadas violentas são tão policiadas como no basquete, que deve ser praticado em obediência aos verdadeiros princípios técnicos e sob a vigilância das regras de jôgo. Pode ser pôsto desde logo à margem, como um conceito inadequado, o argumento de que se trata de um esporte de características vibrantes, de largo dispêndio de energias. A mulher moderna, dinâmica e caprichosa, não admite contemporizações, preferindo ombrear-se com o homem na luta pela vida, através dos mais variados campos de atividade. Praticado, de início, com as mesmas regras oficiais do basquetebol masculino, o basquetebol feminino no Brasil não aceitou as restrições apreciáveis postas em vigor em outros países, entre êles os Estados Unidos, como a divisão de campo, e maior número de jogadoras. Garantindo maior sensação ao jôgo, dentro do padrão de emotividade reclamado pelo temperamento de nossa gente, o basquetebol feminino no Brasil entrou a ser praticado tal como sempre o fizeram os homens. Depressa, porém, constatou-se a impropriedade de tal liberalidade, já que pela sua condição especialíssima a mulher não deve ficar exposta aos mesmos rigores e esforços dos elementos do chamado sexo forte. Dêsse sentido de proteção, humano e justo, nasceram certas restrições. Se não bastassem as convicções pessoais dos que apoiam a sua prática, teríamos o exemplo dos Estados Unidos, onde equipes femininas profissionais do basquete, correm o país de norte a sul, em temporadas sensacionais. Todo esporte bem praticado traz benefícios. O basquete dá mais elasticidade e vivacidade à mulher que o pratica, tirando-lhe o aspecto de secundária na vida. Cientificamente, não discuto o assunto. Deve ser praticado qualquer esporte que não seja condenado pelos especialistas. À mulher seja permitido praticar os esportes, tal como os homens, quando em perfeitas condições físicas."

FALTA DE ESTATÍSTICAS PARA CONDENAR

Outra testemunha muito importante depõe no julgamento do basquete feminino, Aderbal Carneiro Ribeiro, dirigente da Confederação Brasileira de Basquete, agora no cargo de presidente do Conselho Deliberativo. Está no basquete desde 1925, quando começou como praticante, e desde 1933 coopera na entidade controladora do basquete nacional, tendo sido o chefe da delegação feminina que participou do campeonato Sul-americano de 1946, em Santiago do Chile. Assim falou:

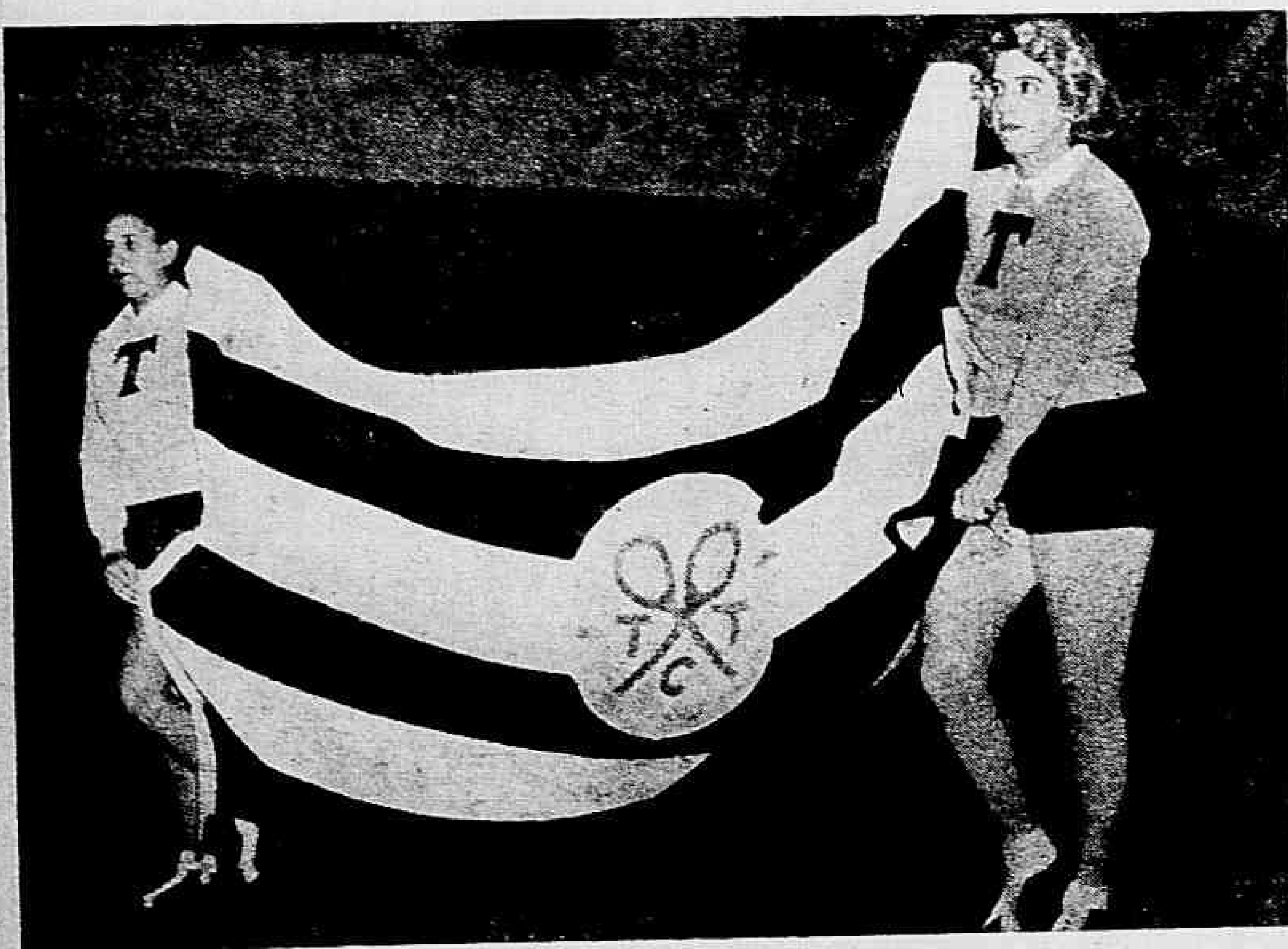
— Não há nada que impeça a prática do basquete pela mulher. Mesmas regras masculinas, mas com tempo de jôgo menor, igual ao que é praticado pelos juvenis e evitando os contactos. No congresso sul-americano de basquete feminino, em 1946, as delegadas argentinas impuseram o ponto de vista de que deveria ser disputado com



QUE CONFUSAO! Choques e mais choques entre açuanas e botafoguenses. A bola, de mão em mão e ninguém a controla até que uma açuana o consegue. Será isso basketball?



QUANTA EXPECTATIVA refletida nos rostos das jogadoras. Parece que a bola ia direitinho para a cesta, mas uma botafoguense conseguiu abraçá-la e conjurou o perigo!



DUAS VETERANAS do basket feminino, Irani e Dicíola, segurando a bandeira do Tijuca, Campeão de 1949. Irani foi a cestinha do torneio, tendo marcado 41 pontos em 6 jogos



O QUADRO TIJUCANO, campeão femisino de basket da F.M.B., de 1949, constituído por: — Irani, Pequenina, Elza, Helena, Maria Augusta, Léa e Dicíola Barbosa



O GOLPE FOI tão violento, que a jogadora tijucana, na hora do arremate final largou a bola. E' por isto que acham o basket feminino excessivamente perigoso

as mesmas regras masculinas. Por êste motivo a Junta de Educação Física do Uruguai não permitiu a participação das jogadoras orientais no sul-americano. No Brasil foram tomadas medidas acauteladoras, e a fim de evitar os choques, os juizes apitam nos mínimos contactos. Males não traz. Não há condenação ao basquete feminino, apesar de não existir uma opinião unânime de que não deva ser praticado. Não temos estatísticas para comprovar casos fatais. O basquetebol feminino é um esporte emocionante. O jôgo Brasil x Chile, do sul-americano de 46, assistido por 15 mil pessoas, foi um lindo espetáculo. Não vejo porque condenar o basquete feminino.

TEM SENTIDO EDUCATIVO

A testemunha seguinte é o presidente da Federação Metropolitana de Basquete, Ivan Raposo, que nos deu seu parecer favorável:

— Sou um dos reiniciadores do basquete feminino no Rio, esporte que há vários anos estava completamente abandonado. Não vejo contra-indicação na sua prática pela mulher, em face das regras especiais. Não excita o sistema nervoso das praticantes, porque tendo sentido educativo, coibe os excessos. Exige poder de coordenação, porque se disputa em campo de reduzidas proporções, como é uma quadra de basquete. Enfim, não deixa de ser benéfico à mulher. Para o ano que vem, realizaremos um novo torneio de basquete feminino e isto é a maior prova de sua aceitação pela mulher.

CONTRAPRODUCENTE, OPINA A MEDICINA

Neste julgamento do basquete feminino não poderia faltar uma opinião científica para melhor orientar o juri dos leitores. Fala o dr. Bertholdo Baratz, médico especializado do basquete, na qualidade de chefe do Departamento Médico da Federação Metropolitana de Basquetebol:

— Na minha opinião pessoal de médico acho que o basquetebol é contraproducente para a mulher, por ser um esporte de contacto, e sendo a mulher, mais do que o homem, fisicamente vulnerável aos traumatismos, os choques têm efeito perigoso. Quanto à questão de que a pancada da bola no seio pode resultar em morte, devo dizer que existe um conceito médico, de que, geralmente, um choque em tal região ocasiona cancer. Agora, como médico da Federação Metropolitana de Basquetebol, examinei tôdas as amadoras que se inscreveram no torneio, e achei-as fìsicamente aptas à prática do basquetebol.

BASQUETE FEMININO IGUAL AO MASCULINO

A última palavra cabe a uma praticante do basquetebol. Vamos ouvir a figura número "1" do último torneio de basquete, a cestobolista Irany Pereira da Costa, que foi a amadora que marcou maior número de pontos: 41, em 6 jogos. A "captain" do time do Tijuca, começou a jogar basquete no time do Instituto Superior de Preparatórios, em 1937, e depois o continuou praticando até 1943, retornando agora para se tornar campeã carioca, e "cestinha" do torneio. Assim se expressou em defesa do esporte, em que veste a camiseta rubra do clube do sr. Heitor Beltrão:

— Acho que o basquete pode e deve ser praticado pela mulher. Não traz nenhum prejuizo de ordem física, nem emocional. O resto é fantasia dos que negam à mulher uma participação igual à do homem nos esportes. Penso, inclusive, que as regras do basquetebol feminino devem ser idênticas às do basquetebol masculino, para não perder o caráter de movimentação e disputa da bola, mesmo porque os treinos do Tijuca eram realizados no mesmo tempo dos jogos masculinos e dentro das mesmas regras, sem que nunca houvesse prejuizo para nenhuma de nós. O mais é mágoa de certos homens que não têm condições físicas para a prática do esporte.

O VEREDICTO

Agora cabe aos leitores dar o veredicto da questão, após o exame dos depoimentos: 4 favoráveis ao basquete feminino, e dois contra!



A EQUIPE BOTAFOGUENSE colocada em 2.º lugar no torneio feminino de basket, que não venceu, uma só vez, o time campeão. Logrou apenas duas vitórias contra o Açu



A EQUIPE do Açu Clube, constituída por alunas da Escola Nacional de Educação Física, que apesar de não ter vencido um só jôgo, mostrou que sabe controlar bem a bola

Nicodemus DISSERTA SOBRE A EVOLUÇÃO DO

casamento...

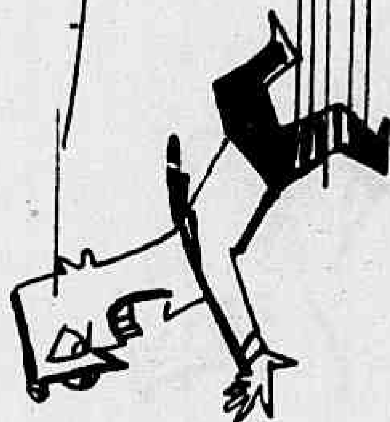


NO TEMPO DAS CAVERNAS O ATO EM QUESTÃO CONSISTIA NA COISA MAIS PRÁTICA DO MUNDO: O NOIVO MIMOSEAVA COM UMA MACHADADA A CABEÇA DA ELEITA DE SEUS DEVANEIOS CAVERNOSOS E A LEVAVA PARA A TÓCA ...

COM O CORRER DOS ANOS O NEGOCIO FOI SE COMPLICANDO: PAPELADAS, PADRINHOS, TESTEMUNHAS, TRAJES, VEUS, LUA DE MEL, DESPESAS EXTRAORDINARIAS E NÃO EXTRAORDINARIAS ...

O DESGRAÇADO TOMBA INAPELAVELMENTE NUM ABISMO QUANDO DIZ O





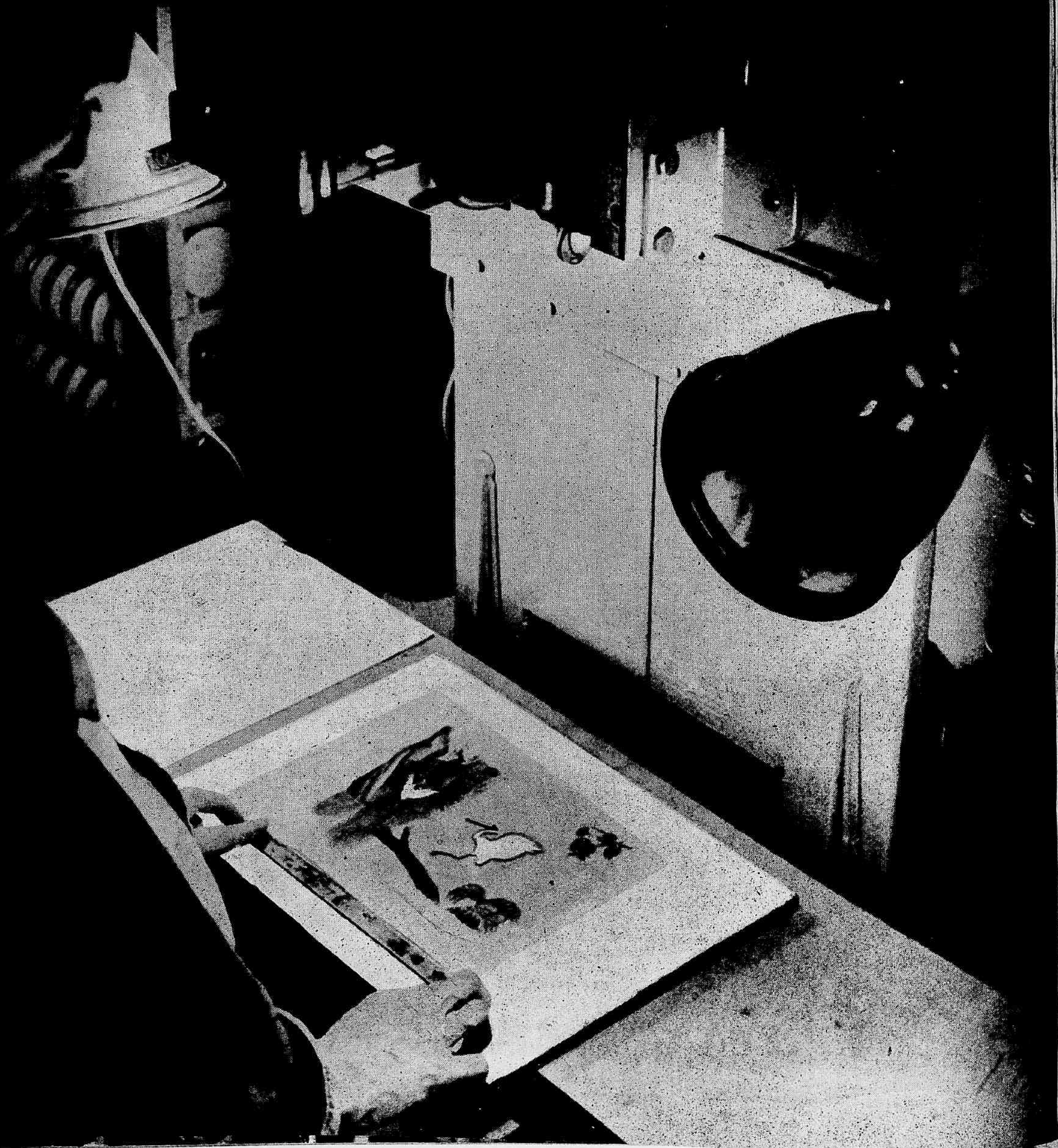
E DEPOIS ACONTECE, IGUALZINHO, TIM-TIM-POR-TIM-TIM, AO QUE ACONTECIA NO TEMPO DAS CAVERNAS, ISSO E': O QUE A GENTE JA' SABIA, PRESUMIA, FAREJAVA ...



Moral:

NÃO HA MORAL PARA ESSA HISTORIA ...

O QUADRO A SER FOTOGRAFADO COMPÕE-SE DE UM CENÁRIO PINTADO EM CORES E MAIS TRÊS CELULÓIDES SOBREPOSTOS, UM PARA CADA GARÇA E OUTRO PARA O TRONCO NO PRIMEIRO PLANO. NA TELA, TUDO ISSO LEVA 1/24 DE SEGUNDO



WALT DISNEY TEM UM RIVAL NO BRASIL



CRIANDO A "SINFONIA AMAZÔNICA"

Angelo Latini em sua mesa de trabalho, entregue ao poder criador da fantasia e rodeado de seus personagens: o Bôto, Mapinguari, Curupira, Japu, Uru-Táu e Yrapuru, heróis que pertencem ao nosso folclore, proximamente "animados" na tela

O JOVEM ANÉLIO LATINI FILHO, TRABALHANDO NO ANONIMATO, PREPARA UM DESENHO ANIMADO DE LONGA METRAGEM ★ "EU SOU AUTODIDATA. FAÇO DESENHOS DESDE QUE ME CONHEÇO!" ★ MODESTO, OBSCURO, MAS DOTADO DE TALENTO E FÔRÇA DE VONTADE ★ 500.000 "CROQUIS" ★ ÊLE SÒZINHO ★ BRASILEIRO ACIMA DE TUDO

Reportagem de JOÃO ALVARENGA

FOMOS informados de estar a "Latini Studio" preparando um desenho animado, "Sinfonia Amazônica", para ser exibido em princípios de 1950, e tratamos de procurar seus realizadores para nos inteirar da realidade. A incredulidade própria do repórter era aumentada por se tratar de um empreendimento de certo vulto e arrôjo, ousado demais para a descrença que acompanha a iniciativa nacional. Êsses sentimentos eram reforçados quando, frente ao repórter apareceu um rapaz, magro e alto, de semblante triste. Guiou-nos até uma edificação isolada, nos fundos da casa onde mora, subimos ao primeiro andar e entramos num pequeno quarto.

— E' aqui onde trabalho. Aqui faço os meus desenhos — disse.

Uma prancha, uma escrivaninha, livros, arquivo, e pronto, não havia lugar para mais nada. Em cima da prancha, fôlhas esparsas com desenhos de bonecos. Indagámos:

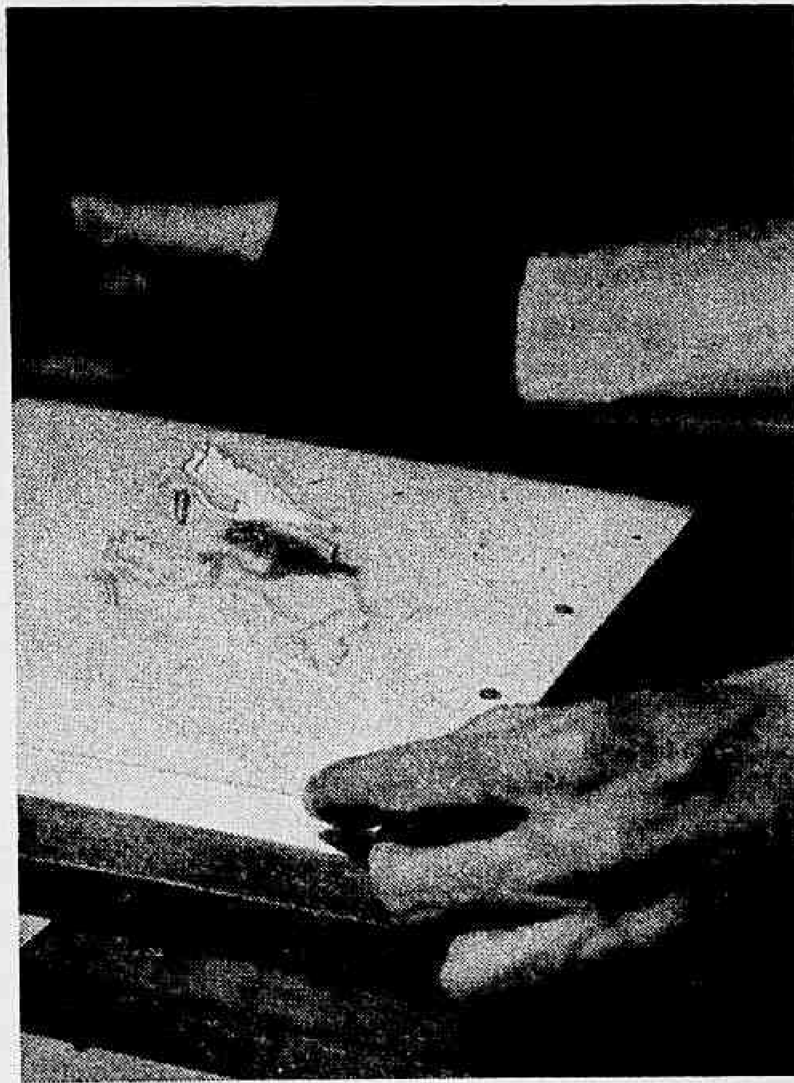
— Há quanto tempo trabalha no seu desenho animado?

— Faz dois anos que dedico as minhas atividades diárias ao primeiro desenho animado de longa metragem, pois já fiz alguns "shorts" e uma ou outra experiência.



YARA

A sereia feiticeira das águas dos rios e das lagôas



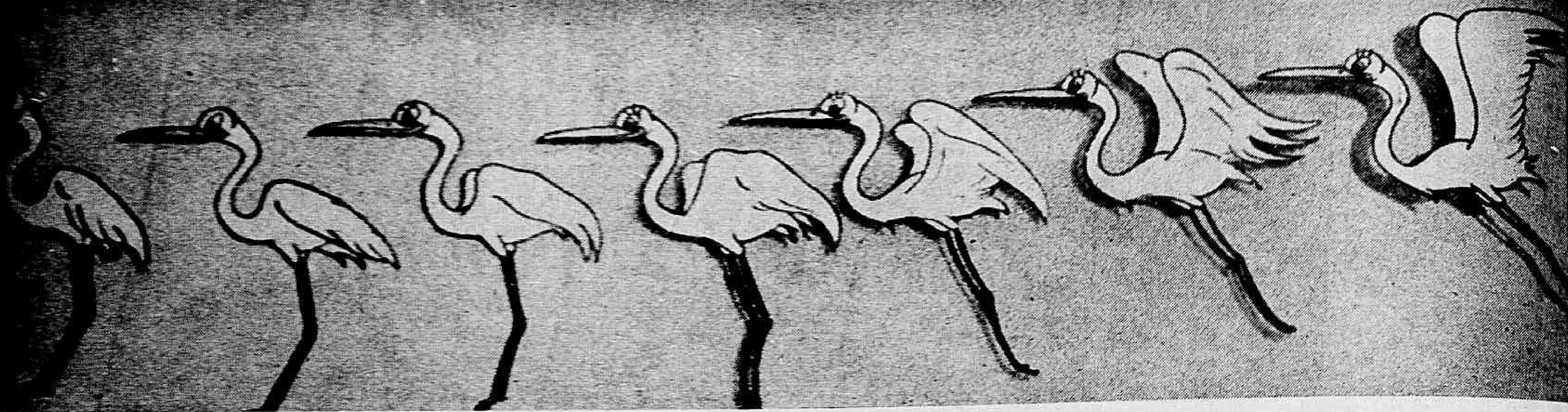
CÓPIA NO CELULOIDE

Após verificar que o esbôço feito a lapis deu certo



CURUMI

O gozado personagem central de tôda a história



SEQUÊNCIA

Desenhos de uma garça, mostrando como se obtem o movimente no filme. Êles foram fotografados um após outro; passando na tela, teremos a impressão exata da garça em vôo

— Mas, como aprendeu a técnica dêsses desenhos?

— Eu sou autodidata. Desenho desde que me conheço e logo que tive ocasião de apreciar os primeiros desenhos em fita, ainda em prêto e branco, como os do Camondongo Mickey e outras da mesma época, eu era menino então, tornei-me um entusiasta pelos bonecos em movimento. Um dia, desenhei nas margens das páginas de um livro, uma série de figuras de um mesmo boneco, em poses sempre um pouquinho diferentes, imitando os movimentos. Depois folheei rapidamente o livro, segurando as páginas com o polegar, e vi que a série de desenhos se animava, adquiria vida. Para mim foi um achado, e desde então não pensei em outra coisa. Matéria escrita sôbre o desenho animado não existe, de modo que tive que tentar sempre sozinho, experimentar, fazer e desfazer. Cheguei a filmar um desenho de cinco ou seis minutos de duração. Isto foi há 12 anos...

— Há 12 anos? Mas, então, que idade tinha você?

— Como agora tenho 24, naquela época contava portanto 12 anos. Depois dessa minha primeira tentativa, estudei e continuo estudando a fundo a técnica do desenho animado. Colaborei em várias revistas infantis rabiscando histórias em quadrinhos. Observando os trabalhos estrangeiros, especialmente os americanos, assimilei a evolução, fui arquitetando um plano, criando personagens, desenvolvendo as características de cada um, preparando-me enfim para êste empreendimento decisivo.

— Quer dizer que o seu trabalho é do tipo criado por Walt Disney?

— Justamente. Do mesmíssimo tipo. Pensei que se conseguir apresentar o meu filme, a primeira coisa que o público fará, é compará-lo aos americanos. Por isso, observei o que de melhor êles têm produzido, como "Branca de Neve", "Fantasia" e outros, para captar a técnica mais aprimorada por êles empregada. Estou fazendo o meu filme baseado e partindo dêsse ponto culminante do progresso alcançado em tudo o que diz respeito ao desenho propriamente dito. Se houver algum merecimento na minha produção, será apenas porque é trabalho efetuado inteiramente aqui no Brasil, por brasileiros, com material rudimentar e por ser de assunto brasileiro, brasileiríssimo.

— Por que êsse título: "Sinfonia Amazônica"?

— Eu sou um apaixonado pelas coisas da nossa terra, figurando em primeiro lugar o folclore. Fui me convencendo do grande interêsse que teria o levar as nossas lendas, personagens e animais à tela, para divulgar, de modo acessível a todos, os belos contos do mundo fantástico brasileiro, que nada ficam devendo à mitologia e às fábulas gregas ou às lendas germânicas e escandinavas. Pedi ao Joaquim Ribeiro que escrevesse o argumento, êle reuniu sete lendas, e como há predominância de assuntos amazônicos, dei-lhes o título conveniente.

— Poderia adiantar alguma coisa sôbre o tema do filme?

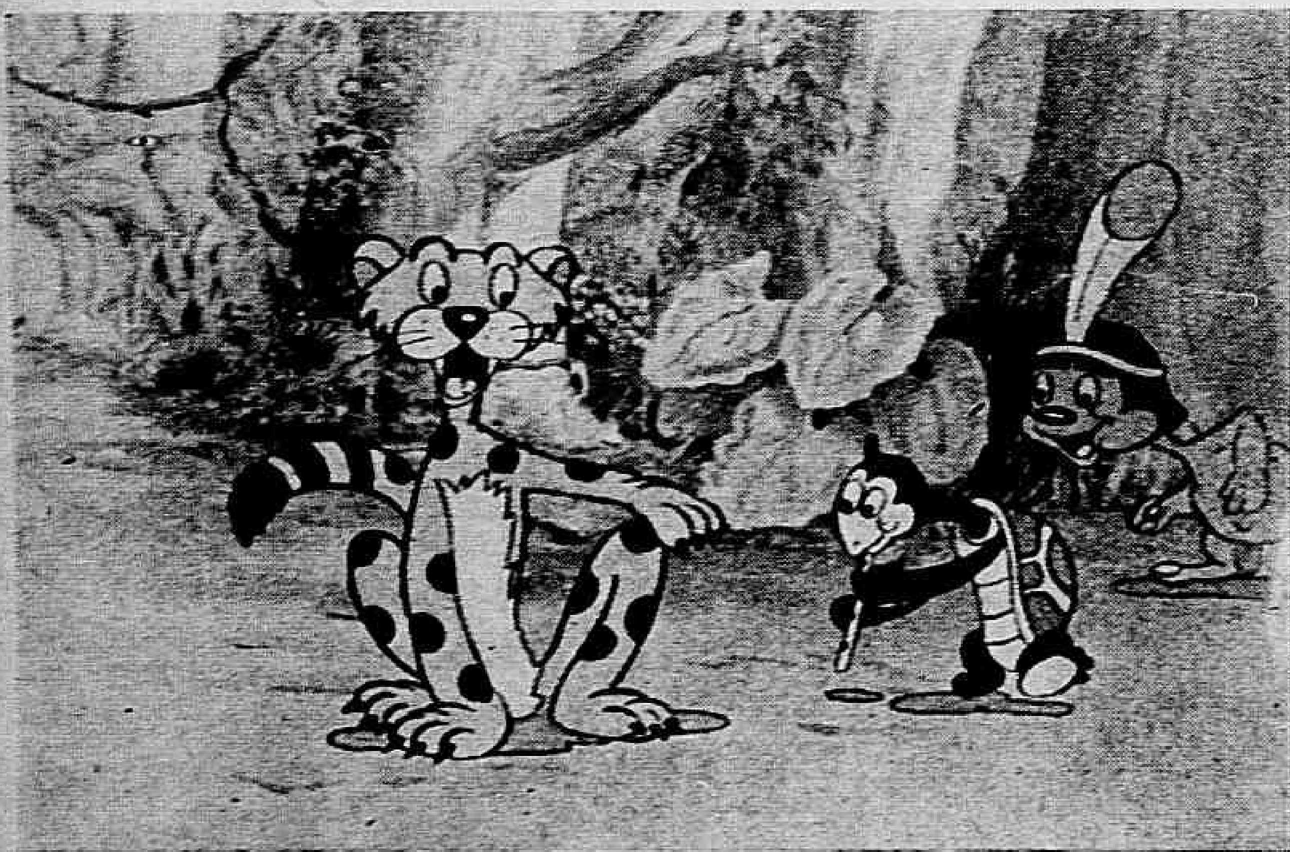
— Trata-se de uma sequência de sete lendas, tendo por abertura uma "Alvorada". As lendas são: 1) — da Noite, onde se conta o nascimento da Noite, devido à curiosidade de três servos que abriram um caroço de tucumã, que lhes fôra entregue pela Cobra Grande, no Palácio Aquático e sombrio de Boi-Una; 2) — da formação do Rio Amazonas, pelas lágrimas de Jacy — a lua — e do Uru-Táu, pássaro notívago e apaixonado da lua. Termina com a adoração das Icamiabas — as Amazonas — no lago "Espêlho da Lua"; 3) — do Fogo. E' o pássaro Japu, que conta a sua história. Era êle um valente guerreiro. Foi um dia incumbido pelo pagé de ir buscar o fogo dos raios guardados no céu. Sobrevinda a tempestade, consegue pegar um raio e entregar o fogo à tribo. Mas, seu rosto ficara todo queimado. Foge envergonhado e Tupã, compadecido, transforma-o em Japu, o pássaro de bico vermelho; 4) — do Jabuti e sua flauta de canela de Onça, conseguida por meio da astúcia; 5) — da Yara, na qual os personagens principais do filme, escondidos pelas folhagens, contemplam um deslumbrante espetáculo, a Yara que baila ao luar; 6) — do Jurupari — o pesadelo — que junto do Mapinguari — gigante do Amazonas — atormentam o sono do Curumi, um pequeno índio. E, finalmente, a do Arco-íris, que é a Cobra-Grande que sai do Rio, sobe e se transforma na Serpente das sete côres, o Arco-íris. E assim termina o filme.

— São sete episódios diferentes, não é assim? Sem continuidade.

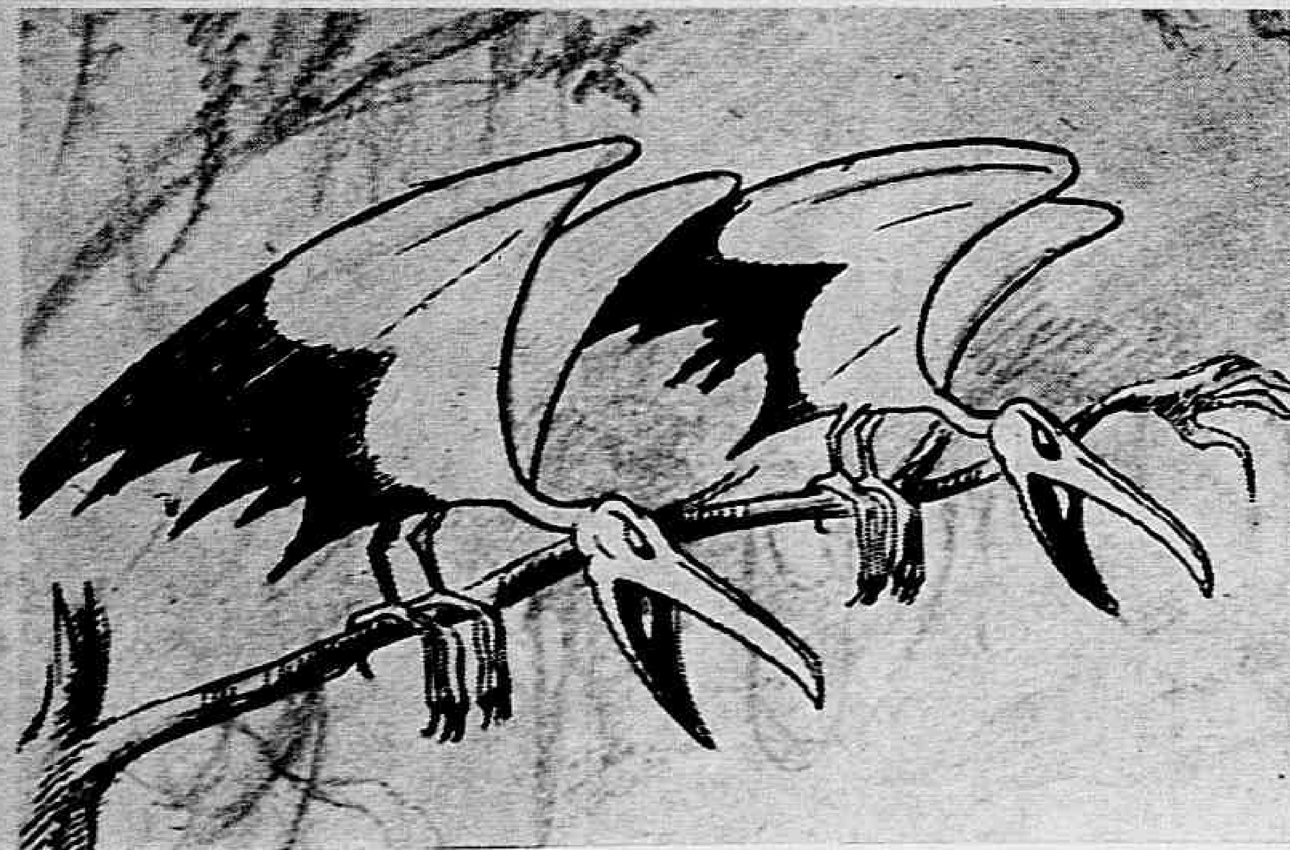
— Não. Haverá continuidade, pois o personagem central da história, o Curumi, é quem servirá de ligação entre as lendas, tendo como cicerone, na viagem que faz pelo Rio, o Bôto.

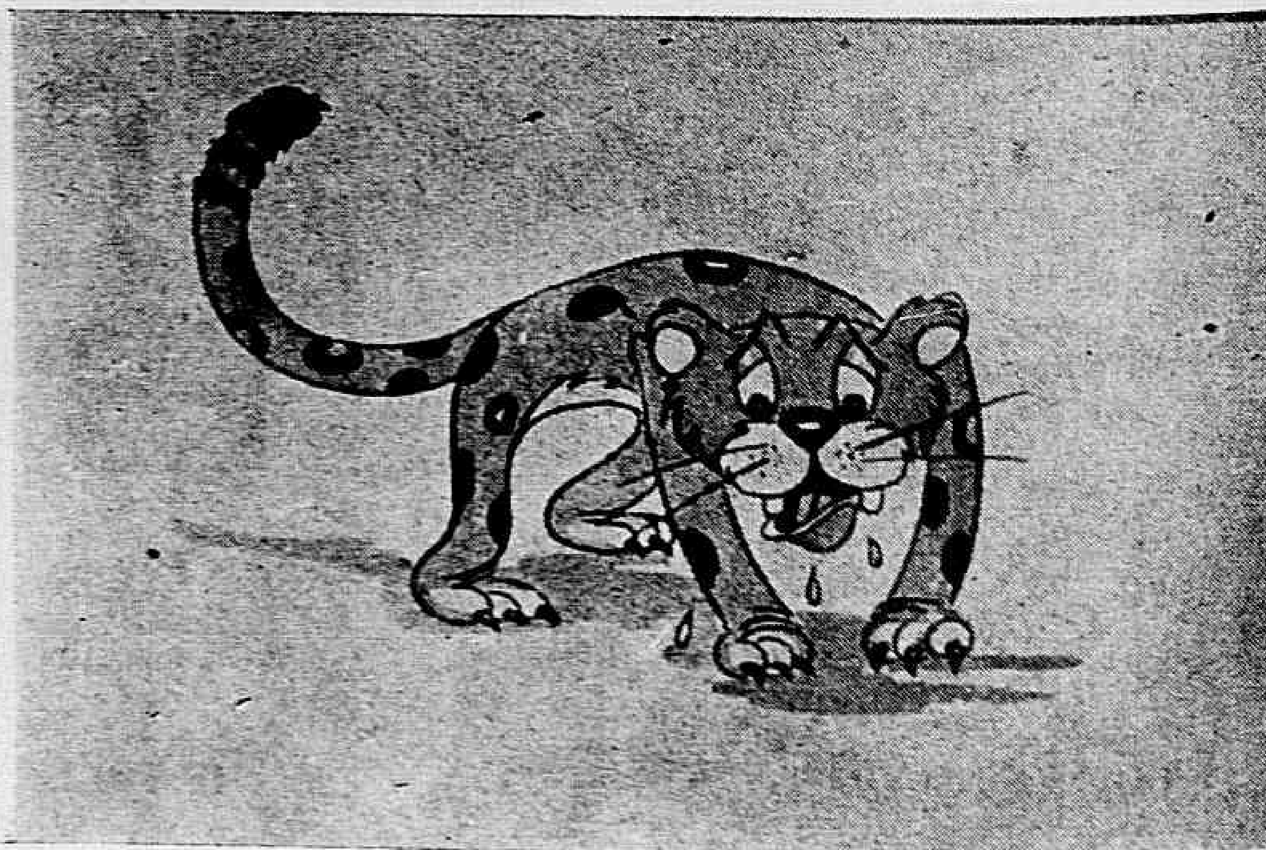
Falando na possibilidade de nos divertirmos com as aventuras do Curumi, o jovem Anélio esclarece:

— Não acredito que isso aconteça, pois, na realidade, o filme não tem muitas sequências engraçadas, para rir. As próprias lendas são sérias. Mas trata-se de assunto que interessará a grandes e pe-









CENAS DIFERENTES

Respectivamente: Lenda do Jabuti e sua flauta de canela de onça; índios executando a Dansa do Fogo, obtido com o sacrifício de Japu; aves amorfas da Lenda da Noite e a Onça

quenos, que eu procurei atacar e desenvolver especialmente pelo lado artístico.

— Teremos oportunidade, então, de ouvir, como fundo musical, as belas páginas do nosso folclore, para acompanhamento sonoro das lendas aproveitadas?

— Infelizmente, não. Procurei a Sociedade que cuida dos interêsses dos autores, e alguns deles pessoalmente. Foram tantas as objeções, os obstáculos, as pretensões apresentadas, que acabei desistindo. A música será tirada do repertório clássico universal, pois não estou em condições de pagar direitos autorais, pelo menos neste primeiro filme, a não ser pelo sistema de cotas, que não foi aceito. Para duas das lendas, meu próprio irmão, Hélio Latini, escreveu duas músicas: a canção da Yara, cujo título será "Recordando uma lenda", e um chôro para a lenda do Jabuti.

Pedimos ao Anélio que nos explicasse como trabalhava, para produzir o seu filme. E êle, mostrando os originais, explicou que depois de ter o argumento pronto, fêz alguns desenhos-chaves com o roteiro para a história. Em seguida, fêz esboços dos movimentos dos vários personagens. Depois passou a desenhar a mão, em fôlhas separadas, tôdas as posições necessárias à animação de cada objeto em movimento, seja personagem, animal, fôlhas ou simples gôtas de chuva. Uma vez pronta a sequência, faz uma filmagem de prova.

E aí descemos ao laboratório, no andar térreo, onde êle nos mostrou o complicado trabalho de filmagem, entre máquinas na maioria de fabricação própria, contando com a valiosa colaboração de outro irmão, Mário Latini. Assistimos à projeção de algumas cenas-provas do filme e apreciamos a técnica dos movimentos, notando a flexibilidade dos corpos, a suavidade das atitudes e a falta de gestos bruscos. Foi projetado, a seguir, o filme que Anélio havia feito aos doze anos. Mesmo levando em conta as falhas técnicas próprias de um garôto daquela idade, estávamos na presença de alguma coisa de real e começamos a encarar com maior crédito o trabalho ali executado. Mas, foi na visita a um terceiro lugar de atividade do Anélio, que reforçamos o sentimento de confiança que estava substituindo, aos poucos, o de incredulidade. Êsse lugar é um quarto sem janelas, no qual o desenhista trabalha hermeticamente fechado, por causa da poeira. Uma vez verificado, pela passagem da fita, o acêrto dos desenhos, trata êle de pintar a óleo e em côres os cenários, e, em fôlhas de celulóide, copia todos os desenhos feitos a mão nas fôlhas de papel e pinta-os de prêto e branco. A poeira no quarto é evitada para não arranhar os celulóides. O trabalho é todo efetuado com luvas. Perguntamos porque não tinha auxiliares.

— Por várias razões. Não posso pagar um corpo de desenhistas; gosto de trabalho limpo e a experiência que fiz não deu certo. Devia corrigir, riscar, refazer e assim eram tempo e material jogados fora. Êste primeiro será feito todo por mim. Depois, quando puder dispor de um certo capital e de maior espaço, montarei um estúdio bem aparelhado.

E continuou explicando que o filme terá 2.400 metros, com uma hora e 20 minutos de duração. Cada metro tem 52 quadros e em cada segundo passam 24 quadros. Um passo lento é feito por intermédio de 4[illegible] desenhos, um passo médio com 24 e um passo de corrida com 8. O filme todo levará uns 500.000 desenhos diferentes em celulóide. Isto porque um simples quadro leva, às vêzes, além do cenário, 5 ou mais celulóides sobrepostos, em cada um dos quais aparece uma figura diferente.

— O filme será em côres?

— Não. Terá apenas uma tonalidade em azul. Faço os desenhos em côres nos cenários para dar realce, com as nuances, à perspectiva, de modo a ser notada a terceira dimensão, isto é, o relêvo. Não posso filmar em côres, pois os entraves são muitos, materiais, financeiros e até de ordem burocrática, para conseguir as licenças, etc. Reservo a côr para o próximo filme: "Rapsódia dos Pampas".

Examinamos o material já preparado, e vimos cenas e mais cenas, tôdas em celulóide, prontas para serem filmadas. As-

(Cont. na pág. 50)



FALTA FILME VIRGEM

Sim, está faltando — mas outras faltas também estão sendo vencidas pelo jovem Anélio. Não importa. Êle trabalha com afinco e promete dar em 1950, ao Brasil, a sua primeira criação de longa metragem



ACONTECEU EM JUNHO

CONTO DE **CLEONICE T. RIBEIRO**
ILUSTRAÇÃO DE **M. QUEIRÓS**

PAULO fechou-se no escritório para preparar algumas lições de Química. Ajeitou-se na confortável cadeira da secretária, abriu o grosso volume, porém quando baixou os olhos para as primeiras fórmulas eis que a porta se abre ,inopinadamente. Era sua mãe, acompanhando Luizinha:

— Com licença, meu filho. Um instantinho só.

Caminhou até uma das estantes e voltou-se para a pequena com um livro de Contos de Perrault:

— Leia um pouco, minha filha. Êstes contos são tão lindos, tão lindos, que aposto como vão fazer você se esquecer da festa junina...

Luizinha ficou segurando o livro que a mãe lhe passara já aberto. Seu semblante fechado, os olhos lhe saltavam das órbitas, fuzilantes, denotavam indignação. Afundou-se, displicentemente, na poltrona, o livro fechou-se com os meneios de seu corpo e, mal a mãe se retirou, levou a mão muito de leve ao "abat-jour", interrompendo a corrente elétrica que o iluminava. Com os olhos semi-cerrados contemplava agora o irmão do outro lado da sala, absorvido em seus estudos. A claridade da lâmpada de sua mesa, da meia penumbra em que a recebia, formava como que pequenos pirilampos, estrelinhas fictícias que pareciam afrontá-la, compondo nitidamente na sua imaginação o quadro da festa perdida. Ergueu-se, depois de um longo e silencioso bocêjo que mais traduzia contrariedade que propriamente sono. De mansinho, para não perturbar o irmão, caminhou até a janela. Ficou a olhar à distância, como se quisesse descobrir algo. Viu que de uma casa não muito longe soltavam fogos. Viu subir o primeiro balão. Um balãozinho insignificante. Surgiu um outro na mesma direção. Mas, quando o terceiro subiu e atingiu altura suficiente para equilibrar-se, deixando ver tôdas as suas lanterninhas coloridas, a menina não mais se pôde conter. Esqueceu-se do silêncio que o irmão requeria para as suas lições e da calma que ela mesma precisava simular para iludir a mãe. Abriu os lábios num sorriso, depois a voz saiu-lhe misturada com riso e chôro de alegria:

— Oh, é êle, que lindo o nosso balão!

Paulo despertou com esta exclamação e veio ter à janela, passando carinhosamente o braço pelos ombros da irmã:

— O que que há Luizinha?

Talvez, naquele momento, nem se lembrasse estar em noites de junho. Sabia apenas que era época de provas na Faculdade e estava assoberbado com tôda a matéria de um semestre por recordar naqueles poucos dias. Mas, as expansões de alegria da menina eram comunicativas e arrebatavam-no do mundo de nomenclaturas e fórmulas em que seu espírito vivia.

A noite, além, era fria e linda. Noite de junho, iluminada pela luz lucilante de balões e fogos de artifício que, em zigue-zagues coloridos, pareciam quebrar-se no ar como se fôssem finas lâminas de metal brilhante, irresistíveis ao sôpro do vento.

O moço estava encantado com o espetáculo, sentia até que lhe fazia bem aquela fuga aos estudos, porém, tinha que dividir sua atenção com Luizinha, cujos olhos continuavam firmes ao mesmo ponto:

— Olhe lá, maninho. Está vendo aquêle balão bonito que vai subindo, cheio de lanternas? Repare bem como é lindo!

E o braço da menina continuava a apontar, frenético:

— Veja, Paulo, se você distingue do lado direito uma lanterninha com luz verde.

E, muito contente, percebendo que seu alvo era atingido pelo irmão, afirmava-lhe, com orgulho:

— E' aquela sim, aquela fui eu que fiz!...

Paulo sabia que sua mãe trazia a pequena sempre prêsa e vigiada. Daí o espantar-se tanto com esta sua afirmação. No seu cérebro logo se estabeleceram duas alternativas: a menina burlava a vigilância das criadas ou gazeteava as aulas par poder andar por aí, a fazer lanterninhas de balão... A princípio pensou em exasperar-se, chamar a mãe, obrigando a irmã a uma confissão diante dos dois. Depois, murmurou (em pensamento):

— Coisas de criança, eu também já fiz das minhas...

O enorme balão, carregado de lanternas, subia alto e alto no céu. Luizinha o contemplava, embevecida, agora, porém, muito mais compenetrada. Quando viu que êle atingia um grupo de montanhas, desaparecendo entre os cumes, desatou em copioso pranto.

O irmão achegou-se-lhe melhor, modulando de ternura a voz:

— O que é isto, meu bem? O seu balão subiu tão alto, tão bonito... Ou você está com receios de que eu vá dizer alguma coisa a mamãe? Fique tranquila, bobinha.

Mas, Luizinha chorava desesperadamente, sem que o irmão conseguisse acalmá-la. Paulo imagina, então, mil motivos que justificassem aquela situação. Por que a mãe privara, afinal, a pequena de sair naquela noite, prendendo-a na sala de estudos? Finalmente, ela estava só com 12 anos, tinha direito àqueles folguedos. Em pensamento, chegou a recriminar sua mãe. Sim, ela estava errada. Era um crime prender em casa a menina, em noite de tantas alegrias. As alegrias de junho — disse consigo — pertencem às crianças. Pois, não são elas as donas dos mais puros sonhos e esperanças? Lembrou-se dos seus tempos de garôto, de quando no meio da gurizada empinava-se na ponta dos pés para segurar os gomos do balão, até que se enfunassem bem... E pareceu-lhe ouvir, ainda, a gritaria feliz da meninada quando o balão se aprumava no ar. Hoje compreendia que naqueles momentos êles festejavam a realização de sonhos e esperanças. Sentia prazer em suas recordações, porém, o rumor dos soluços de Luizinha continuava, incomodativo. Eu não sei por que — interrogava-se — aborrecem-se às crianças? A vida, por seu turno, já não trz contrariedades inevitáveis. E o mundo de nossos dias precisa tanto de meninos alegres! Será que mamãe ignora que as crianças risonhas de hoje serão os homens felizes do futuro?

Luizinha continuava a soluçar. E Paulo abondonou seus pensamentos, achando mais psicológico palestrar com ela:

— Afinal, por que tôda essa tristeza, maninha?

A pequena levantou a barra do vestido, simplesmente, e, como se se servisse de um grande lenço, enxugou o rosto molhado. Depois falou, com voz pausada e comovida:

— Eu... Paulo eu queria ajudar sol... soltar o meu ba... balão!

E de novo se desmanchou em chôro. O moço esperava esta resposta, porém mesmo assim, a confirmação entristeceu-lhe. Para disfarçar-se, passou a alisar mansamente os cabelos da menina, enquanto conversavam:

— Depois das provas, Luizinha, lá para São Pedro, vou fazer um bonito balão para você.

— Você não sabe fazer... — objetou ela, habituada a ver o irmão sempre às voltas com graves objetos de laboratório.

— Sei, sim. Então o que você pensa, eu também já fui menino... E quer saber quem foi que me ensinou?

— Papai e mamãe já sei que não... — respondeu com tom de desprêzo.

Na imaginação do rapaz surgiu, de repente, um dos quadros mais agradáveis de sua infância: a casa de um velho fabricante de balões, uma oficina alegre, que vivia repleta de crianças. E, notando que a irmã se reanimava, interessada na conversa, continuou:

— Foi há muitos anos, Luizinha, nós morávamos noutro bairro, em rua mais modesta. Mamãe não tinha tantas criadas como hoje, pois papai ainda não acertara nos negócios. Eu corria, assim, às sôltas pela rua e foi-me fácil descobrir a casa de um velhinho tão amigo, tão bom, que até hoje não o esqueci... O ano inteiro êle trabalhava na confecção de flores de papel, palmas, laçarotes, enfeites os mais diversos para pingentes de luz e para lâmpadas, mas, quando junho se aproximava, já em princípios de maio, dia e noite êle não fazia outra coisa senão balões. Fazia-os lindos, Luizinha, de tôdas as cores e feitios: balão charuto, tangerina, caixa, bola, estrêla...

— E também punha-lhes lanterninhas?

— Claro, e as fazia com cuidados especiais para que resistissem à fôrça do vento sem se apagarem. Aliás, os seus balões eram afamados porque não falhavam. Nunca vi um freguês seu reclamar que um balão deixasse de subir. E nós, meninos da redondeza que frequentávamos sua casa, éramos os seus auxiliares. Ajudavamos-lhe na divisão das resmas de papel, no corte das fôlhas e no

(Cont. na pág. 52



DESERTO

A caravana da REVISTA não encontrou viv'alma nesta região; era como se a nossa reportagem penetra-se em um mundo estranho, de outro planeta, e realmente aqui, no ponto culminante das Sete Cidades Encantadas, poucos seres humanos têm chegado. Note-se os cavalos amarrados numa árvore, quase ao centro da gravura. Ferro e rocha, pouca vegetação, muita terra inexplorada, eis o que logramos encontrar, além de alguns vestígios de aqui terem passado habitantes selvagens, em tempos bastantes remotos

HABITANTES SELVAGENS NOS SERTÕES DO PIAUÍ

UM ACHADO, EM PIRACURUCA, VEM CONFIRMAR A TEORIA DE VÁRIOS CIENTISTAS ★ HIEROGLIFOS NOTÁVEIS POR TEREM RESISTIDO À AÇÃO DOS SÉCULOS ★ A GRUTA ONDE VIVEU E MORREU O HOMEM QUE SE ACREDITAVA CAPAZ DE "DESENCANTAR" AS SETE CIDADES ★ UMA VISITA AO CASTELO DO REI

Fotos e texto de Vinícius Lima

(Enviado da **REVISTA DA SEMANA** ao Piauí)

TERCEIRA E ULTIMA REPORTAGEM DA SE'RIE

(AS SETE CIDADES ENCANTADAS)

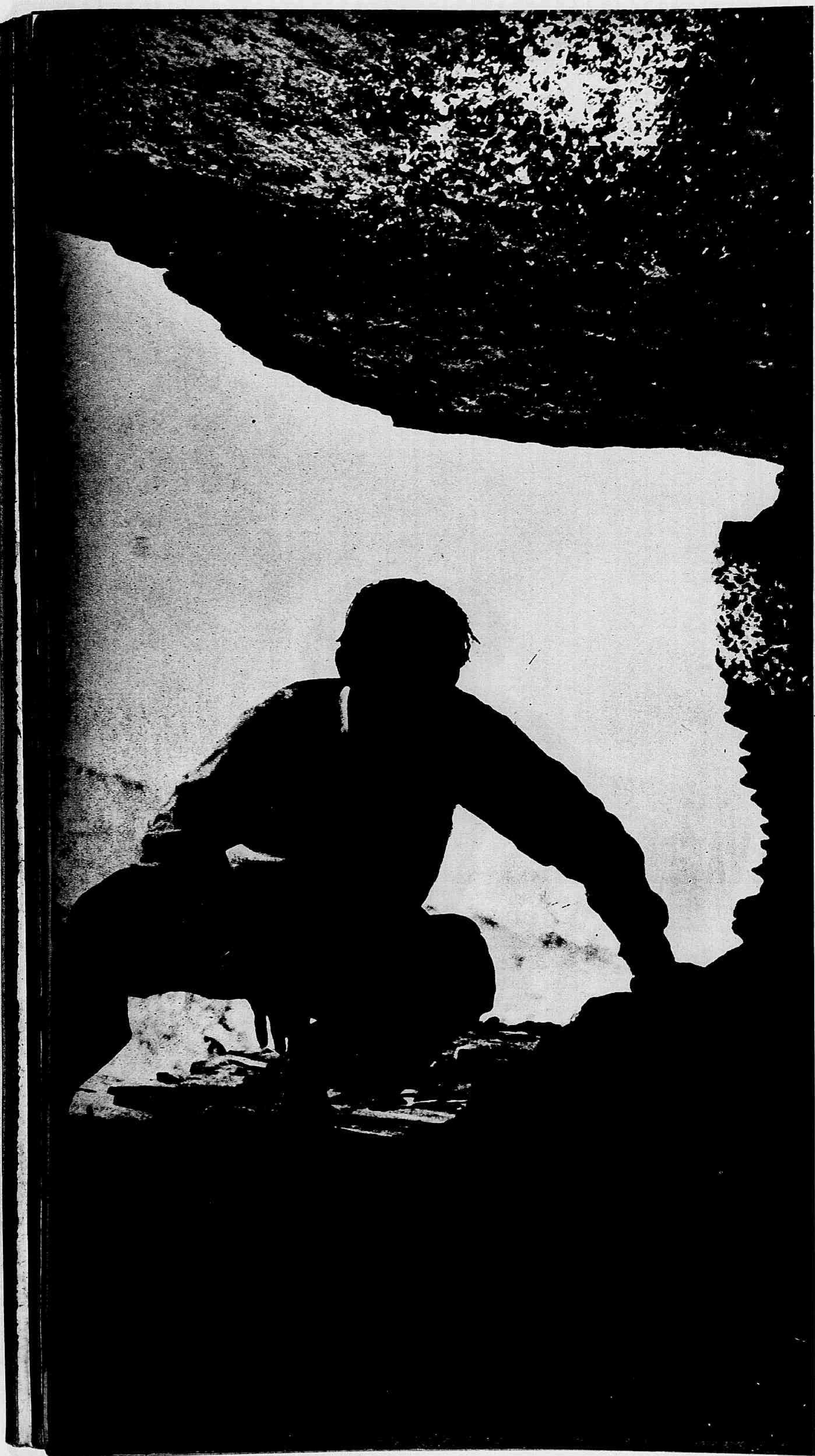
NESTA terceira reportagem sôbre as famosas "Sete Cidades Encantadas" pensei em reportá-las à luz dos trabalhos científicos realizados por alguns eruditos, trabalhos êsses pouco divulgados no Brasil. Mas cheguei à conclusão da minha condição de leigo, por isso, limito-me a descrever aquilo que vi e observei. No entanto, percebo que as críticas são indispensáveis, em alguns pontos, em virtude do excesso de pessimismo daqueles que lá estiveram antes de mim. Baseio-me para tanto na razão seguinte: sou jovem, Ludovico e outros eram velhos demais para escalar penhascos. E a minha condição de jovem favoreceu-me. Estive em lugares antes nunca visitados, tendo encontrado hieroglifos até então desconhecidos. Da mesma forma sucedeu em relação às inúmeras cavernas existentes nas Sete Cidades. Penetrei em algumas delas, tendo encontrado um fóssil precioso, o qual futuramente será objeto de estudos. Êsse pedaço de madeira petrificada não é apenas um fóssil para enriquecer coleções. Êle vem confirmar a teoria de que as Sete Cidades já teriam sido submersas. Faltavam apenas as provas, as quais tive a felicidade de conseguir.

V. L.



RUAS PRE-HISTÓRICAS

Na suposição de muita gente, inclusive do explorador Ludovico, isto são indícios de uma das ruas principais da "metrópole encantada". Com uma boa dose de otimismo poderemos acreditar que realmente assim é, mas como fruto de uma perfeita ilusão



UM REPÓRTER DESCALÇO
Se é preciso dar uma prova do esfôrço realizado para obter êste serviço informativo, aqui está: o repórter, descalço, na "janela do palácio encantado". Nem ninfas nem murais o esperavam. Quando muito, algum receio de queda, enquanto o disparador automático funcionava...

NO PALÁCIO DO REI

E' interessante frizar o medo terrível que os colonos possuem de se aproximar do famoso Castelo das Sete Cidades Encantadas. A visão crespuscular dêsse amontoado de pedras é simplesmente fantástico, a ponto de provocar arrepios na espinha. A nossa caravana invadiu-o às 14 horas do segundo dia de visita. Tínhamos a impressão de que iríamos deparar com um mundo fantasmagórico, com bruxas e fantasmas milenários. Meu guia era um tipo raro de sertanejo. Elias acreditava na decepção, e foi o que realmente aconteceu. À medida que nos aproximávamos, o Castelo perdia a sua forma. Galgâmo-lo usando cordas, de pés descalços, em virtude das lages escorregadias não permitirem o uso de sapatos. E o Castelo Encantado nada mais era que uma saliência gigantesca da imensa rocha, sem forma definida. As grutas e galerias a que se referem algumas pessoas que lá estiveram, também não possuem grande importância. Percebe-se apenas que, dentro das rochas e em mistura com as mesmas, há um mineral de estranho brilho que, absolutamente, não pode ser comparado ao cristal. E' aderente à epiderme e quando comprimido entre as mãos torna-se pó. Pó tão fino que parece ter passado por um processo de trituração. E', geralmente, de côr escarlate; outras vêzes encontra-se também de tonalidade marron ou branco. E entre êles e as rochas a caravana notou que apareciam filetes de um outro mineral escuro, muito parecido ao ouro bruto, mas, as paredes das rochas em que está êsse terceiro mineral são quase inacessíveis, e, as fotos que obtivemos não forneceram o detalhe que seria de esperar. A luz deficiente do interior do Palácio do Rei dificultou a ação da reportagem que, na véspera, tinha perdido o seu "flash".

UMA GRUTA E A SUA HISTÓRIA

Há nas Sete Cidades uma gruta onde viveu um homem durante mais de vinte anos. Tinha morrido na véspera de nossa chegada a Piracuruca. Ninguém conhecia o seu verdadeiro nome. Era o Chico, o louco, e nada mais. Chico dizia-se enviado dos deuses para desencantar as Sete Cidades. De lá nunca saia a não ser para caminhar os 46 quilômetros que o separavam da cidade mais próxima, onde ia esmolar. Os prefeitos de Piracuruca compadeciam-se de Chico e toleravam a sua obsessão. Mandavam-lhe mantimentos. Chico morreu nas Sete Cidades, onde enterrou um filho. No interior da furna em que residia ainda existem alguns utensílios usados pelo maníaco. Chico afirmava que, de um momento para outro, "quebraria o encantamento" da "cidade petrificada", mas, coitado, faleceu, acabou-se, e as Sete Cidades continuam em mistério.

UM LABIRINTO INFERNAL

As Sete Cidades, para as pessoas supersticiosas, podem ser realmente tenebrosas. Houve lugares onde deparamos com o horror até no sibilar dos ventos. Nas gargantas e nas encostas das montanhas seria de esperar que uma coleção de morcegos e aranhas fôssem encontrados, mas o que mais admirou o repórter foi a sua ausência absoluta nas Sete Cidades. Justifica-se assim o fato de serem as Sete Cidades cheias de labirintos e grutas. Nas grutas da Amazônia o mais comum são as aranhas e morcegos, principalmente êstes últimos, que se tornam perigosos quando em grande quantidade.

Ingressamos numa gruta, cuja abertura não excedia de 10 metros



FAZENDA OU MIRAGEM?

Outro flagrante obtido do interior do Palácio do Rei. Fixando-se bem a vista, distinguem-se as formas de uma rude fazenda do Nordeste, mas se o leitor não estiver disposto a ver a fazenda, bastará ser pessimista e terá visto apenas pedra. Mesmo porque foi pedra tudo quanto, na realidade, encontramos, ao aproximarmo-nos do ponto que a gravura mostra ao fundo. Terão mesmo vivido nestas paragens indivíduos selvagens, em outras éras? Alguss indícios encontramos no curso desta reportagem como se vê no texto.

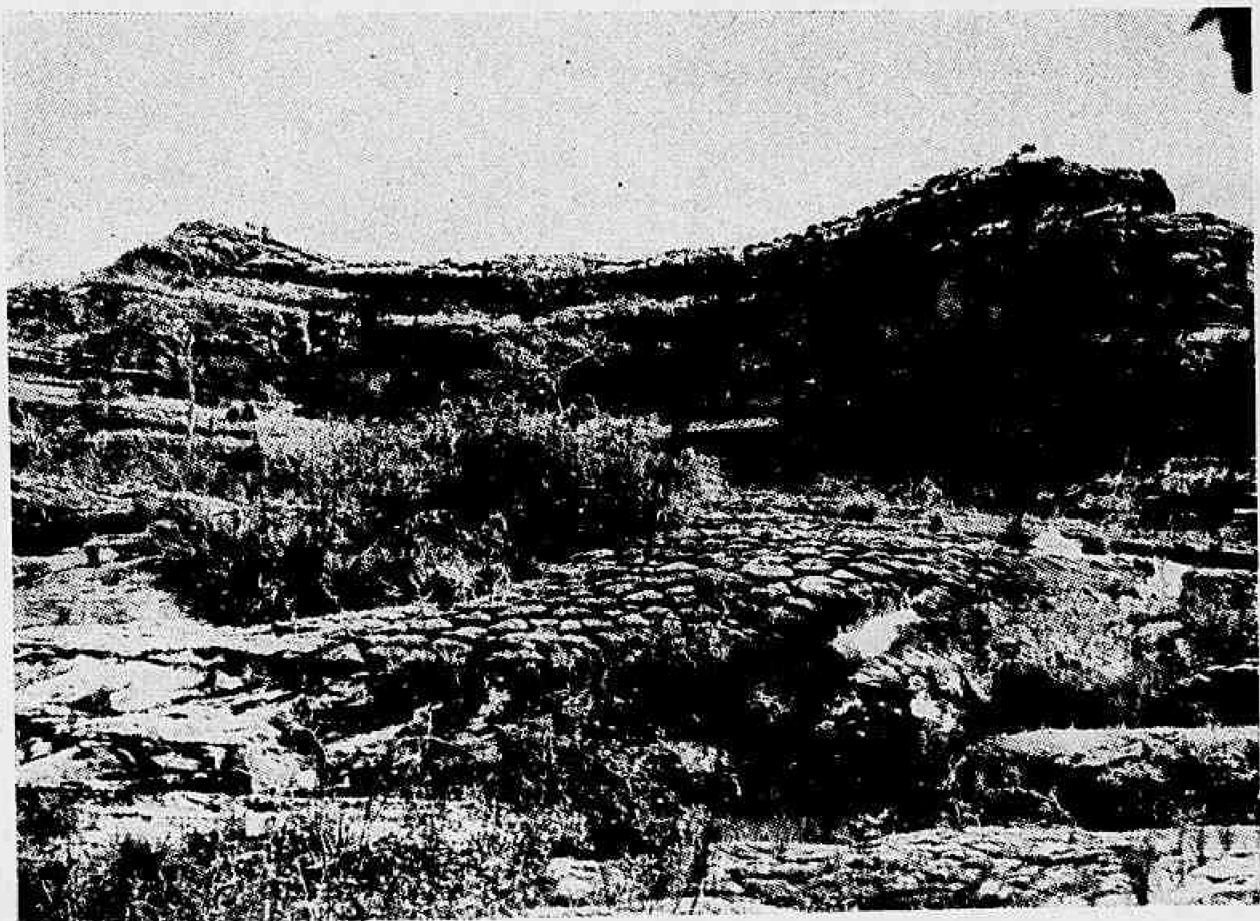
de circunferência. Caminhamos alguns passos e sentimos que não sabíamos de onde tínhamos vindo. Elias nos aconselhara a seguir o exemplo de Theseu: levar um carretel de linha para não perder o caminho. Mas não seria de esperar surprêsas já que a luz solar penetrava facilmente na gruta. Todavia, para surprêsa nossa, os caminhos desapareceram. Prosseguimos durante duas horas vendo o sol, mas sem poder alcançar o mundo exterior. Finallmente, Elias descobriu uma batida usada pelos animais que habitavam a gruta. Seguimos por ela. Estávamos junto à garganta que dava acesso a uma rua da Cidade número três.

UMA CIDADE PETRIFICADA

A ilusão de encantamento e de cidade petrificada tinha desaparecido totalmente. Fixamos a vista do alto do penhasco, do ponto culminante das Sete Cidades, olhamos para o amontoado de pedras que lá em baixo, com muito boa vontade poderia parecer um panorama de cidade.

Não resta dúvida que, muitos pormenores são interessantes. Algumas rochas foram moldadas perfeitamente pelas águas e dão a ilusão quase perfeita de animais. A decantada mesa do Rei, a sala de juri e a história das sete praças de extensão absolutamente iguais são fantasias dos que por lá andaram e posteriormente escreveram. Há, sim, mais de duzentas praças entre as rochas que imitam o casarão. Praças que muito se assemelham umas com as outras. Assim também são os labirintos. Numa de nossas investidas através das Sete Cidades para localizar o famoso Arco do Triunfo, onde na véspera, tinhamos dormido, foi-nos impossível encontrar o mesmo lugar, embora para isso tivéssemos empregado esforços. O Arco do Triunfo de que nos fala Ludovico em sua "Antiga História do Brasil", publicada em 1928, não

(Cont. na pág. 50)



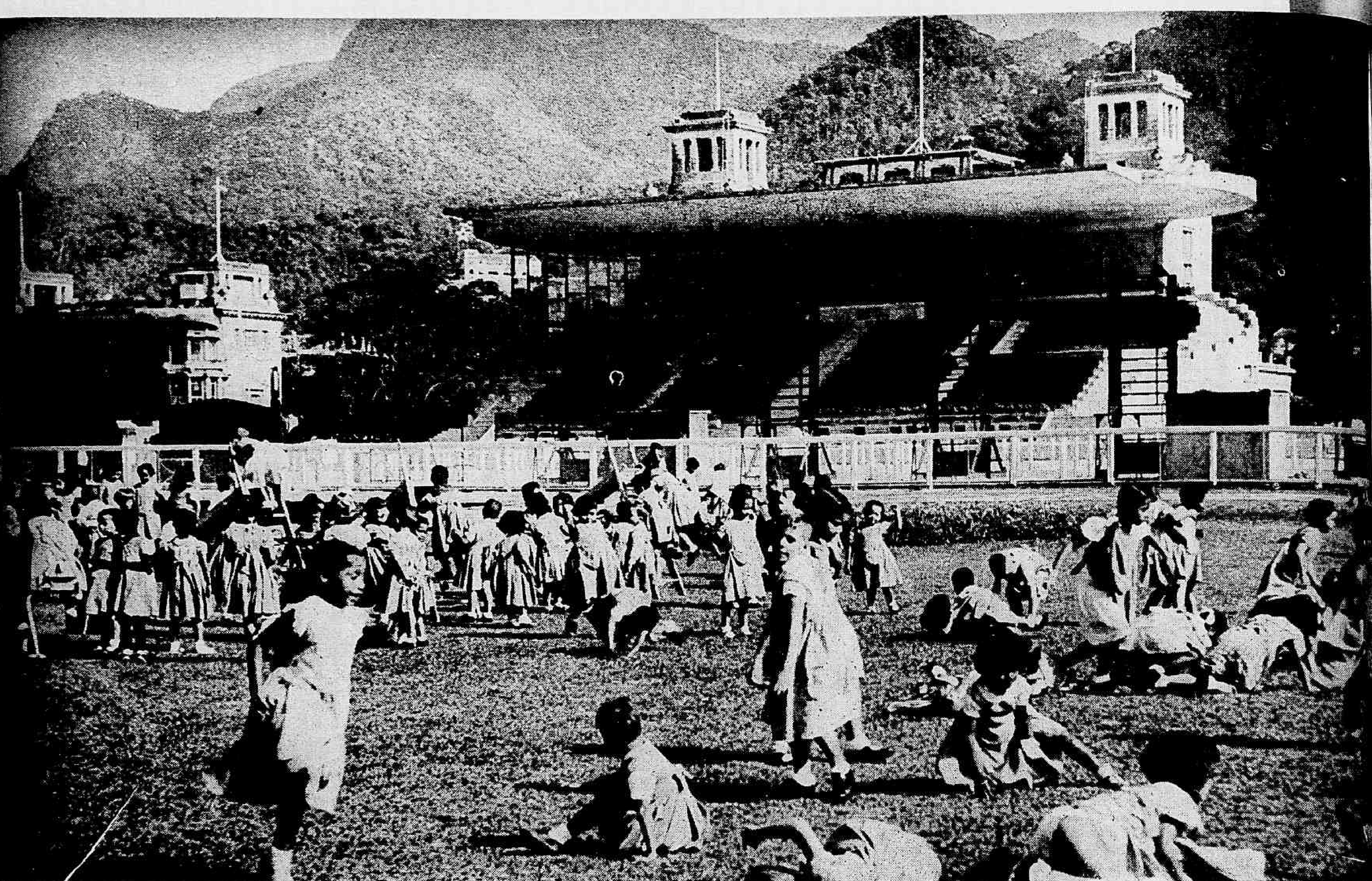
MAIS PERTO

Excetuando os minerais, que surgem em abundância extraordinária, o mais é pura ficção. À luz do dia, esta é a visão mais aproximada do Castelo do Rei, onde não encontramos vestígios do rei, nem do castelo. A lenda tem grande poder de imaginação



A TOCA DO CHICO

Descemos até mais abaixo e fomos examinar a toca onde habitou o tresloucado Chico. Elias limitou-se a repetir: — "Foi p'ro diabo o Chico. Bem que eu disse p'ra êle... Chico, toma cuidado... Tu não descobre encantamento nenhum, seu idiota!"



O leitor dirá, surpreso: isto existe no Rio? Existe, sim. Ali mesmo, no imenso prado onde os famosos parelheiros porfiam. Mas nos dias calmos e nas horas calmas. Então os nossos olhos se extasiam ante um espetáculo de emoções diferentes, que atinge fundo os nossos corações. E que é um libelo contra a criminosa indiferença dos homens



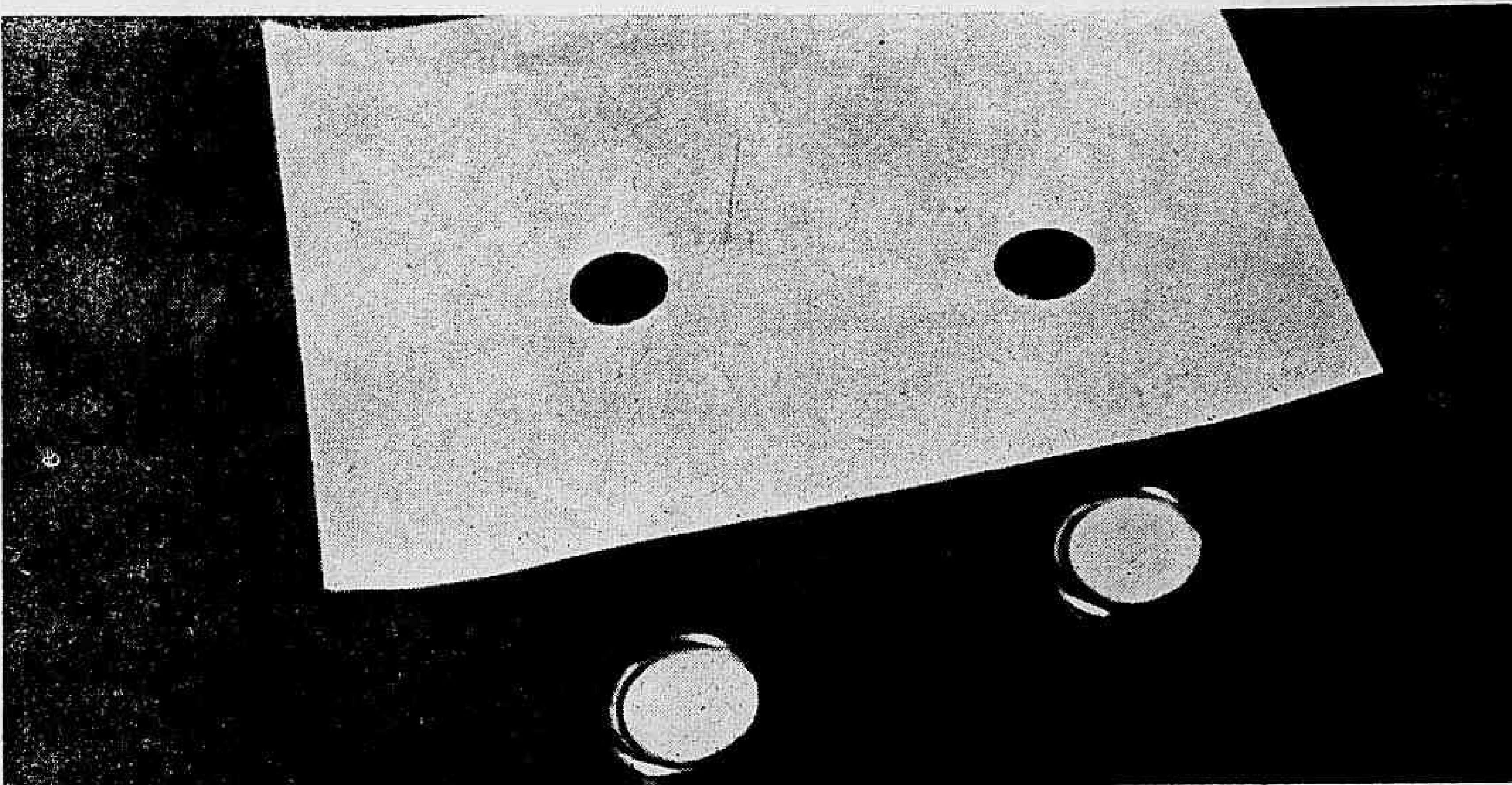


PARA VER E IMITAR

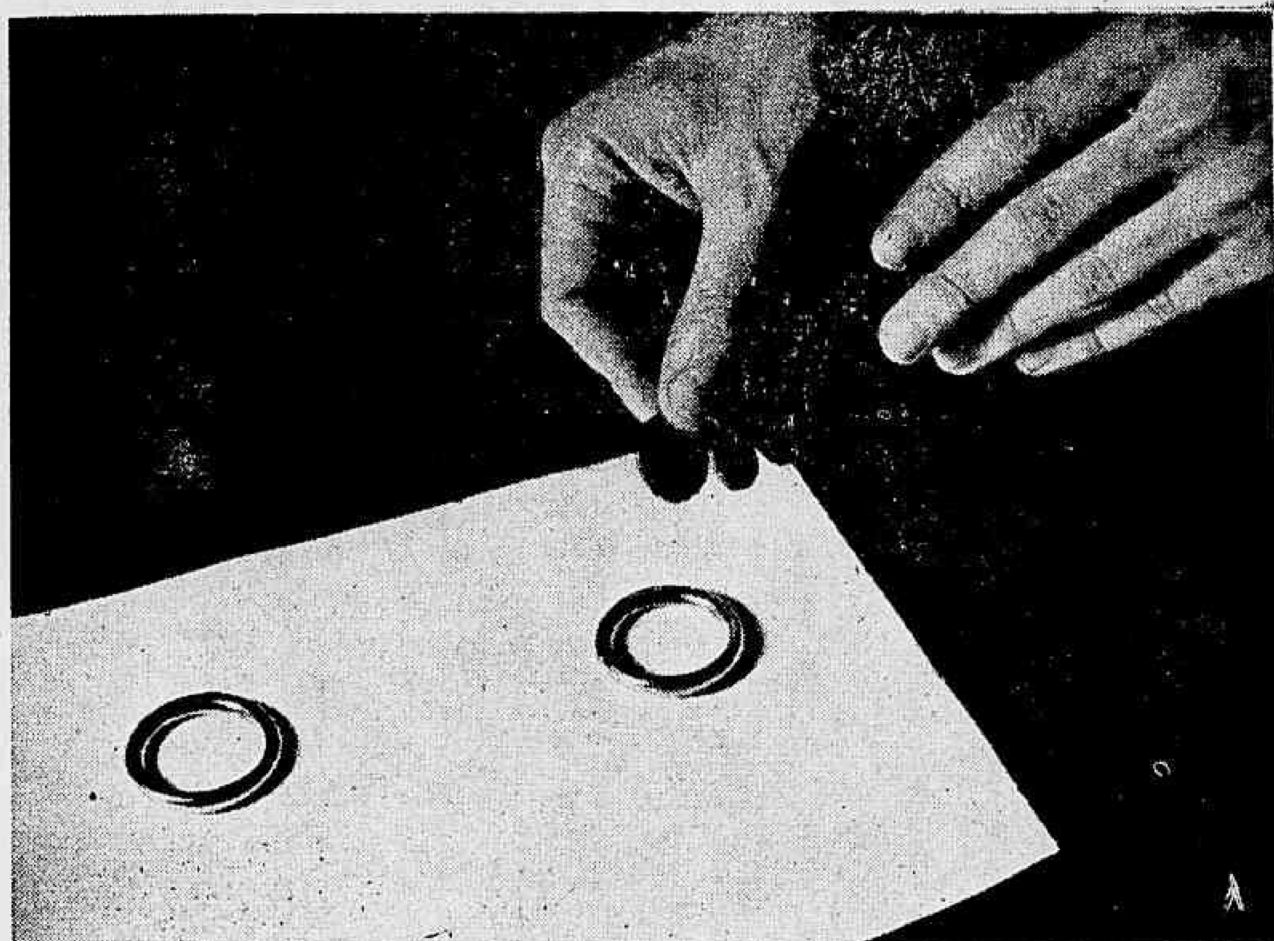
A propósito da Semana da Criança muito se tem falado e escrito sôbre a nossa infância, na sua grande maioria entregue à própria sorte. Realmente, quase nada têm feito govêrno e particulares no Brasil em favor dos meninos e meninas brasileiros, e neste ponto marchamos à retaguarda dos demais países civilizados. Isto é uma verdade que se apresenta nua e crua aos nossos olhos. Doença, fome, analfabetização, eis o mortífero caldo de cultura em que se desenvolvem ou sucumbem as nossas legiões de pequeninos. As cifras mostram os espantosos índices de mortalidade e degenerescência atingidos pela infância desta terra eternamente mal governada. De um modo geral é êsse o quadro contristador que temos à frente. Mas aqui e li sempre surgem as grandes obras de benemerência em prol das criancinhas. Quem quiser apreciar uma das mais notáveis realizações do gênero não tem mais a fazer que dar um passeio ao nosso prado de corridas — aliás um dos passeios mais belos do mundo. Não, porém, em dias de reunião. Vá nos dias úteis e dirija-se ao centro dos imensos jardins do prado. Encontrará aí, emoldurado por um dos mais pitorescos cenários que Deus nos deu e que o homem retocou à maravilha, um espetáculo de emoção e beleza raras. Espalhadas em algazarra sôbre a relva, alimentando-se, gulosa, de bons alimentos, dormindo à sesta ou arranhando as primeiras letras, a criançada robusta e sadia de um jardim de infância vive a vida feliz que uma sociedade esportiva lhe proporciona inteiramente gratis. Nada há no Rio que se compare ao jardim de infância do prado da Gávea. Não perca, leitor, a oportunidade de ver essa esplêndida obra social. Garantimos que vale a pena vê-la. E, se os nossos governantes e os nossos homens endinheirados quiserem, vale a pena vê-la e imitá-la.

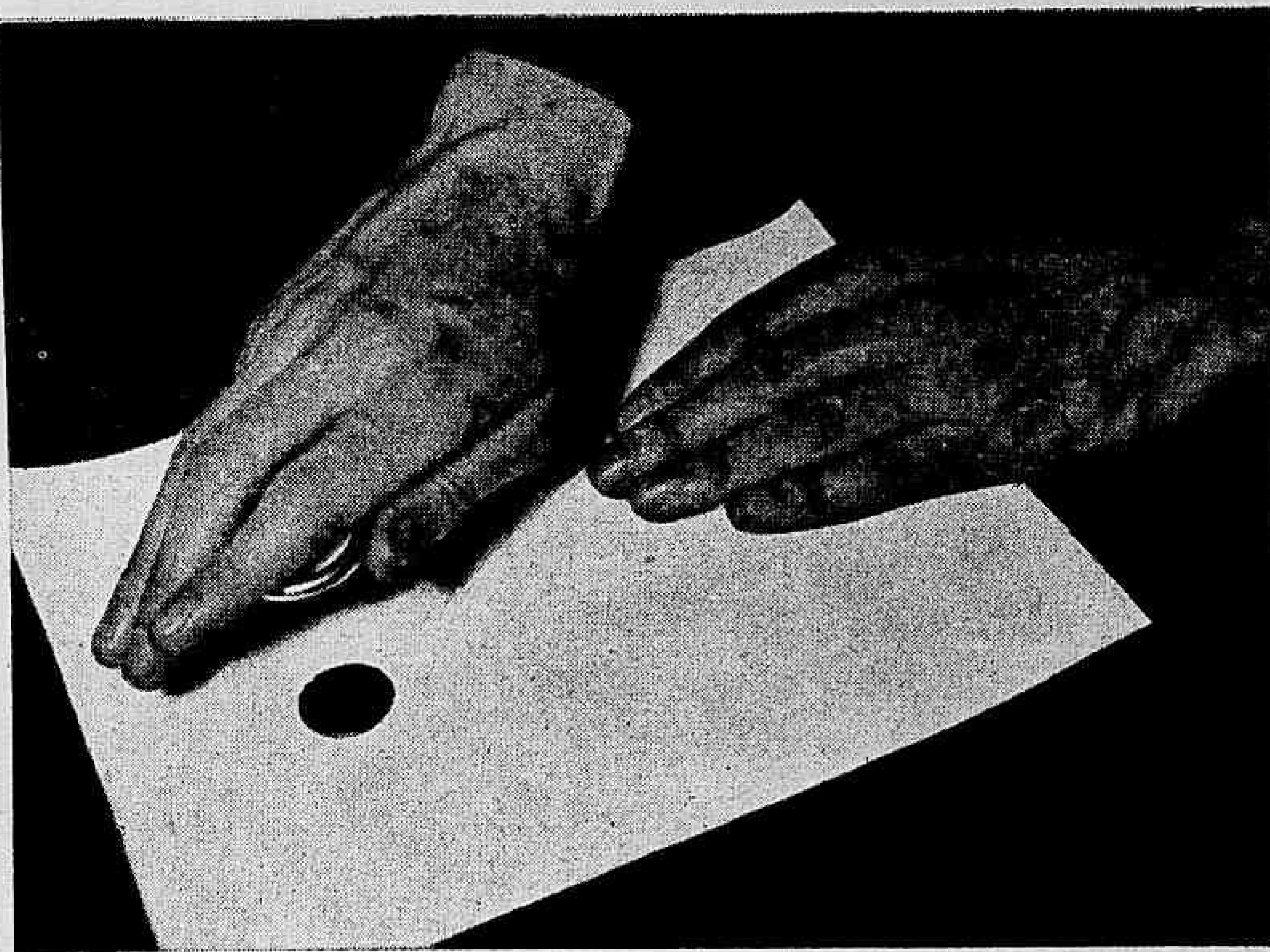
VOCÊ PODE SE TORNAR UM GRANDE MÁGICO!

Procure obter duas argolas de cortina e uma moeda; seja qual fôr a argola sob a qual os espectadores o virem colocar a moeda, você poderá sempre tirá-la da outra. O truque é sensacional, por ser todo o trabalho feito à vista da assistência. Um pedaço de papel é colado no fundo de cada argola. Passe as argolas sôbre uma folha de papel semelhante, ou durante o jantar, sôbre a toalha da mesa. Assim, quando a argola está em cima da moeda, esta ficará invisível. Todo cuidado para as explicações:



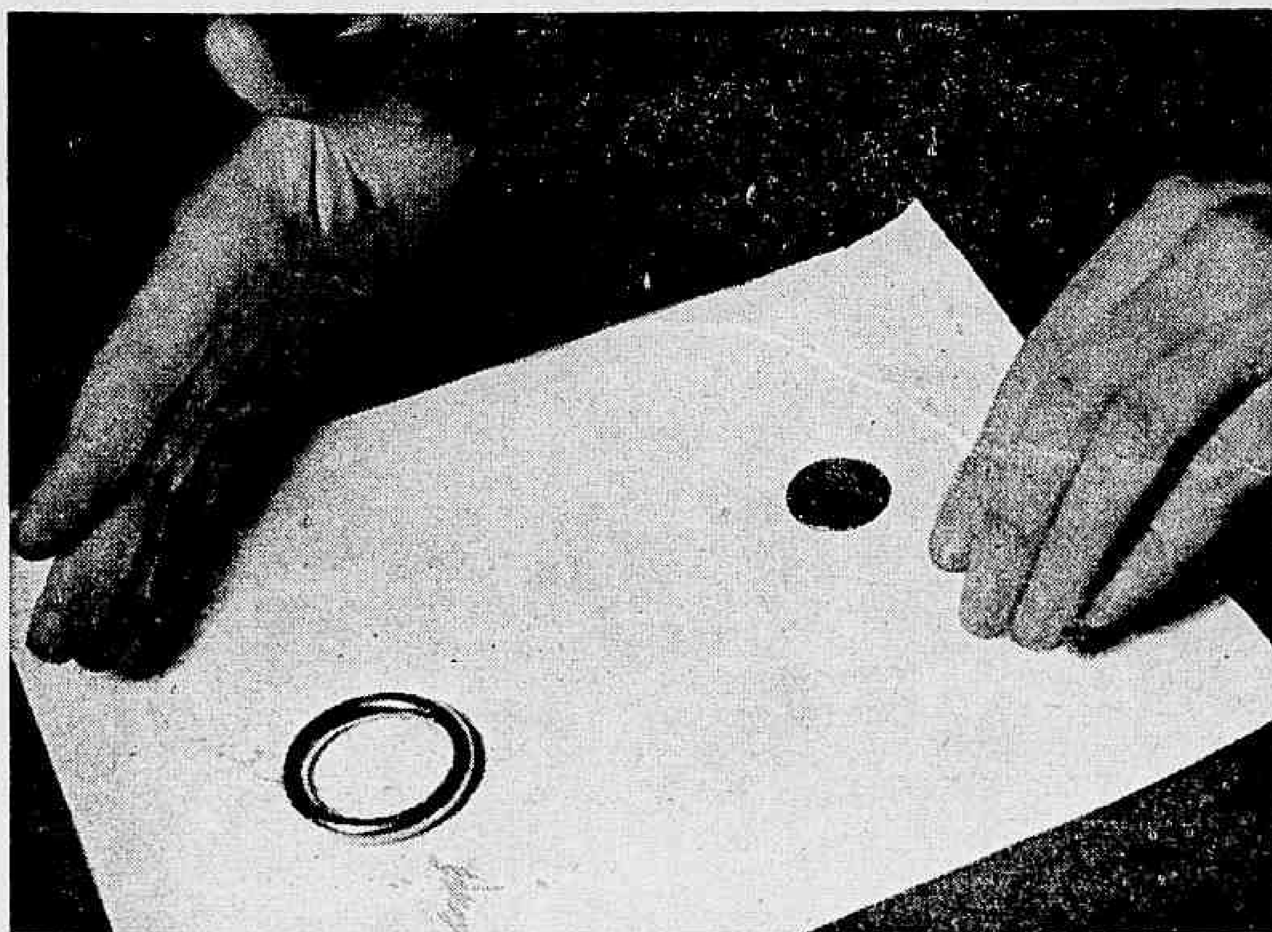
1 — Use duas moedas; elas nunca se movem. Você apenas cobre alternadamente uma com a argola e descobre a outra. Se o fizer com habilidade, todos juram que a moeda se moveu. Conserve seu segrêdo mantendo as argolas cobertas com a mão, enquanto as movimenta para colocá-las ou tirá-las de cima das moedas, e nunca mostrando as duas moedas, tal como ensinam as gravuras. Comece colando uma pequena moeda sôbre o papel. Mostre-a, antes, aos assistentes para verem que não há nenhum ardil na execução do truque.

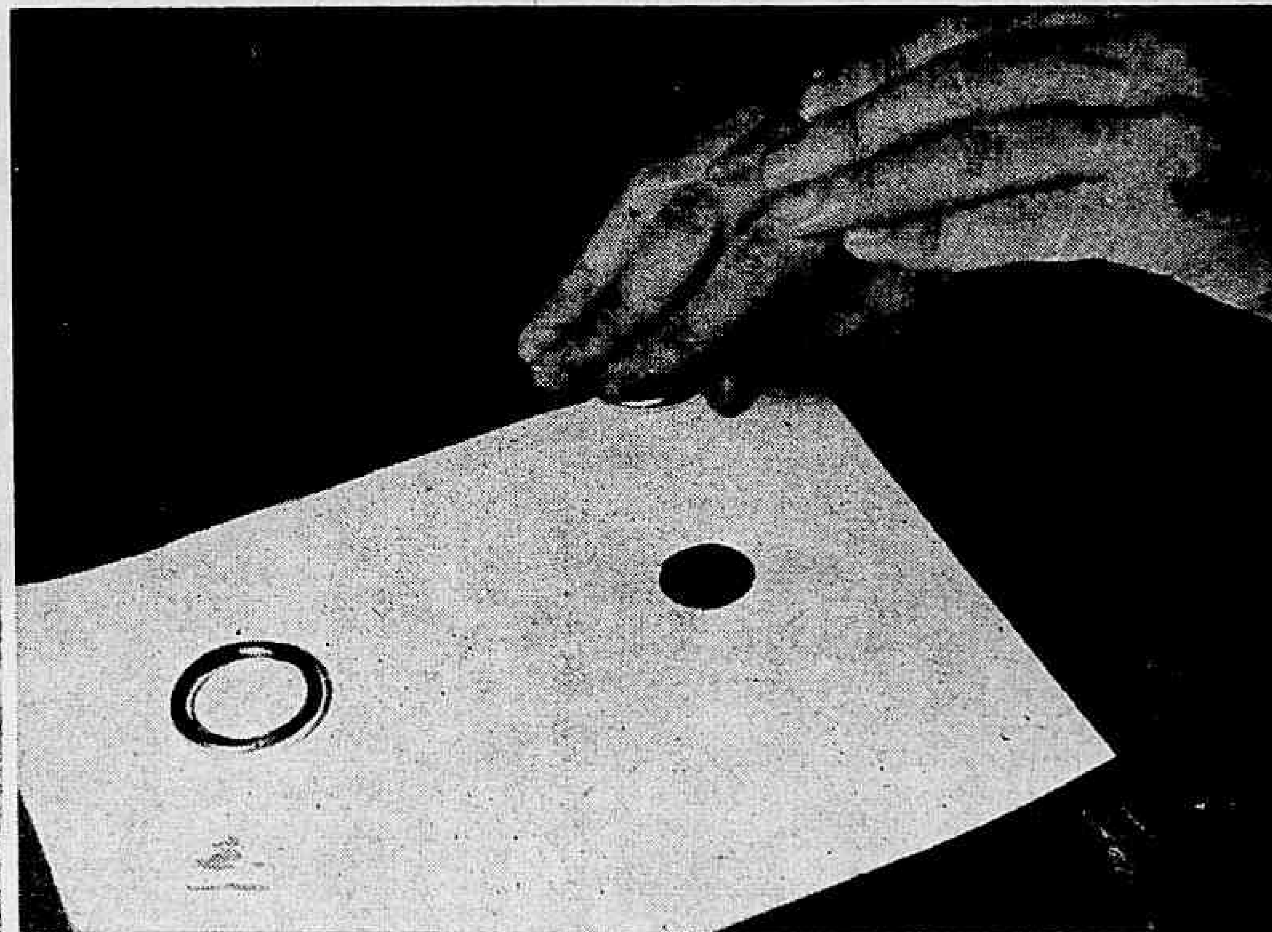




2 — Tenha o cuidado de, uma vez terminada a experiência, mostrar novamente a mesma moeda e não a outra. O segundo passo consiste em ocultar a segunda moeda na palma da mão, enquanto com a mão livre coloca a argola sôbre a primeira moeda, mantendo-a coberta. — "Onde está agora a moeda?" — pergunte. — "Na argola coberta com a sua mão" — alguém responderá. — "Estava, mas não está mais", pode replicar. E com um floreio, tire a mão da argola, mostrando a segunda moeda. Mas, ainda cuidado, atenção!

3 — Tudo deve ser feito mediante um hábil jôgo de mão. Ponha a segunda moeda na mesa ao lado da segunda argola e estará pronto para fazê-la saltar de argola para argola. Coloque uma delas sôbre a moeda — sempre coberta pela mão — e ponha a outra mão sôbre a primeira argola. Faça então aparecê-la sob a primeira argola novamente. Levante esta argola e simplesmente tire sua mão da segunda. O truque poderá ser repetido tantas vezes quantas a assistência pedir. Tudo depende de rapidez.





4 — A fim de tirar as duas moedas da mesa, uma vez terminada a experiência, é bastante colocar uma delas no bolso. — "Estão certos de que a moeda se encontra agora no meu bolso?" — pergunte. Esfregue as mãos depois de mostrá-las completamente vazias e coloque uma sôbre a argola que ainda tem uma das moedas sôbre ela, apresentando-a simplesmente levantando a argola. O espanto será grande, aproveitando você a oportunidade para colocar novamente no bolso as argolas — se ninguém o descobriu!

5 — Os movimentos para escamotear as argolas e respectivas moedas, podem ser estudados tranquilamente mediante as ilustrações desta página. Não tenha pressa em fazer a experiência sem, primeiro, submeter-se a um treino secretamente, porque o maior mal dos "mágicos" de salão está em se precipitarem, executando os truques antes de se encontrarem perfeitamntee conhecedores dos segredos para serem bem sucedidos. A ciência está em aproveitar a estupefação dos ingênuos para escamotear.

VAIDADE -- TEU NOME É MULHER!

A ESCOLA RÍTMICA LEBLON ★ SEU CORPO DOCENTE ★ GINÁSTICA RÍTMICA ★ DANÇA MODERNA OU LIVRE ★ GINÁSTICA MUSICADA ★ GINÁSTICA PRÉ E POST-PARTUM

Reportagem de M. MERCEDES SANTOS
Fotos de ARNALDO VIEIRA



PREPARATIVOS
Alunas preparando-se para as aulas. Vão começar os exercícios em alguns instantes. Tudo é rigorosamente preparado

A Escola Rítmica Leblon, inaugurada a 1º de maio dêste ano, já possui grande número de alunas, o que demonstra a compreensão da mocidade feminina brasileira. Evidentemente, o maior sonho da mulher moderna é ter um corpo de linhas perfeitas e harmoniosas. Funcionando em dependências construídas para êsse fim, no alto de um prédio de apartamentos à rua Rita Ludolf, 24, essa escola encontra-se localizada em situação esplêndida, entre as matas da Gávea e a praia do Leblon. Suas instalações foram cuidadosamente adaptadas para o mistér a que estavam destinadas, dispondo de gabinete médico, rouparia, vestiário, chuveiros, etc. A peça principal da escola é constituída por um amplo salão para os exercícios e aulas de ginástica. Luz, ar e ambiente agradável são as primeiras características que impressionam o visitante da escola.

★

O corpo docente da Escola Rítmica Leblon é composto por professôras diplomadas, competentes e idealistas na sua profissão, como Lydia Costallat, uma das mais conhecidas bailarinas profissionais em nosso país e no exterior. Ao que se sabe, a professôra Lydia Costallat foi "partenaire" de Gert Malgren, componente do "ballet Joos", bastante conhecido do público brasileiro. Lydia Costalat vem de realizar, com invulgar êxito, uma "tournée" através de vários países da Europa. Outra professôra é Clotilde Pereira Gomes no campo da dança rítmica. A diretora, Yara Jardim Vaz, tem a seu cargo a maior parte das atividades da escola, tais como sejam: os cursos de ginástica rítmica, ginástica musicada, ginástica pré e post parto, ginástica ortopédica e de conservação da idade madura.

★

A aceitação das alunas neste ou naquele curso de ginástica ou dança é feita de acôrdo com as



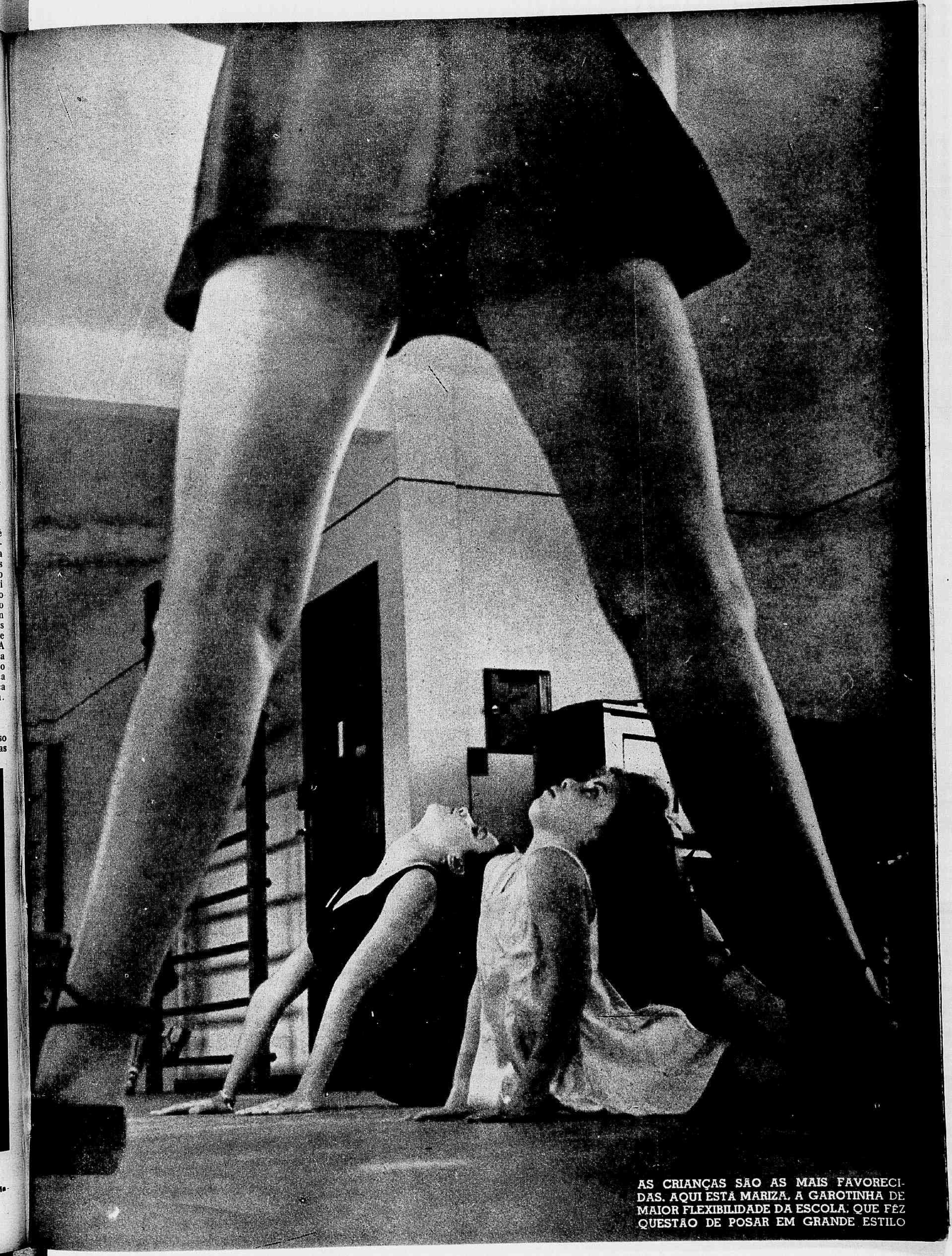
PLASTICA
Numa graciosa atitude ela exibe os resultados da ginástica musicada



NO VESTIÁRIO
As roupas de passeio são convenientemente guardadas no vestiário



A DIRETORA
Vestindo a sua "malha", para demonstrar as modalidades da dança moderna

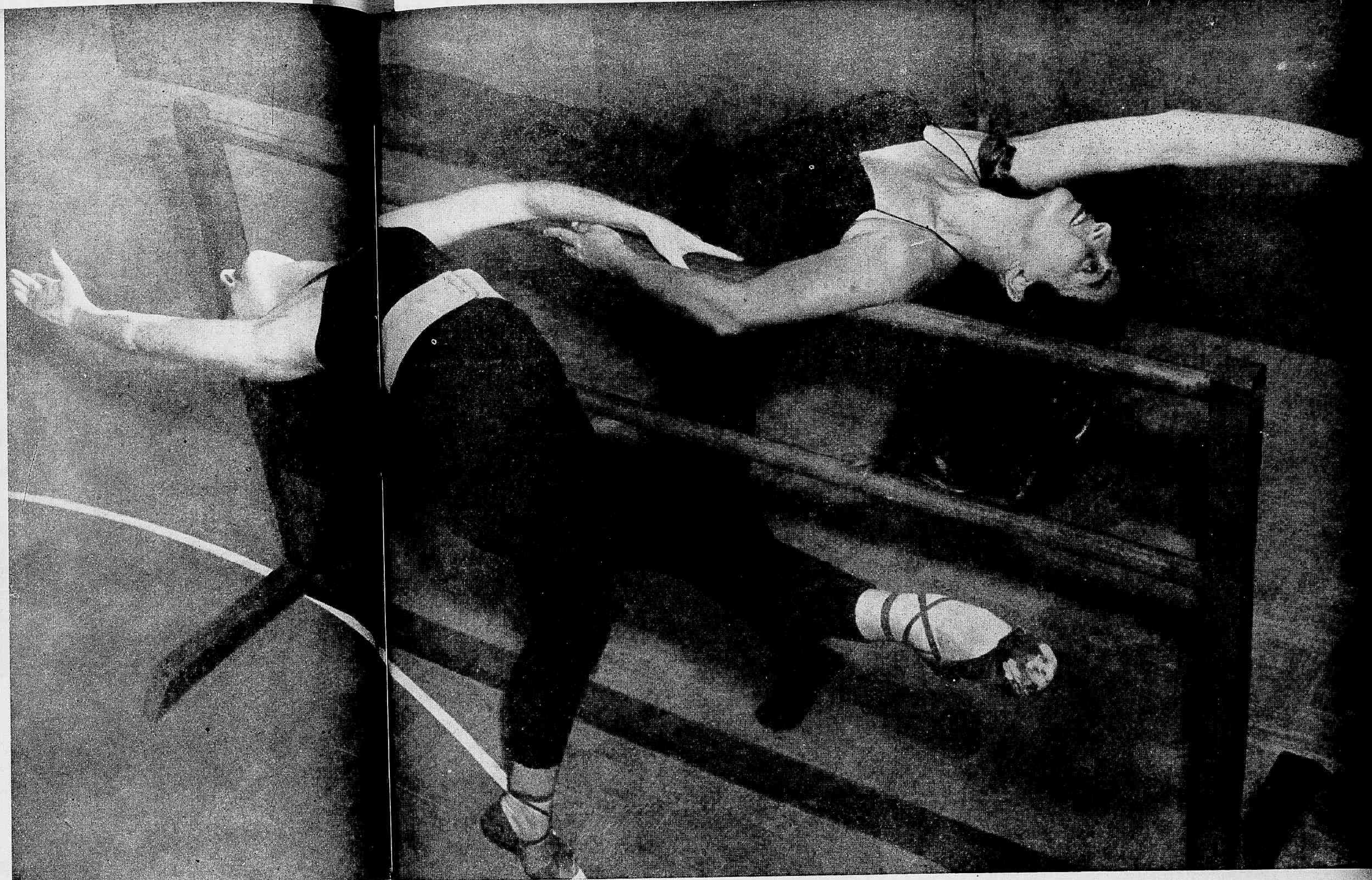


AS CRIANÇAS SÃO AS MAIS FAVORECIDAS. AQUI ESTÁ MARIZA, A GAROTINHA DE MAIOR FLEXIBILIDADE DA ESCOLA, QUE FÊZ QUESTÃO DE POSAR EM GRANDE ESTILO



DANÇA MODERNA

Ao alto, a professora Yara Vaz preparando-se para o exercício. Em baixo, exibição de outra modalidade da ginástica rítmica moderna



PÓSES CLASSICAS

Também as professoras se exercitam na barra (ao alto). — Orgulhosamente, esta jovem mostra o encanto das pernas que possui (em baixo)

aptidões físicas e vocacionais de cada uma. Para tal, as alunas são examinadas e fichadas no gabinete biométrico da Escola. Quando necessário a aluna é encaminhada a um exame médico minucioso, a cargo do dr. Laureano Pontes Corrêa, médico da escola. Preenchidas essas exigências iniciais, ingressará numa das diversas turmas dos seguintes cursos:

GINÁSTICA RÍTMICA — Seis são as turmas que frequentam êsse curso, atualmente, a cargo da professôra Clotilde e da diretora Yara. A primeira turma é formada por encantadoras criancinhas de três a cinco anos. E' digna de nota a compreensão manifestada pelos pais dessas crianças, que, ao invés de encaminharem suas filhas para atividades físicas impróprias à sua idade e saúde, souberam proporcionar-lhes uma tarefa educacional e artística levada a efeito por professôras criteriosas que, sem exagêro e com pleno conhecimento dos princípios anátomo-psico-fisiológicos da criança nessa fase, prepararam-nas, higienicamente, para essa admirável arte que é a dança clássica.

★

DANÇA MODERNA OU LIVRE — ou Nova Dança ou, ainda, como querem alguns, *Dança Clássica Moderna*. Êste curso está a cargo da professôra Lydia Costallat, a qual, apesar de exímia balletista, é uma apaixonada adepta da dança moderna, dominando-lhe inteiramente a técnica, tão pouco conhecida entre nós.

Torna-se necessário, a esta altura, esclarecer alguns dos conceitos errados que vigoram em nossos meios artísticos e educacionais a respeito da dança clássica moderna. Muitos confundem-na com o "ballet" clássico dançando "sem ponta"; outros acham que dança moderna é tôda aquela coreografia que dispensa qualquer técnica, e na qual o bailarino se move a seu belprazer. Tal conceito surgiu, em parte, devido a atuação de Isadora Duncan, que, com uma coragem assombrosa, dançando livremente, contrariou, francamente, os princípios fossilizados do "ballet" clássico, que imperava de maneira despótica, não permitindo a menor transgressão à sua técnica e a mínima contribuição pessoal do artista. Estamos, naturalmente, nos referindo ao "ballet" daquela época. Hoje, por uma necessidade vital, imperiosa, êle teve que se adaptar às novas concepções artístico-sociais, tendo ampliado seus horizontes, humanizando-se e enquadrando em suas coreografias muito da dança moderna. No entanto, êsses dois conceitos são igualmente falsos: a Nova Dança não é um "ballet" "sem ponta", nem tão pouco uma dança sem técnica. Ela possui uma técnica própria e bem definida, tendo conservado do "ballet" clássico certos princípios realmente úteis, ampliando-os, dinamizando-os consoantes com as formas de expressões plenas e totais da Nova Dança. Por ocasião do primeiro aniversário da Escola, é pensamento de sua diretora poder mostrar ao público algo de novo entre nós sôbre essa modalidade de dança.

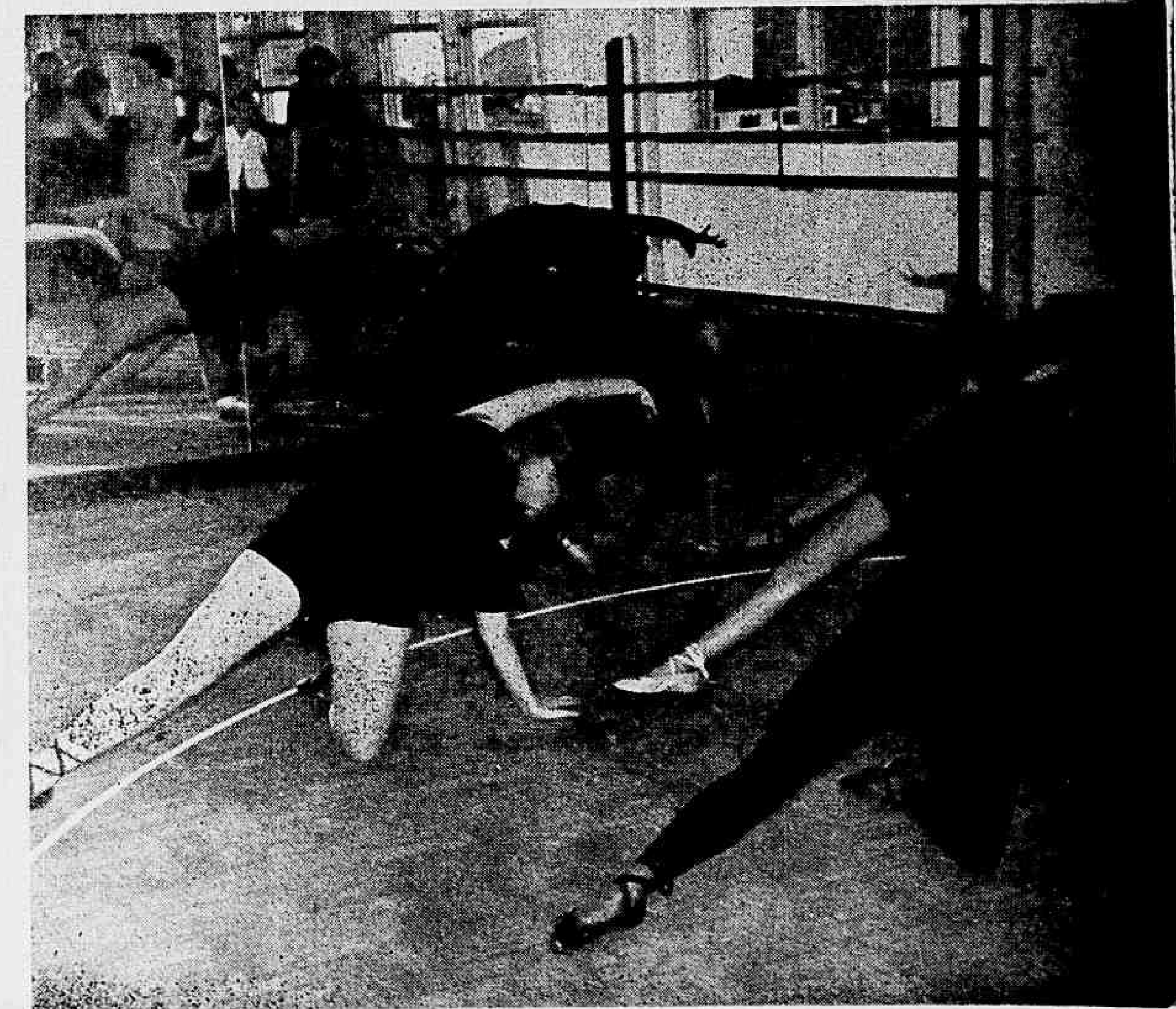
Para completar o curso de dança, a Escola iniciará, dentro em breve, um curso de danças regionais brasileiras e estrangeiras.

★

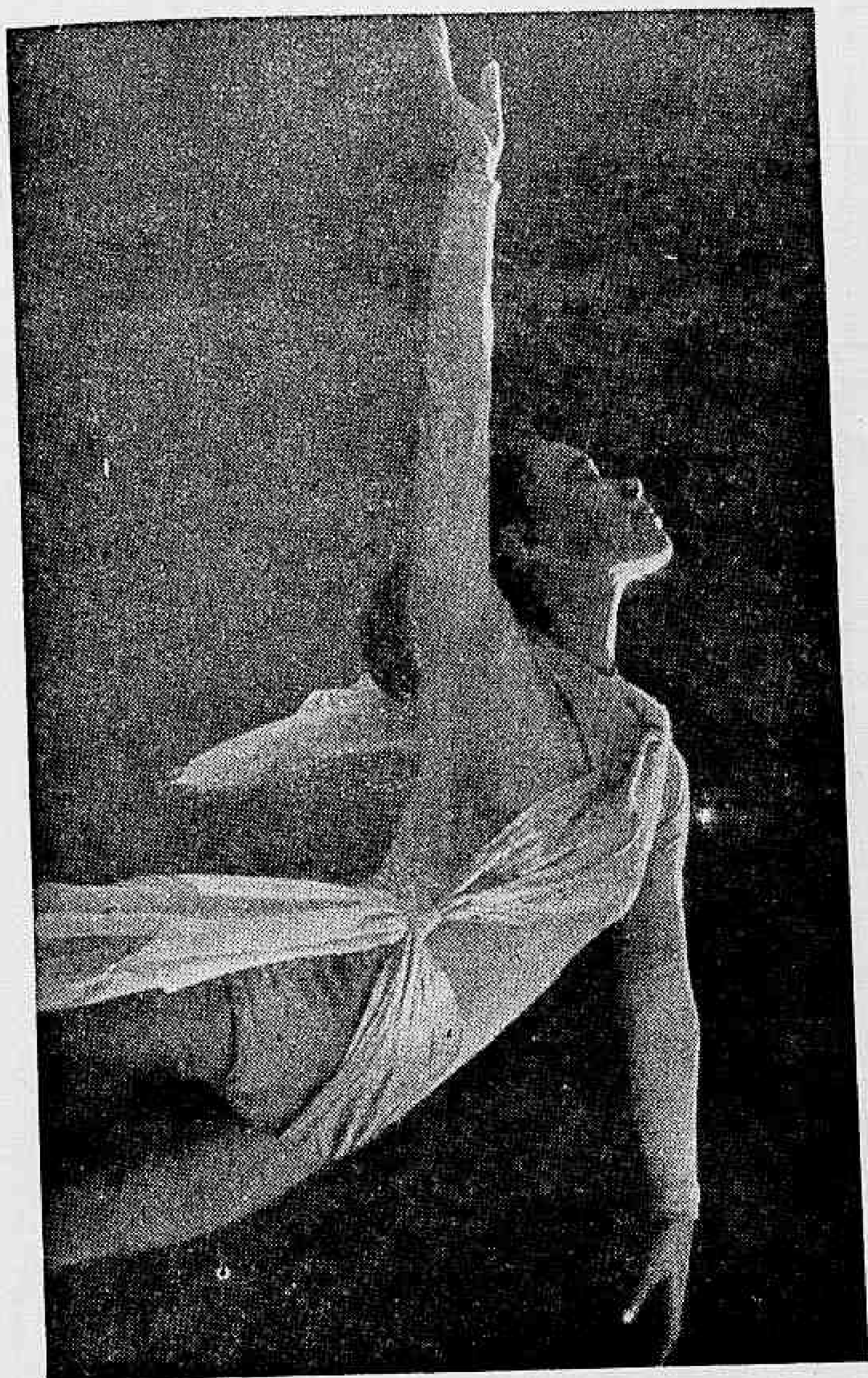
GINÁSTICA MUSICADA — Essa modalidade de exercício é dada pelas professôras da Escola, através do método da ginástica de Balanccio e por meio de uma série de exercícios estritamente femininos, que focalizam as articulações da bacia, da cintura pélvica e os músculos do períneo. Êsses exercícios, tão pouco conhecidos e divulgados entre nós, são de suma importância para a mulher devido à sua função procriadora.

Um número bastante grande de senhoras e senhoritas frequentam atualmente êste curso. Umas desejam emagrecer, outras engordar, conservar-se ou corrigir pequenas irregularidades de conformação. Quando se trata de um defeito mais sério, não permitindo um trabalho conjunto, a aluna é orientada para a ginástica ortopédica, onde é submetida a uma criteriosa observação destinada a corrigir o defeito, quer se trate de uma lordose, uma escoliose, costa plana, pés chatos, etc.

De modo geral, em tôdas as aulas, a professôra, obedecendo a uma curva de intensidade e uma continuidade perfeita na sucessão dos exercícios, visa:



ECIDIDAMENTE... VAIDADE
TEU NOME E' MULHER!



MOVIMENTO

Demonstração de dansa moderna ou livre, feita por uma professora

a) a correção da postura dos ombros e o desenvolvimento perfeito dos músculos peitorais, favorecendo, assim, consideravelmente, o aspecto do busto feminino;

b) a cintura abdominal;

c) o excesso de gordura que envolve comumente a articulação coxo-femural, deformando a silhueta feminina;

d) a firmeza das coxas;

e) a adiposidade dos joelhos;

f) os pés. E, finalmente, os exercícios que visam a cintura pélvica e os músculos do períneo. Esta última parte é que assume uma importância capital na ginástica pré e post-partum.

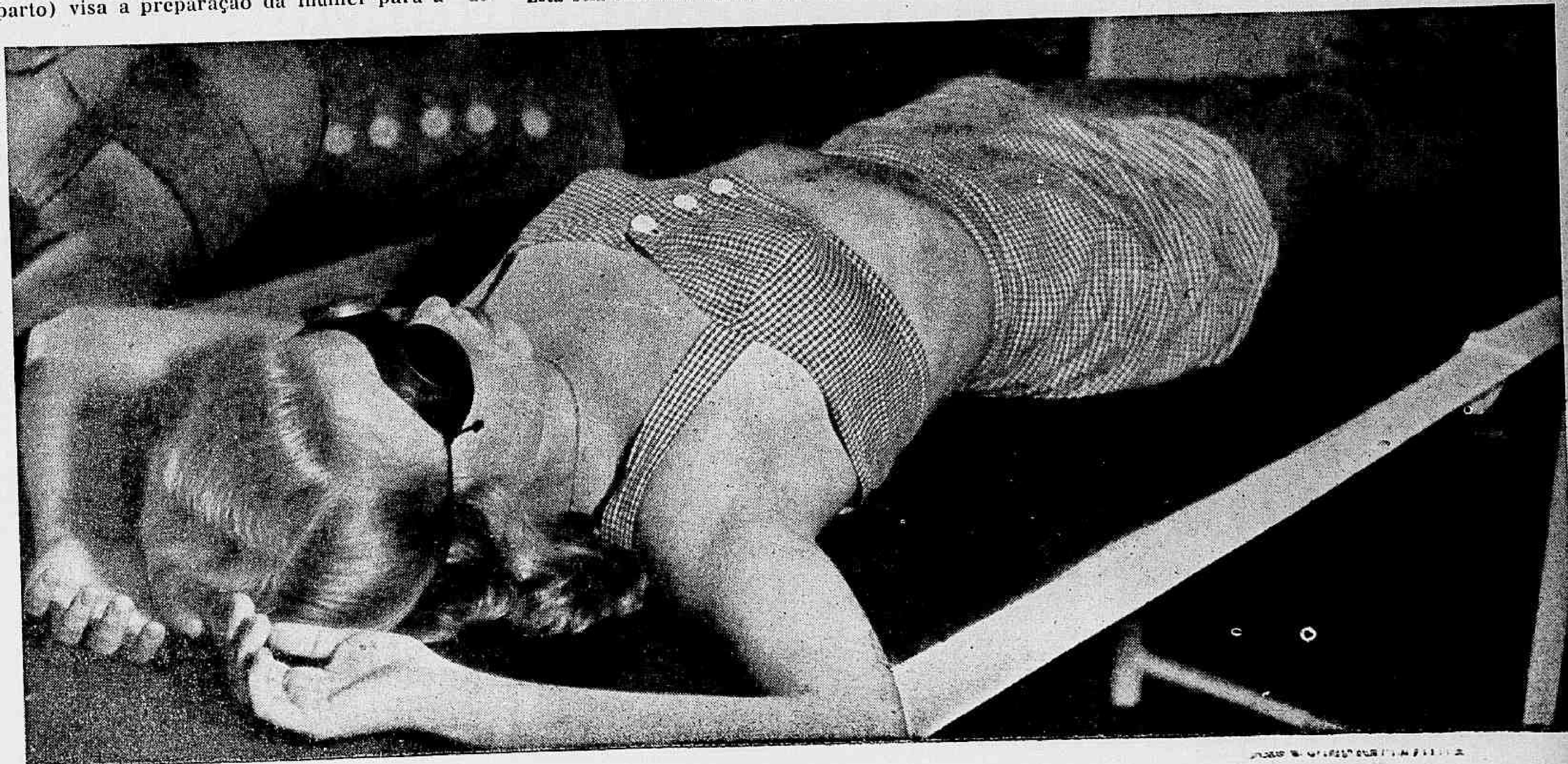
★

A GINÁSTICA PRÉ E POST PARTUM — Como se sabe, êsse gênero de ginástica (a de antes do parto) visa a preparação da mulher para a "de-



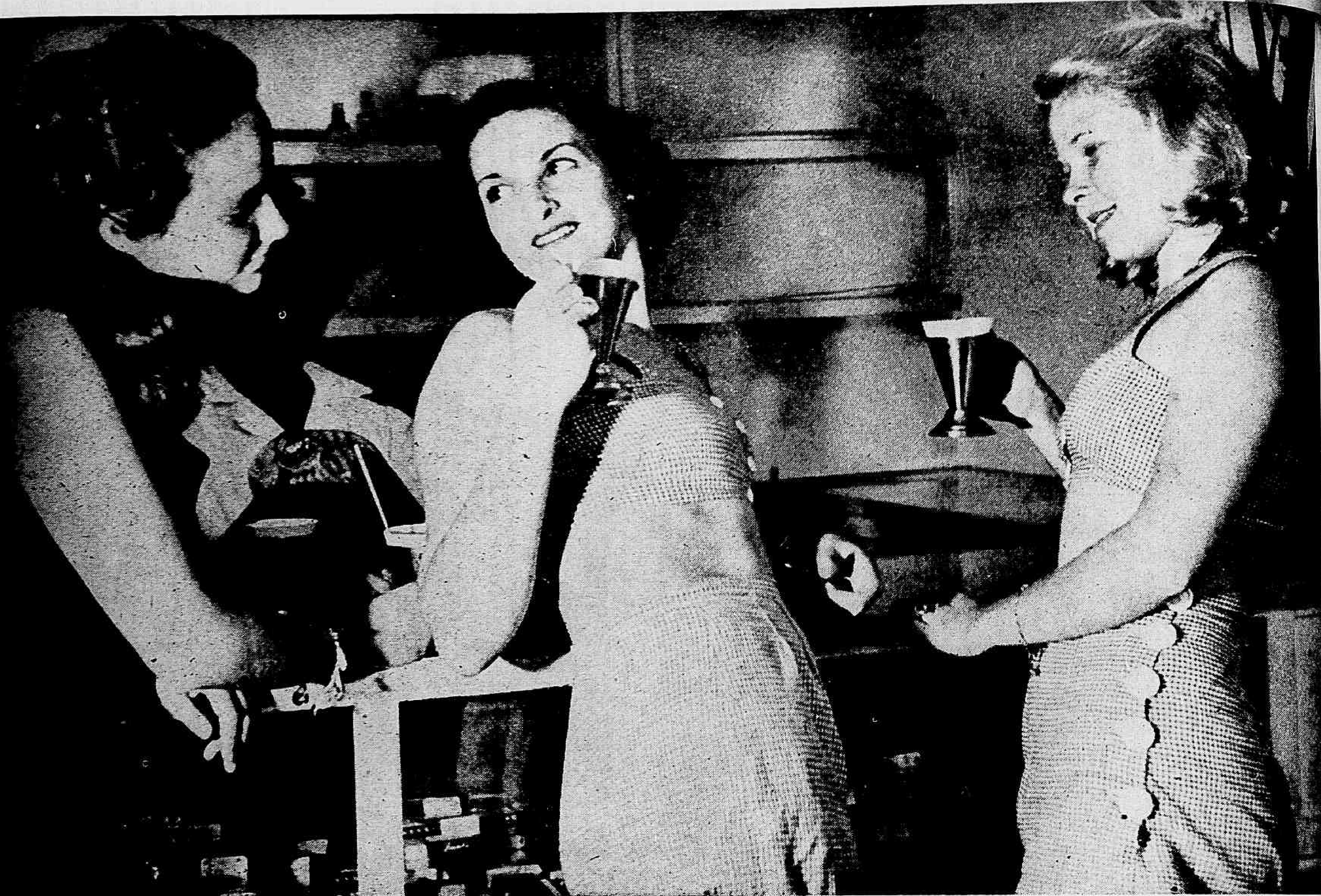
HIGIDEZ

Esta bela lourinha orgulha-se de possuir um corpo de linhas perfeitas, adquirido com os recursos da dansa moderna



"ULTRA-VIOLETA"

No gabinete bio-métrico da Escola, fazem-se aplicações de "ultra-violeta". As alunas repousam e aproveitam o tempo para êsse tratamento que tôdas as mulheres deveriam ter



VITAMINAS

Nos intervalos das aulas, as alunas recebem com um sorriso de satisfação, um copo de vitamisas que o bar fornece. Trocam impressões e distráem-se, por momentos, dos exercícios

livrance", dando-lhe ótimas condições físicas e um domínio considerável sôbre a musculatura perineal. A ginástica "post-partum" tem por objetivo fazer com que o corpo feminino retome a sua forma externa e "interna", favorecendo ainda o aleitamento. São já numerosas as senhoras que, inteligentemente, têm procurado êste último curso. A direção da Escola lamenta não contar ainda com nenhuma inscrita no curso de ginástica pré-partum.

★

UM EXEMPLO — A diretora da Escola, professôra Yara Jardim Vaz, pode dar o seu exemplo e testemunho pessoal de valor, da eficiência de uma ginástica bem orientada, praticada durante a gravidez e o puerpério.

Êste é, sucintamente, um quadro das atividades da Escola Rítmica do Leblon, empreendimento que se pode considerar como uma realização que virá, sem dúvida, preencher uma lacuna no campo da engenia, sendo considerada, tanto pelos seus frequentadores, como pela população do Leblon, uma verdadeira instituição de utilidade pública.



BAILADO

Lydia Costallat dansa o "Maracatu", mesmo descalça



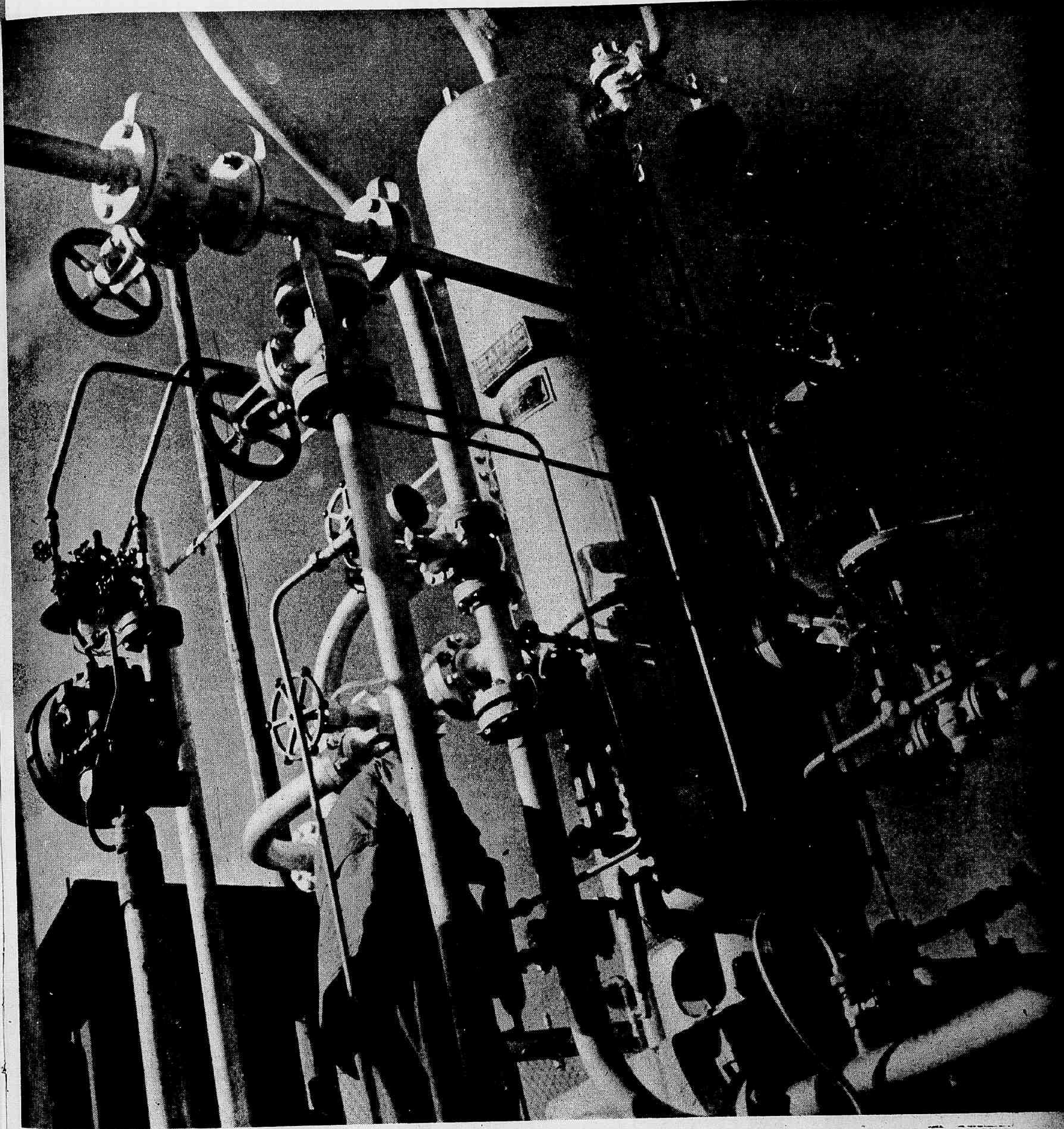
"POST-PARTUM"

A diretora é um magnífico atestado vivo da ginástica "post-partum"



MÚSICA

Interpretando um "temperamento ciclotímico" com as Baquianas de Vila Lobos



Desde longo tempo o govêrno francês cuidou de pesquisar horizontes petrolíferos em seu solo obtendo os melhores resultados. Sistemas especiais, condensam, pelo frio, a essência pura contida no gás extraído, aparelhagem da qual a gravura mostra um pequeno detalhe. No fundo, dos vales, nas embocaduras dos rios, nos lagos, onde pode haver petróleo

QUANDO SE FALA EM PETRÓLEO...

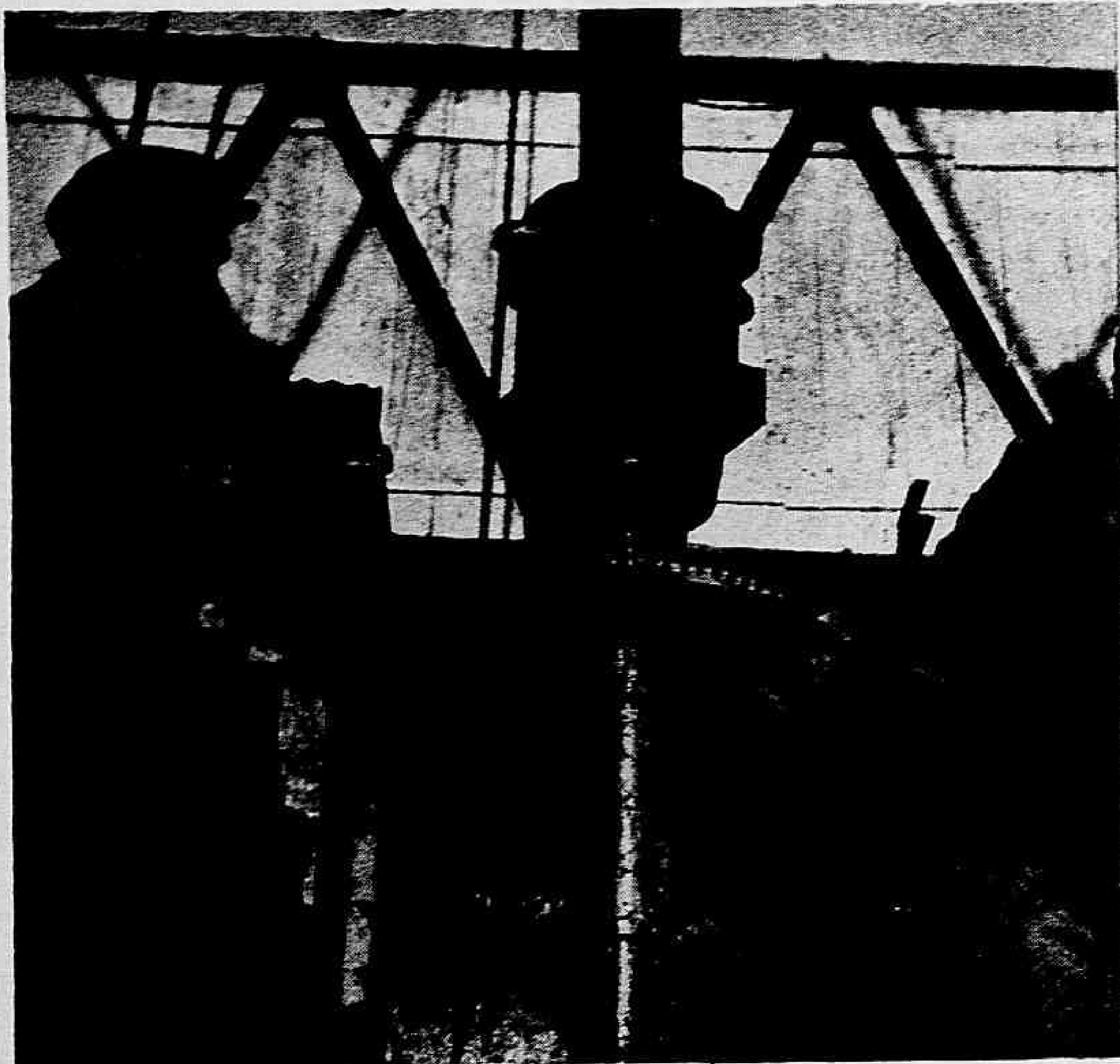
TAMBÉM A FRANÇA POSSUI REFINARIAS COM TÉCNICOS E OPERÁRIOS ESPECIALIZADOS ★ COMO SE RESOLVE NESSE PAÍS O MAGNO PROBLEMA DO PETRÓLEO ★ PERFURAÇÕES DO SOLO MUITO BEM SUCEDIDAS E TÔRRES EM ABUNDÂNCIA

Por HENRI BOISSON

DEPOIS que as grandes nações entraram nas competições industriais, na conquista de mercados, na formação de poderosos exércitos, marinha mercante e de guerra, aviação comercial e de defesa e ataque a possíveis inimigos futuros, os seus governos dirigiram a atenção para êste triângulo em que assenta a soberania e a fortaleza de um povo: ferro, petróleo e carvão.

A França, país de vigorosa indústria fabril, possui carvão em abundância, mas até poucos anos, não era produtora de petróleo.

A fabricação sintética de um produto que a natureza esconde nos mistérios do sub-solo a profundidades enormes, é muito dispendiosa e não pode competir com o petróleo, rico em sub-produtos e de eficiência muito maior do que os seus "ersatz", que a química inventa pela imaginação prodigiosa do homem.



Operários especializados, que lá se mostram perfeitamente adestrados, colocam novos tubos de quinze metros, à boca de um poço de petróleo encontrado na França



O precioso ouro negro vai buscar-se a grandes profundidades. Operários fazem a mudança de tubos durante a perfuração, muitas vezes alcançando mais de três mil metros

Nunca, porém, o govêrno francês se descuidou de pesquisar horizontes petrolíferos em seu solo.

Nenhum país pode dizer que não possui êsse chamado ouro negro no fundo dos vales, nas embocaduras dos rios, nos lagos, nas charnecas.

Somente depois de sondagens profundas nos lugares mais apropriados para essas buscas, se poderá afirmar se uma zona tem ou não petróleo.

Isso sucedeu com o Brasil durante cinquenta anos. Hoje, os técnicos especializados em tais assuntos asseveram que o nosso país dispõe de uma reserva que regula 6% do petróleo mundial, e isso é qualquer coisa de assombroso, sabendo-se que os Estados Unidos estão colocados como tendo 12% dessas mesmas reservas.

Quando tivermos os horizontes petrolíferos do Chaco Matogrossense em evidência, o recôncavo alagoano em prova provada, essa percentagem subirá de grau.

Na Argentina também sucedeu o mesmo. Seus poços petrolíferos de Comodore Rivadavia já se elevam hoje a vários milhares em pleno funcionamento, embora ainda não cheguem para suprir as necessidades nacionais.

Sua indústria petrolífera data do princípio dêste século, e prossegue numa ofensiva de perfuração cada vez mais ativa. O Uruguai, nosso vizinho do sul, também não descansa na pesquisa de petróleo em seu sub-solo, mas, até hoje, não conseguiu nenhum vestígio dessa existência em seu território.

A França, pela sua posição geográfica, pelo progresso industrial do seu povo, pelas necessidades imediatas que tem de petróleo, não podia ficar apenas nas estatísticas de importação dêsse produto e seus derivados. E meteu mãos à obra, furando e perfurando o seu solo em diversas regiões.

Depois de numerosas tentativas sem sucesso, deram as sondas num horizonte petrolífero em Saint-Gaudens, cêrca de oitenta quilômetros de Toulouse.

Não foi colhido o petróleo propriamente dito e sim gás em abundância, capaz de ser industrializado para fornecimento a todo o país.

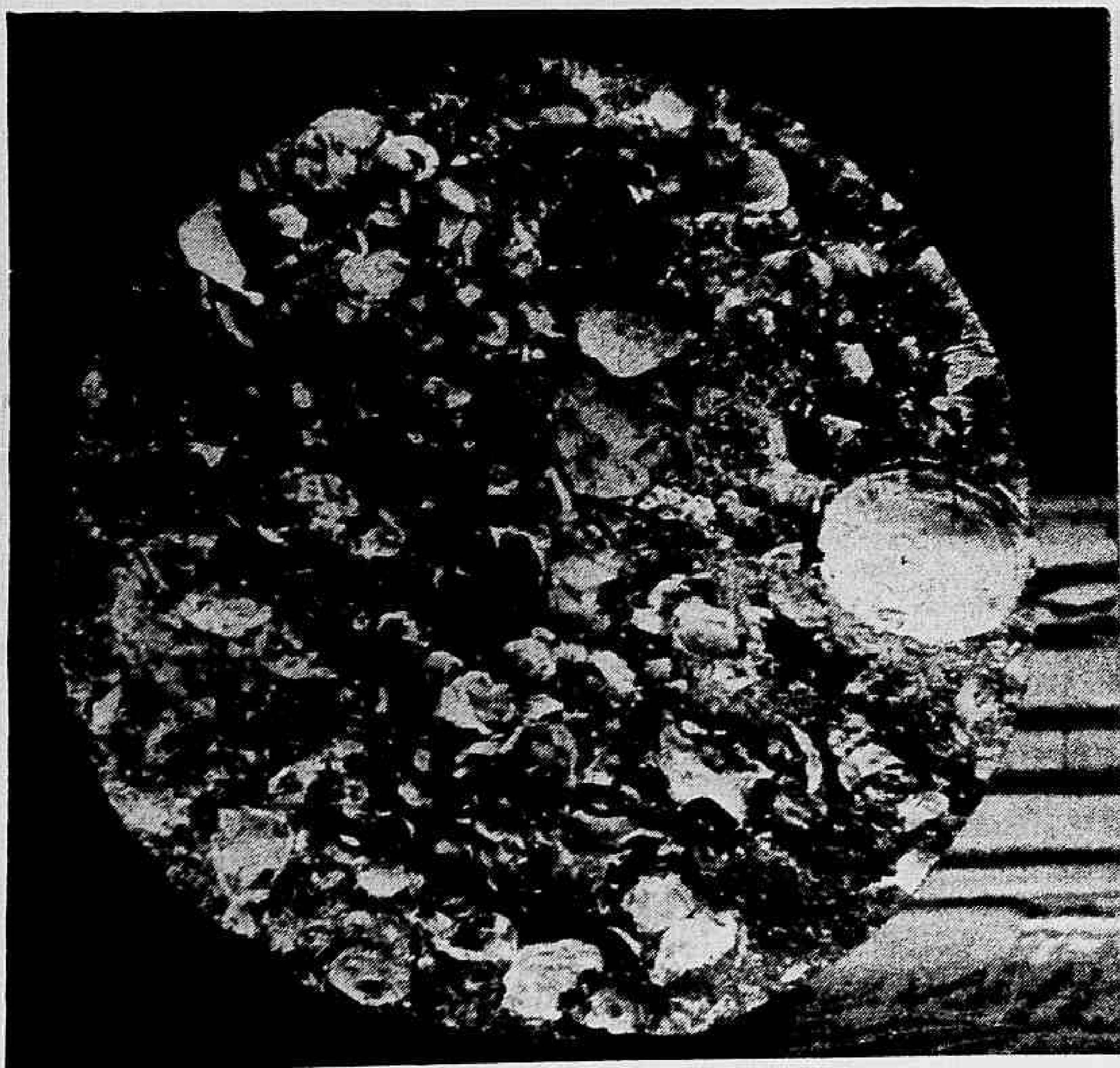
Como todos sabem, na formação do petróleo através de milênios, muitas vêzes as camadas de água e de gás são imensas, antecedendo de muito o petróleo propriamente dito, situado muitas centenas de metros abaixo da parte gasosa que sobe em face de ser mais leve do que o óleo.

Essas camadas de gás formam enormes bolsões subterrâneos, muito úteis à indústria, à iluminação, etc., riquíssimo em caloria e procurado pelos países industriais, pelo fornecimento de numerosos sub-produtos químicos.

A região de Toulouse, depois que se descobriram êsses depósitos de gases de petróleo, encheu-se de atividades fabris, movimentando-se os capitais, e assim cresceu o operariado, dando vida nova à zona.

O Departamento Francês de Amoniaco, que possui a mais importante fábrica de amoníaco sintético, tir todos os seus sub-produtos dos poços de gás petrolíferos de Saint-Gaudens e de Saint Marcet, nome do primeiro poço ali perfurado e de onde proveio o gás.

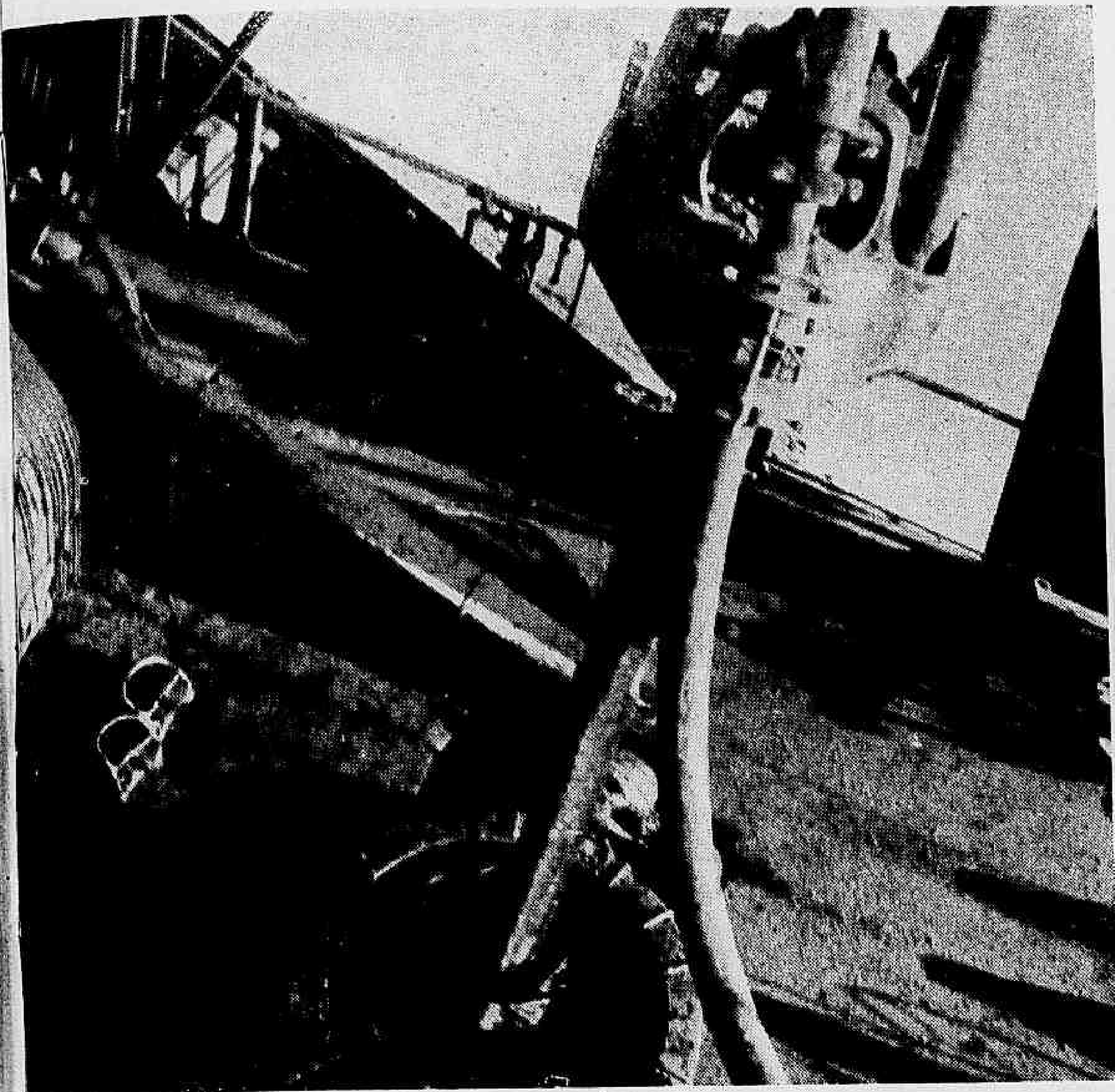
Todo o consumo de gás para serviços domésticos é abastecido por êsse poço, cuja capacidade de produção é tida como inesgotável.



Camadas de terra extraídas do fundo dos poços apresentam fósseis. Isso é um índice da existência de petróleo e então os trabalhos de pesquisas, nesse lugar, são reforçados



Há quanto tempo o petróleo se esconde sob as camadas do solo? Aqui estão vestígios de fósseis das épocas terciária e quaternária. Bom indício de petróleo. Agora é extraí-lo



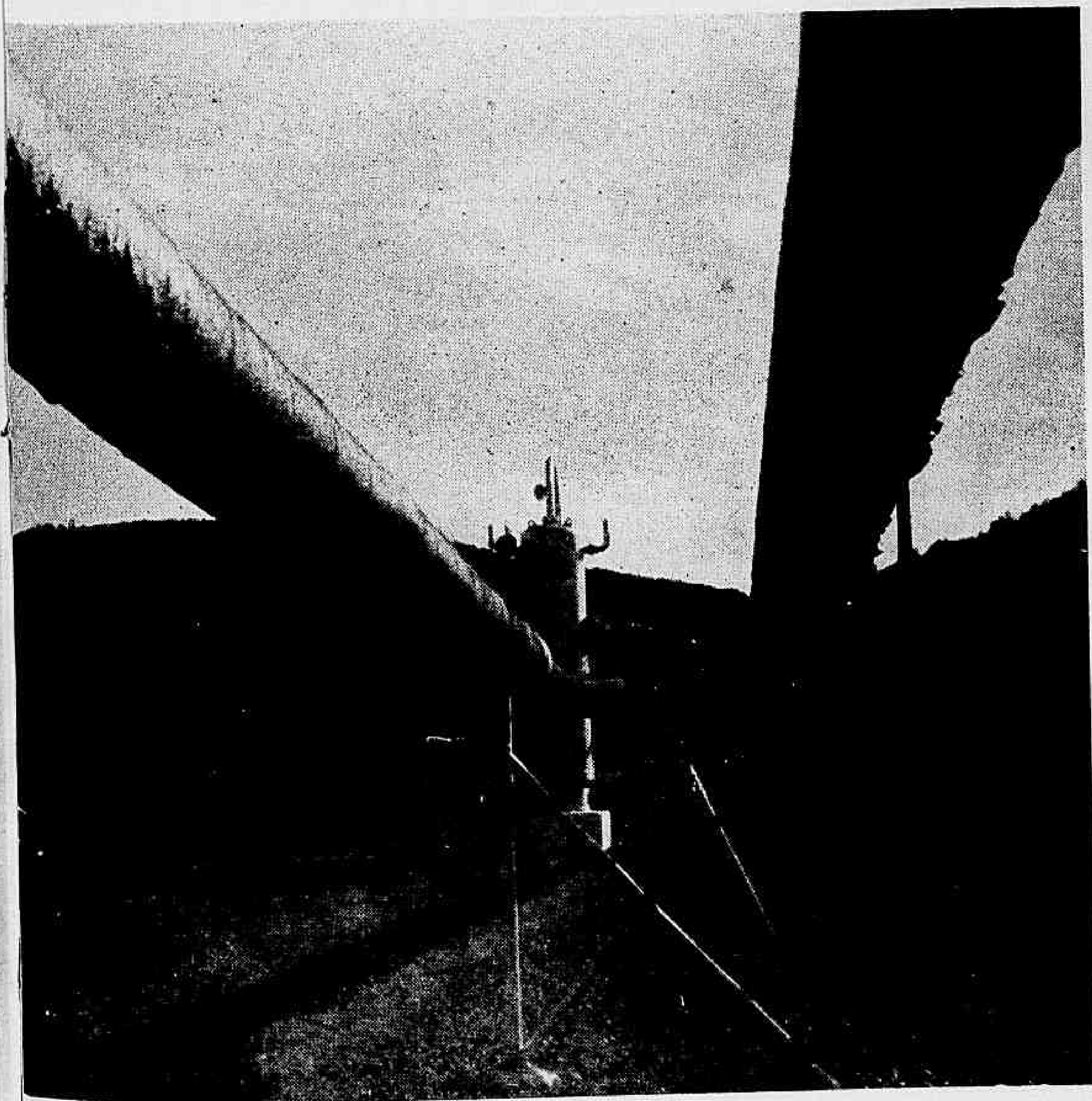
As perfuradoras em ação, trazendo das profundezas geológicas o material para análise. Depois os técnicos dirão se realmente pode ser obtido petróleo no lugar trabalhado

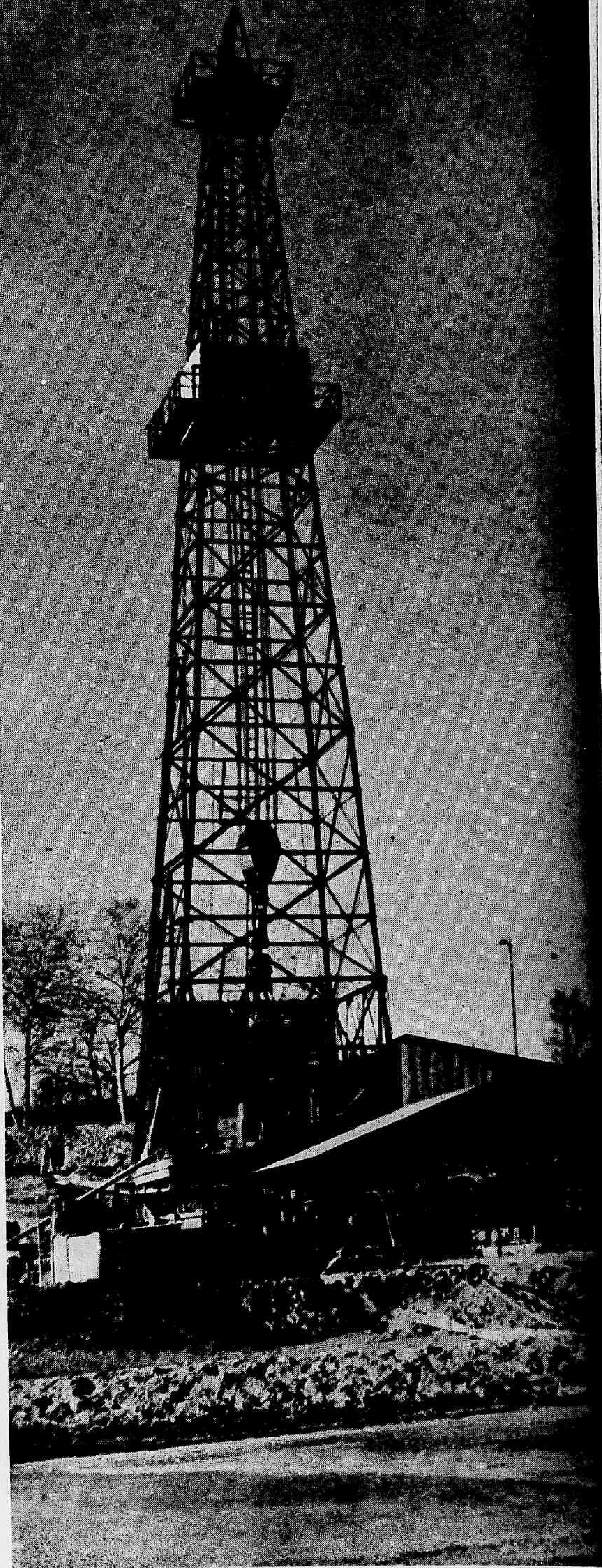
Diante dessa imensa riqueza que surgiu para a economia nacional, várias instalações de "pipe-lines" foram construídas para Tolouse, Tarbes, Paris e Bordeus, continuando os serviços de lançamentos de outros tubos em várias direções.

A pressão que se nota, sem desfalecimento, das tôrres de captação é muito grande, prova de que os depósitos subterrâneos não sofreram qualquer diminuição, apesar do grande consumo.

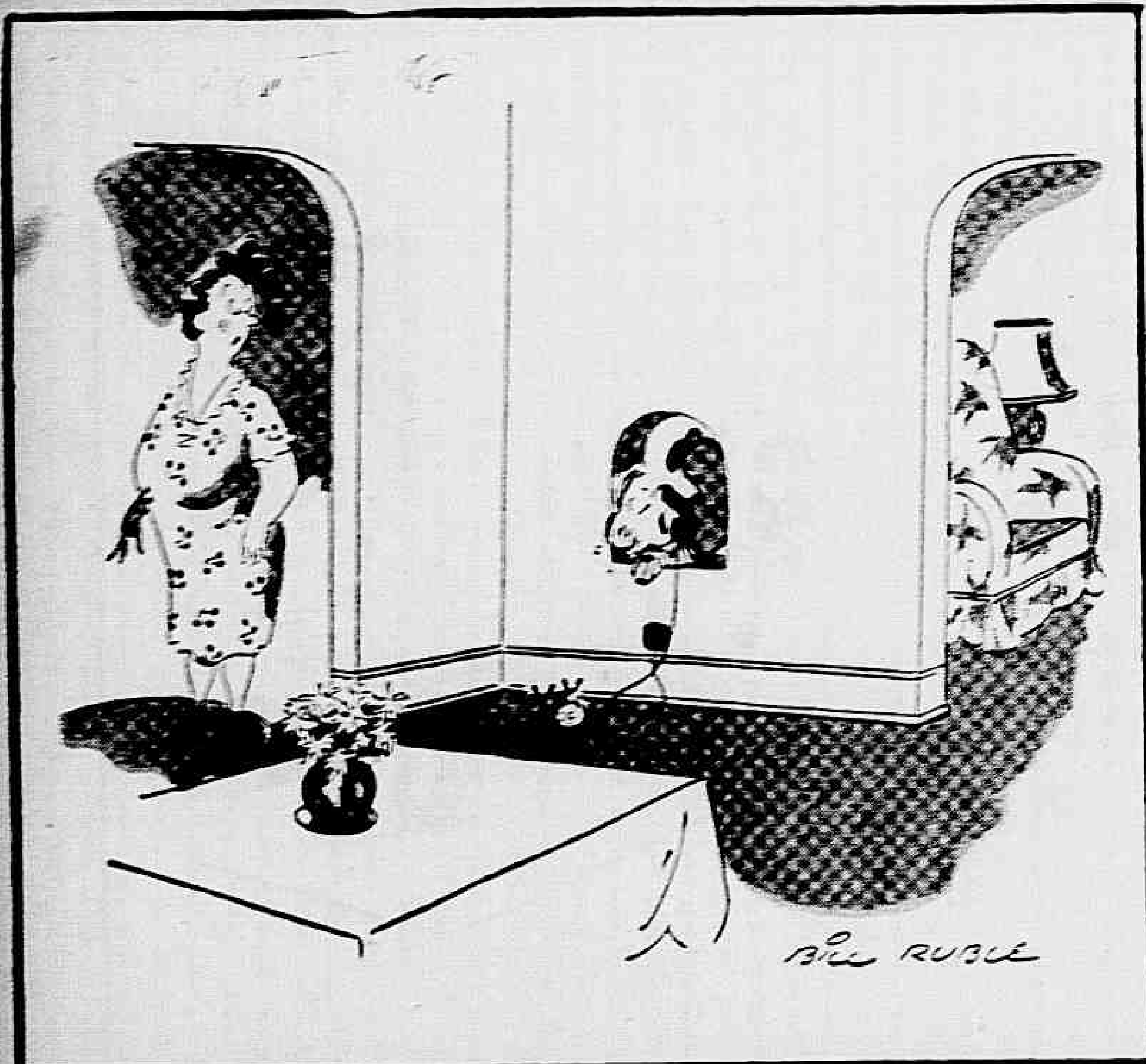
Essas instalações estão sob contrôle do Estado, que não se cansa de prosseguir em novas pesquisas, apesar de inúmeras dificuldades de tôda sorte para empreendimentos de tamanho vulto.

A França não era país especializado em tais trabalhos; mas, já hoje, depois de tão pouco tempo, pode fornecer refinarias construídas em suas fábricas, e dispõe de técnicos e operariado especializado em serviços de pesquisas, captação e montagens de tôrres de petróleo, colocando-se a nação à vanguarda das mais adiantadas do mundo nesse setor da civilização e do progresso.



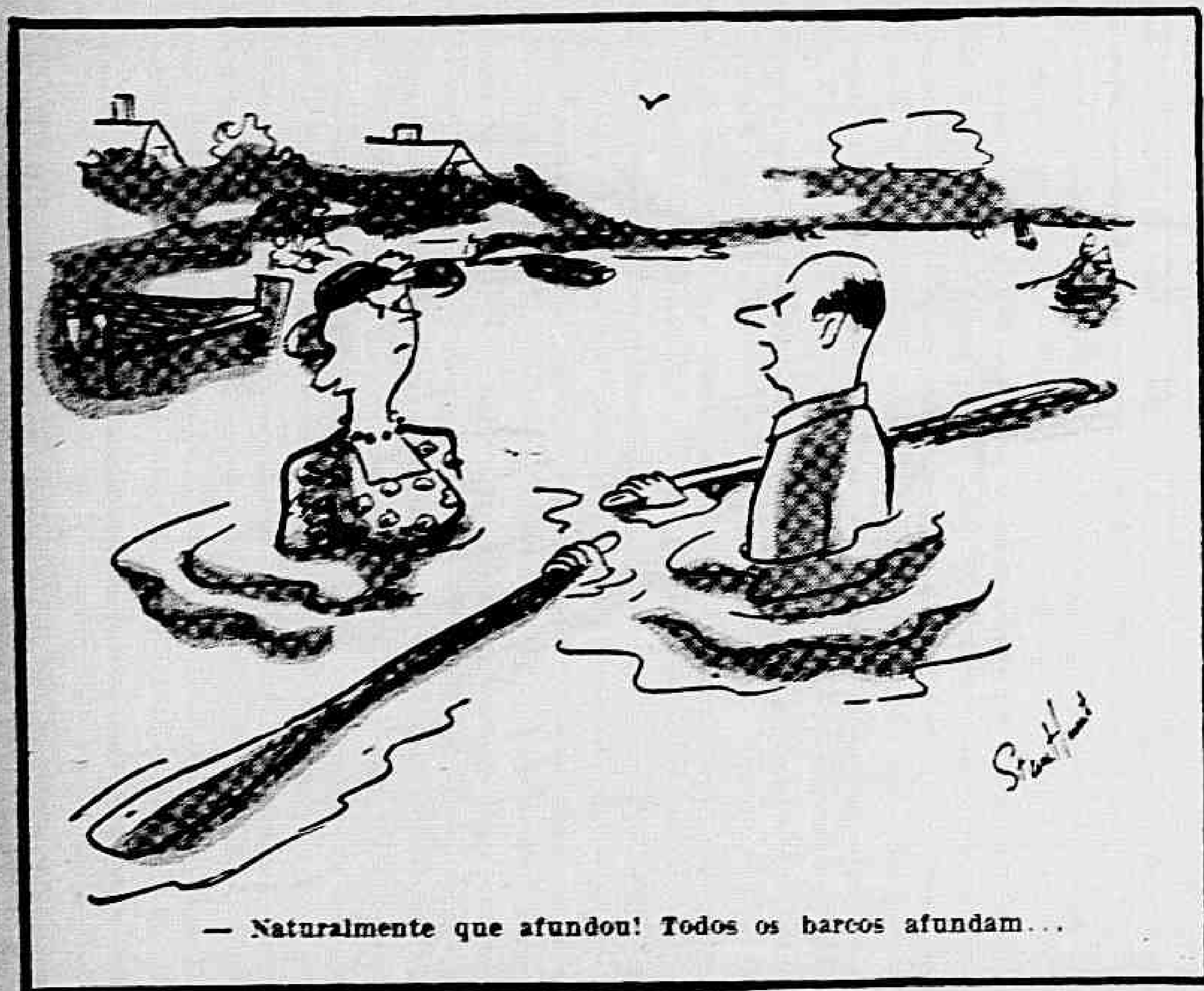


Em cima, instalação moderníssima de perfuradoras em Toulouse, sôbre uma zona de gás de petróleo. Ao lado, tôrre de petróleo, em Gers, na França, símbolo real de progresso

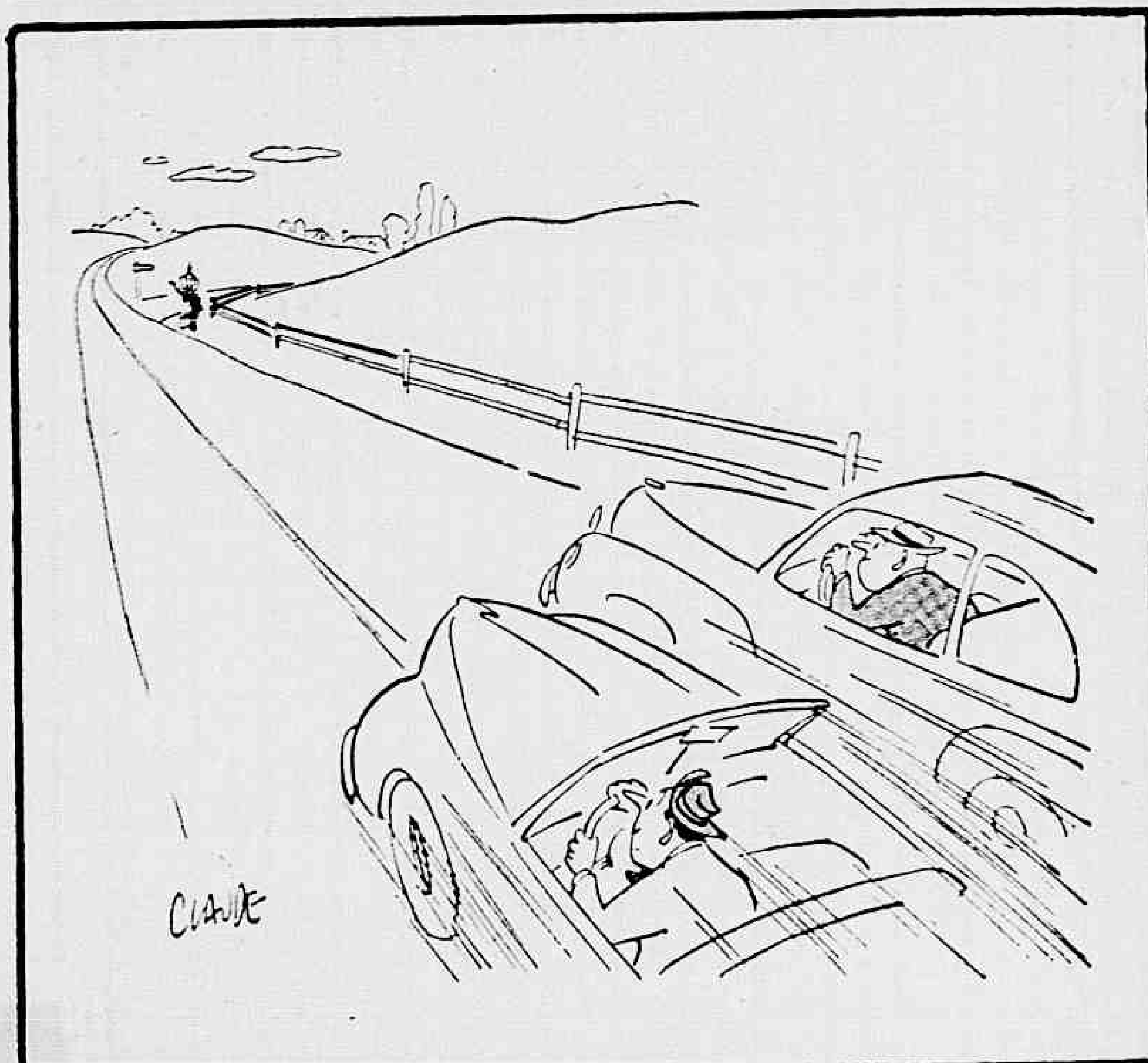




— Espera um pouco, José. Vou atender o telefone.



— Naturalmente que afundou! Todos os barcos afundam...



BOM HUMOR





Freguesa, quer comprar meias? Gravatas?



VOCÊ ESTÁ PREPARADA PARA O CASAMENTO?

SE você está mesmo disposta a contrair matrimônio, deverá, antes de mais nada, observar certos fatores de grande importância para a sua vida futura. Você sabe, por exemplo, que em cada cinco casamentos que se realizam, dois fracassam, dois são regularmente felizes e apenas um é inteiramente perfeito? Assim, a sua "chance" não é das maiores. E, além disso, existem inúmeras criaturas que não estão temperalmente preparadas para um tão importante passo. Uma mulher, por exemplo, que goste de "movimento", que deteste a rotina e necessite de companhias constantes, não encontrará no casamento uma satisfação completa. Muitas outras procuram combinar o trabalho fora de casa com as obrigações dentro do lar e isto, só raramente dá um resultado feliz.

Outras ainda, fariam muito melhor se não casassem mesmo; entre estas estão as que detestam crianças e não querem filhos que as "atrapalhem"; as que pretendem continuar vivendo com independência, etc., pois estariam trocando a sua presente independência e felicidade por um estado no qual só excepcionalmente usufruiram de vantagens. Mas se você deseja um lar feliz e família; se você foi feliz na sua infância; se está interessada nas atividades daqueles que a cercam; se gosta de arrumação de casa e de outros trabalhos domésticos, então deve casar-se.

Irá assim enriquecer, não somente a sua vida, mas também a de outrem. O que importa em tudo isso, é principalmente o reconhecimento das responsabilidades que o casamento acarreta. Uma vez tomada a decisão, resta verificar se existe interêsse concentrado num determinado homem. Sôbre isso precisa haver uma certeza absoluta. E' mister que ambos tenham as mesmas idéias com relação a filhos; é preciso haver um interêsse comum que ligue o casal, como por exemplo, o trabalho, o amor à música, à literatura, etc.. E' também interessante que antes do casamento os dois se vejam em situações diferentes a fim de, conhecendo as atitudes assumidas diante das mesmas, não existirem, depois, segredos de um para o outro, com relação às suas próprias personalidades. Você deverá gostar do trabalho que o seu escolhido realize e também orgulhar-se da sua companhia quando em público. E' importante, muito importante mesmo, que ambos mostrem temperamentos semelhantes e pontos de vista comuns. Vocês irão viver juntos a vida inteira — pelo menos é o que se espera — e, para melhor se entenderem é preferível que sejam mental e moralmente parecidos. Os mesmos ideais e o mesmo sistema de vida deverão aproximá-los cada vez mais. Um, pelo menos, deverá ser tranquilo, tolerante e "diplomata"... Vem então o casamento e, a menos que cada um esteja determinado a trabalhar pelo seu sucesso, o desapontamento será inevitável. Lembre-se ainda que pelo menos a metade do número de aborrecimentos e desentendimentos que surgem na vida dos casais é devida ao dinheiro. Convém, portanto, não esquecer que acima do dinheiro está o seu marido, a sua casa, a sua felicidade.

O. B.

PATRICIA O'NEIL (Foto Warner Bros.)

PARA a tarde os modelos são mais rebuscados, com grandes bolsos e panejamentos, sem perderem, no entanto, a simplicidade de suas linhas. Os modelos aqui apresentados, são de Christian Dior e Jacques Fath. À direita, o modêlo de Christian Dior, executado em linho branco, de linhas simples e elegantes, gola estilo-pelerine, em baixo, o modêlo de Jacques Fath, em seda azul-marinho, originalíssima gola, saia ampla em "godet", busto drapeado.









MODELOS PARA A TARDE

O
pecto
ples,
mo a
tados
melh
branc
fina
mang
nalm
discr
seda

BOLEROS

Os boleros continuam em grande evidência. Agora principalmente, êles servem para modificar o aspecto de um modelinho mais simples, tornando-o mais importante, como aqui vemos, nos modelos apresentados. À direita, para um vestido vermelho e branco, um bolero de fustão branco; em baixo, para o seu vestido em fina lã, êste bolero de gola ampla e manga três quartos com punhos. Finalmente, em baixo, um modêlo mais discreto, em seda estampada, blusa em seda azul-marinho.











DIAS DE CHUVA





MESMO nos dias de chuva é mister que a elegância seja mantida. O velho sistema de só se usar nesses dias roupa já muito velha, está se tornando combatido pelos costureiros que vêm criando modelos elegantes, executados em tecidos próprios para êsses dias, provando assim que a mulher pode e deve ser elegante até... debaixo dágua... Em cima, à esquerda, dois elegantes modelos em lã, um tailleur e um casaco; à direita, outro original tailleur. — Em baixo, à esquerda, modêlo em pesada seda preta, à direita, um elegante traje em lã azul-marinho.







TRIUNFA O CHAPÉU

É sabido que os cabelos curtos, assim como são usados atualmente, não enfeitam muito a cabeça feminina, razão porque o chapéu vem readquirindo e seu antigo prestígio. Hoje já não se compreende que não se use chapéu principalmente nas horas mais elegantes, como quando se vai a um teatro, a uma reunião social, etc. Alguns dos modelos aqui apresentados foram criados especialmente para êsse fim. Os mais variados materiais estão aqui empregados: palha, feltro, gorgurão, etc., todos êles tendo como complementos flôres. véus, pesas, pássaros, enfeites em seda ou veludo.







TANTO um quanto o outro motivo estão em grande moda. Aliás, são motivos clássicos que nunca perdem a sua atualidade. No modêlo de Charmy, por exemplo, um bolero em tecido quadriculado completa um conjunto muito elegante, formado por saia preta e blusa branca. Jacques Griffe escolheu um surah azul com "pois" brancos para êste modêlo de linhas muito sóbrias e Robert Piguet escolheu um tecido quadriculado para o seu conjunto gracioso. Já Agnés Drecoll dá preferência aos "pois" escuros sôbre fundo claro para êste elegante redingote. Também Carven sugere o uso de um tecido claro com "pois" escuros para êste elegante "duas-peças" guarnecido de renda preta.

"POIS" OU QUADRICULADO



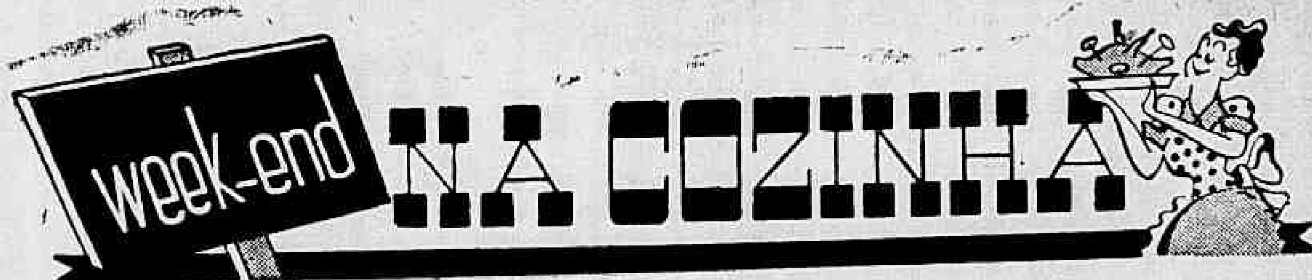




FUSTÃO BRANCO PARA A NOITE

AGORA, com a aproximação das noites quentes, o fustão branco está sendo usado pelos grandes costureiros, para os vestidos de noite. Os modêlos aqui apresentados, de Jacques Fath, Jacques Griffe, Pierre Clarence, Madeleine Vramant e Maggy Rouff são todos feitos nesse tecido.





ROLINHOS DE PÃO QUENTE

Parta um pão de fôrma, fresco, em fatias finas, sôbre a largura; passe por cima uma camada de pasta própria para "toasts", enrole como canudinhos, apare as extremidades e arrume num tabuleiro. Pouco antes de servir leve ao fôrno bem quente para tostar e sirva logo.

★

PASTA DE QUEIJO "TOASTS" SANDWICHES

Tome 1 xícara cheia de queijo do reino ralado e vá amassando com manteiga até formar uma pasta. Junte um pouco de môlho inglês ou paprika.

★

ASPARGOS COM CREME DE LEITE

Bata 250 gramas de creme de leite gelado. Parta em pedaços de 2 cm. pontas de aspargos de 1 lata bem escorridos, junte ao creme e guarde na geladeira. Corte 1 peito de galinha assada, aos pedacinhos e 250 gms. de fatias de presunto em forma de estrelinhas e o resto picado. Distribua o creme em 12 pratinhos e guarneça ao redor com a galinha e o presunto; sôbre o creme forme uma flor com 5 meias amêndoas torradas e no centro gemas peneiradas formando o miolo.

★

QUADRADINHOS DE VAGENS

Limpe e corte em tiras 1 kg. de vagens e leve a cozinhar em panela descoberta, em água a ferver, com sal. Escorra e leve ao fogo fraco com 1 colher de manteiga. Bata 6 ovos, as claras em neve, junte 1 colher de farinha, 1 colher-de-chá de Royal e misture com as vagens; deite num tabuleiro pequenino untado de manteiga e polvilhado de pó de pão e leve ao fôrno para assar. Corte em quadrados de 5 cm. e sirva como acompanhamento.

★

BATATA DUQUESA

Cozinhe ½ kg. de batatas descascadas em água fria com sal. Escorra, soque, passe no passador, junte 1 colher de manteiga, 3 gemas e leve a secar no fogo, mexendo até despegar da caçarola. Deite em bolas, em cordões, em rosáceas, doure com gemas e leve a assar no forno.

★

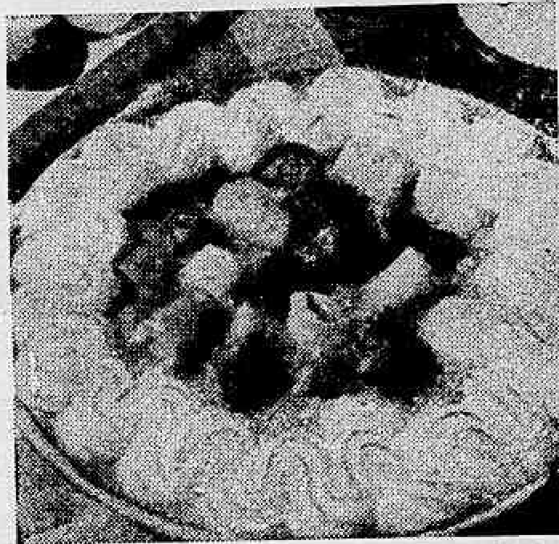
SOPA DE FEIJAO BRANCO

Deite de môlho de véspera, 2 xícaras de feijão branco. Parta em cubos de 1 cm., cenouras, vagens e nabos até encher uma xícara; deite numa panelinha com 3 colheres de água e ½ de manteiga; tape e deixe cozinhar em fogo fraco e reserve. Faça um caldo simples, junte o feijão, quando juntar a água, deixe no fogo até amolecer e se fôr preciso vá juntando mais água. Peneire, junte os legumes, esquente e sirva.

★

ANCHOVINHAS FRITAS

Tome 12 anchovinhas de 1 palmo, limpe, lave, dê 3 talhos enviezados de cada lado e tempere com sal, cebola ralada e limão. Pouco antes de servir,



ponha numa frigideira banha ou azeite, frite galhos de salsa e reserve. Enxugue os peixes num pano, passe farinha e frite, tostando dos dois lados, bem dourados. Arrume atravessados numa travessa e enfeite com a salsa frita e rodelas de limão sem a casca verde.

★

MOUSSE DE MAÇAS

Descasque 400 gs. de maçãs, parta em fatias, junte 200 gs. de açúcar e leve ao fogo brando, sem água e tapado. Depois de cozido, peneire, incorpore 6 folhas de gelatina amolecida em água fria e dissolvida no fogo em pouca água. Leve ao fogo fraco, ferva, retire e bata para ficar bem branca. Despeje em fôrma untada de azeite e guarde na geladeira. Desenforme num prato e deite ao redor frutas em calda, escorridas.

★

BOLO DE LEITE DE COCO

Bata durante 10 minutos 6 ovos com 250 gramas de açúcar; junte 1 pitada de sal, 200 gs. de farinha e por último o leite de côco tirado em água. Misture depressa, deite em fôrma untada e leve a assar no forno.

★

MASSA DE MARZIPAN

Pele 250 gs. de amêndoas e deixe de môlho em água fria durante 2 horas. Enxugue num pano, soque bem fino, incorpore gotas de água de flor e 150 gs. de açúcar. Misture bem e leve ao fogo fraco mexendo com colher de páu até soltar da panela. Junte 2 colheres de licor de cacáu, mexa e retire do fogo. Cubra com um pano úmido e empregue conforme a receita.

★

BOLO DE ABACAXI

Bata 250 gs. de manteiga, durante 15 minutos, adicione 4 gemas, 1 xícara de caldo de abacaxi, 250 gs. de farinha peneirada com 1 colher-de-chá de fermento e por último as claras em neve. Leve a assar no forno em fôrma untada.



A VELA QUE DESCOBRIA OS MORTOS

NOVELA DE RENATO DE ALENCAR

Havia na antiquíssima e histórica cidade de Pôrto Calvo, no Estado de Alagoas, uma velha de nome Zefa Rabuge, considerada como perigosa feiticeira.

Zefa Rabuge era o terror da garotada, e, quando as mães desejavam obrigar os filhos a tomar óleo de rícino, os ameaçavam, certas da vitória: "ou toma, ou mando chamar Zefa Rabuge". E o óleo descia pelo esôfago, sem chôros nem delongas.

Mestre Albino era tocador de bombardino da música do padre Machado; além de mestre da banda, era homem de idéias emancipadas, sabendo mais que o telegrafista, o boticário e o tabelião. Mestre Albino era o desmoralizador de Zefa Rabuge. Quando alguém relatava os feitos da mandingueira, Mestre Albino, protestava, quase colérico:

— Até você, homem, dando crédito às tolices daquela idiota?... Aquilo tem lá nada de mistério.

— Mas, Mestre Albino, *eu vi!*

— Que foi que você viu?

E o amigo crédulo lhe narrava mais um dos sensacionais casos da magia da bruxa do Varadouro.

Ela raramente saía à rua, e quando o fazia, era sempre à noite. De sua modesta casinha, meio escondida no mato, até à igreja, regulava uns duzentos metros. No meio do caminho, o cemitério. Asseveravam que Zefa Rabuge fingia ir à igreja, para entrar no campo santo tôdas as sextas-feiras. Ali se comunicava com os mortos, fazendo pactos com as almas penadas. Sentava-se nas covas rasas e túmulos de cimento, conversando soturnamente com os habitantes do outro mundo. Se alguém a descobria, ela se *suvertia*, encantando-se a reaparecendo longe...

Não fazia mal a ninguém; mas ninguém lhe fizesse o mal; do contrário...

Os mais velhos contavam histórias de arrepiar cabelo. O coronel Zé Amaro do engenho Barro Branco a desfeiteou, certa vez, e o que se viu o desabar de enorme tragédia sôbre a cabeça do orgulhoso proprietário e de tôda a família. A cheia grande lhe arrasou o engenho, matou o gado, liquidou os canaviais; um filho morreu de cobra, a espôsa enlouqueceu, e êle sumiu-se, numa viagem para o Amazonas, reduzido à miséria:

— Vocês crêem que tudo isso tenha sucedido por que o coronel Zé Amaro disse umas verdades à feiticeira?

— Sem dúvida! Ela fêz bruxaria com um cururu cheio de terra de sepultura e cosido com barbante de esteira de bexiguento.

— Idiotas! — protestava Mestre Albino cada vez mais indignado. Como era tola aquêla gente! O govêrno devia abrir mais escolas e difundir as matérias do curso secundário, sem o que tais abusões jamais seriam extirpadas do espírito do povo. E concluía: — quanta ignorância! Só acreditaria, vendo e apalpando.

Em tôda a cidade, talvez fôsse Mestre Albino o único de seus habitantes, que não acreditava nas qualidades sobrenaturais da velha enigmática. Até o padre Machado se mostrava crente, não que já o houvesse confessado, mas, pelas reservas que manifestava, sempre que alguém procurava saber se acreditava no que diziam da velha misteriosa. Ora, se o padre que era um homem ilustradíssimo e sacerdote de uma religião que condenava tais superstições, mostrava-se vacilante, cauteloso, temendo contestar a tradição, estava provado não restar dúvida quanto à veracidade de tudo o que se propalava sôbre os dons mágicos da feiticeira. E só Mestre Albino a combatia desassombradamente. Não temia as represálias da bruxa, e até se oferecia para destruir tudo o que a crendice popular havia criado em tôrno de tão excêntrica sexagenária. Mas ninguém se atrevia a fechar aposta, com medo de ser envolvido nos ódios da velha terrível.

Um dia correu a notícia de que um menino, sobrinho do padre, havia morrido afogado no rio, não aparecendo o corpo. O padre ofereceu o prêmio de 100 mil réis, a quem lhe descobrisse o cadáver do sobrinho, a fim de ser enterrado no sagrado. O rapaz era muito querido e o tio sacerdote o estimava tanto como à própria igreja. Foi um dia de geral consternação. Os meninos que tomavam banho com êle disseram que Machadinho nadara para o ingazeiro grande, subira na árvore e, lá, de cima, dera um batim de cabeça, não mais aparecendo.

Estava o padre confortado por amigos, quando Antônio do Patia, empregado do padre, pediu licença e entrou de casa a dentro, a ofegar. Todos o fitaram com olhos indagadores. O padre, ansioso, pergunta, a enxugar as lágrimas:

— Antônio, há esperanças?

— Há, meu padrinho!

Houve um rebuliço. O caboclo foi cercado. O padre perguntou aflito:

— Descobriram? Onde?...

— Ainda não; mas agora vamos descobrir, meu padrinho! Tenha fé em Deus!

— Como? Que pensa fazer, Antônio?

— Pedir a Zefa Rabuge, a vela das almas.

O efeito dessa sugestão foi inquietante, quase sacrílego. Como era que o Antônio, nas bochechas do padre se atrevia a recorrer às bruxarias de uma feiticeira, para descobrir o corpo do menino? Entre os visitantes, se achava Mestre Albino, que censurou a lembrança. Os outros se conservaram calados. Antônio do Patia, porém, insistia:

— Meu padrinho! Eu fui falar com a velha, contei-lhe nossa angústia, a dor que despedaçava o coração do senhor. Era preciso achar o corpo do menino, para enterrá-lo com os mandamentos da igreja, do contrário o pobrezinho fica penando muito... E ela me disse o que eu tinha de fazer... E faço se o senhor me der licença...

Antônio parava, de quando em quando, para assoar o nariz e enxugar as lágrimas abundantes que a dor lhe filtrava do coração afetuoso. E concluiu, angustiosamente, num soluço doloroso:

— Deixe, padrinho! Meu coração me diz que êle aparece!

O padre não resistiu. Abraçou, emocionado aquêle homem rude e crente, cria de casa de quem o afogado tanto gostava, e, diante da surprêsa de todos, respondeu:

— Vá, Antônio! Faça o que o seu coração mandar!

Uma hora depois, no lugar exato em que Machadinho mergulhou para a morte, Antônio do Patia, com o auxílio de uma jangada de bananeiras, lançava nas águas turvas do Manguaba, uma cuia com uma vela acesa. Nas margens do rio, o povo se aglomerava. Nos ingazeiros e mulungus de flores vermelhas como a côr da Fé, moleques e colegas do desaparecido vergavam com seu pêso, os galhos debruçados sôbre as águas.

Todos os olhares se fixavam na vela a boiar seguindo o curso do rio. Um ou outro cochicho; o maior silêncio entre a multidão. O padre lá estava também, pedindo a Deus que desse à velha feiticeira os louros da vitória. Só o descrente Mestre Albino tinha nos lábios um sorriso sardônico.

A cuia descreveu um semi-círculo, parou um instante. O vento soprava do leste, dificultando a descida e ameaçando apagar a chama alaranjada da vela humilde. De súbito, impelida por uma borbulha da corrente, a velinha se dirigiu para a outra margem, onde os caniços e tiriricas navalheiras impediram os exploradores de examinarem mais profundamente. A cuia parou, baloiçante, imobilizada pelo remanso.

Todos os olhos se pregaram na chama. Todos os corações palpitavam ofegantes. Muitos lábios balbuciaram preces.

Vendo que a vela não saía do lugar, Antônio do Patia, que tinha na velha uma fé cega, gritou para o povo:

— Está ali! — e remou vigorosamente, em direção à vela. Ouviu-se um sussurro. Todos se agitaram. O padre orava, olhos no chão.

Antônio, resoluto, audaz, enfrentando os calumbis, amarrou a jangada, benzeu-se e desceu à água, mergulhando exatamente sob a coité iluminada. Voltou à tona, para respirar. De tôda aquela multidão só Mestre Albino desejava o fracasso de Antônio do Patia e da vela da bruxa.

(*Cont. na pág.* 52)

FUTEBOL





A compra do ingresso é quase sempre um **drama**...



No campo logo vê um número de **malabarismo...**

O torcedor, quando manda parar o lotação para ir ao futebol, sabe que vai assistir um **espetáculo** variado...



O árbitro, às vezes, faz o seu número de **prestidigitação...**

Os jogadores que não querem nada com a bola representam ora uma **pantomima**, ora uma **comédia**...





Há **números extras** nas arquibancadas e gerais...

E, quando menos se espera, há uma **tragédia...**



A SAÚDE DO BEBÊ

DR. SABÓIA RIBEIRO

ASPECTOS DA SUPERALIMENTAÇÃO

DUAS circunstâncias, mais de ordinário conduzem ao quadro da superalimentação da criança: 1º — a criança mama a intervalos muito próximos; 2º — a criança, embora não mamando muito a miúde, mama em demasia em cada vez.

E' mais com o aleitamento no seio que ocorrem os casos de superalimentação sem maiores transtornos.

Quando a criança está em regime artificial (leite de vaca, etc.), o excesso do alimento traz quase sempre transtornos que se manifestam logo na primeira hora.

Neste regime, o lactente precisa absorver nas 24 horas quantidade de leite de vaca que corresponda a um décimo de seu pêso, e as quantidades das diversas rações totalizam um sexto; deve assim o leite, no primeiro trimestre, ser acrescido de metade água, e no segundo, duas partes leite e uma parte dágua.

Quando essas porções são acrescidas de forma ponderável, e a criança, por suas condições excepcionais de adaptação, absorve o alimento dado em demasia, o quadro da superalimentação vai-se definindo cada vez mais com seus respectivos sinais.

Sendo o alimento o leite materno, observa-se que a superalimentação é devida a um dêstes casos: o leite materno é muito abundante; que, sendo abundante o leite, a digestão de uma mamada ainda não se completou, e já a criança mama outra vez. Ainda acontece, em certas casos que cada mamada é muito prolongada.

Sempre que o leite materno é copioso e a criança mama em intervalos menores de 3 horas, ou cada mamada dura mais de 20 minutos, não teremos dúvida em advertir estar diante da superalimentação.

São, por outro lado, inconfundiveis os traços fisionômicos e o aspecto fisico da criança superalimentada.

Rosto de lua cheia, pescoço curto e cheio, ampla papada.

Dunas de banha, nos flancos, no ventre. O perimetro dêste excede invariavelmente o perimetro toráxico.

O tipo obeso da criança aparece em tôda a nitidez.

Se, numas, o excesso alimentar é tolerado, sem outras manifestações senão do aspecto da criança, acima descrito, em outras, se revelam logo sinais que denunciam uma perturbação mais profunda: a criança dorme menos bem, vômitos ocorrem de vez em quando, desenvolvimento de gases do intestino, e adiante diarréia.

Com o agravamento da sintomatologia, o pêso pára ou cai.

A superalimentação da criança devida a horários muito frequentes é causa mais frequente de um comêço de infecção intestinal. Sempre que ela está em causa com aqules fenômenos, pode-se concluir por uma forma mais grave da mesma.

E' necessário, entretanto, saber distinguir a simples golfada da criança que mamou de mais, do vômito verdadeiro, já denunciando um estado de irritação do próprio estômago.

Na golfada há simplesmente evacuação do excesso de leite deglutido logo após a mamada; no vômito, observa-se a frequência, a eliminação violenta do conteúdo gástrico.

Na primeira, só sendo eliminado o excesso, mas retida a justa quantidade de leite, a criança prospera satisfatoriamente, o pêso ascende sempre; no vômito, é bem o inverso que se observa, e dai o pêso minguado ou estacionário.

Os grandes inconvenientes da alimentação do lactante, abundante e dada a miúde, é fácil de compreender.

No lactente, o estômago conserva-se isento de germes, somente em virtude do ácido cloridrico livre, que apenas é encontrado no estômago vazio.

Ora, quando o lactente ingere doses demasiado grandes e frequentes de leite, o estômago conserva sempre uma parte do alimento.

A eliminação total do leite ingerido requer, pelo menos, um intervalo maior de 12 horas; só após êsse periodo terá passado todo o leite para o intestino e o ácido cloridrico, livre, poderá exercer sua ação esterilizante sôbre os germes da infecção.

Ao contrário, se o intervalo das mamadas é muito próximo, a cavidade gástrica sempre conterá quimo e, ao mesmo tempo, o intestino delgado, que dêsse modo se torna um meio de cultura propício aos germes da infecção.

São bastante intuitivas as medidas da superalimentação: regularizar o horário das mamadas; limitar cada mamada (em 15-20 minutos).

Até 6 meses, cada 3 horas (6 refeições).

Depois, cada 3 1/2 horas (5 refeições).

Se o leite é muito abundante, dar somente um seio cada mamada, alternando com o outro, na outra.

Que será seu filho AMANHÃ!

advogado
engenheiro
médico ou...?

Seu futuro depende do presente - da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula fósforo, cálcio, arsênico, iôdo, tanino e vitaminas - os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar - Tônico Infantil permitirá a seu filho ser, hoje, um colegial exemplar... amanhã, homem de verdade.



TÔNICO INFANTIL

CORREIO DA REVISTA

Walter Sá (Rio) — Muito curto o seu conto "O chamado na janela".

E. P. de A. (Jequié, Bahia) — Não foi possível publicar o seu trabalho "A loucura do prof. Ricardo". Está inçado de erros d eportuguês.

R. A. C. (S. Paulo) — Muito curtinho o "A Mentira de Susana".

J. K. (Votorantim) — C. C. (Rio) — O. M. (?) — J. A. C. B. (Rio) — A. R. (Raul Soares) — G. R. (Luisiânia) — O. R. (Rio) — A. A. Assis — Muito curtos todos os seus contos: "Anseios", "A Cruz da Estrada", "O velho Roseno", "O negro Joel", "O Desconhecido". "Veludo", "Os Carreteiros".

P. S. D. (Curitiba) — Não foi possivel aprovar o seu conto "Denis era timido". Muito falho no vernáculo.

J. F. P. (Curitiba) — Mal escrito o seu "O beijo de um morto".

M. A. A. M. (Rio) — Já havíamos emendado o título. Afora êsse seu conto (A flor do cacto) só havia aqui "O Milagre", que não foi aproveitado.

A. B. (Rio) — Não temos o seu conto, "Medo". Já deve ter sido julgado em edições anteriores. Quanto às emendas a tinta, não tem isso nenhuma inconveniência.

Artur Lima (S. Paulo) — Só nos é possível atender, indicando o número da edição. Assim é muito vago.

E. Augusto da Silva (S. Paulo) — As ordens já seguiram. em número de duas na mesma ocasião.

Romeu M. Cabral — Recebemos seus contos. Aguarde.

PUXE PELO Cérebro

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 10 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

AGORA, AFIEM A MEMÓRIA

1 O padre Anchieta era:
Italiano?
Português?
Espanhol?

2 Antes de D. João VI chegar ao Rio, em que cidade do Brasil esteve antes:
Recife?
Salvador?
Vitória?

3 A batalha dos Guararapes em Pernambuco se travou entre:
Portuguêses e brasileiros?
Holandeses e franceses?
Brasileiros e holandeses?

4 A cidade alagoana de Pôrto Calvo se tornou célebre pela morte de:
Calabar?
Frei Caneca?
Bernardo Vieira de Melo?

5 Como se deve pronunciar o nome de Anchieta:
Anquieta?
Anxíeta?
Anxieta?

6 No eclipse total da lua, qual o astro que a obscurece:
O planeta Marte?
Vênus?
A Terra?

7 Uma década corresponde a:
Dez anos?
Dois anos e dez meses?
Cinco anos?

8 Santos Dumont contornou a Tôrre Eiffel em:
Balão esférico?
Dirigível?
Aeroplano?

9 O último planeta descoberto em nosso sistema foi:
Júpiter?
Netuno?
Plutão?

10 O pico da Tijuca tem de altura:
Um quilômetro e 520 metros?
1.024 metros?
Dois quilômetros?

11 O primeiro número da REVISTA DA SEMANA traz a data de 5-5-1900. De que século é:
Do século 18?
Do século 19?
Do século 20?

12 Em que ano foi inventado o paraquedas:
1797?
1804?
1750?

13 O para-raios foi inventado por:
Edison?
Santos Dumont?
Benjamin Franklin?

14 Qual o cirurgião que substituiu a cauterização das artérias pela ligadura nas amputações:
Charcot?
Ambroise Paré?
Miguel Couto?

15 As Parcas, divindades mitológicas que acompanhavam a vida humana, eram:
Três?
Duas?
Quatro?

16 Quantos Papas já houve no Vaticano com o nome de Pascal:
Um?
Dois?
Três?

17 Em que local foi S. Paulo convertido ao cristianismo:
No caminho de Damasco?
Perto de Roma?
Em Jerusalem?

18 Qual o nome indígena do Rio S. Francisco:
Timbiruna?
Paraipanema?
Opara?

19 Cleptomania quer dizer:
Vício de furtar?
Falta de sono?
Hábito de mentir?

20 O famoso Palácio do Trocadero em Paris foi construido para:
Uma exposição?
Residência de príncipes?
Algum museu?

Respostas na página 58



Antes, era preciso repetir diàriamente as pulverizações com os inseticidas comuns... Que trabalho incômodo e cansativo!

Agora, é só polvilhar algumas vezes por ano bastante **NEOCID EM PÓ** nos esconderijos e caminhos dos insetos... Enquanto descanço, **NEOCID EM PÓ** elimina os insetos durante semanas e mêses...



Peça hoje mesmo NEOCID EM PÓ na farmácia, no armazem ou em qualquer loja de ferragem e verificará, também, como é fácil livrar-se de baratas, formigas, pulgas, percevejos e traças.



DESCOBRIDORES DO DDT



NEOCID *em pó*

CINQUENTA ANOS DE JORNALISMO

(Cont. da pág. 11)

A par das artes, é admirador da natureza do nosso país, vendo no maior incremento do turismo uma fonte certa de receitas para a nação, e um desenvolvimento mais rápido das áreas preparadas para a visitação pública. E como não pode haver turismo sem estradas, muito se orgulha de ter sido aproveitada uma sugestão sua para a construção da variante da Rio-Petrópolis.

A REPORTAGEM DO FAKIR

Voltando ao jornalismo, disse-nos que até 1911 deu sua colaboração a vários órgãos da Capital da República. Nesse ano foi fundado o vespertino "A Noite", no qual trabalhou com afinco desde o primeiro número, tendo grandes iniciativas, galgando postos cada vez mais altos até o de diretor, em que teve oprotunidade de demonstrar a sua fibra de organizador. Entregou-nos, então, um número bem antigo de "A Noite", o da quarta-feira, dia 15 de dezembro de 1915. Como curiosidade resumiremos algumas das particularidades interessantes que contém, a começar pelo preço: número avulso 100 réis. A guerra era tratada com bastante confusão e displicência, apesar de já se declarar que os prussianos haviam perdido 2.244.248 homens. Algumas notícias: — A Grécia não será invadida — Os austríacos policiam Constantinopla — O Govêrno francês enviou 2.700 cães "Fox-Terrier" para o "front" a fim de exterminar os ratos que infestam as trincheiras — As mulheres alemãs contra a escassez da manteiga — Um anúncio: A Leiteria Palmyra vende manteiga virgem pasteurizada a 4$000 o quilo (bons tempos...) — Um tópico reclamava contra o abuso dos carros oficiais, alguns dos quais eram tão despudorados que levavam placas particulares para passarem despercebidos (como vêem, "nihil novi sub sole"). Na quarta página a nota pitoresca é dada pelo resultado do jôgo do bicho: Antigo 358 — Coelho; Moderno 524 — Cabra; Rio 133 — Cobra; Salteado — Galo; e mais os palpites "para amanhã". Não há dúvida, muita gente recordará com saudade de aquêle tempo que não volta mais. Depois vinham os anúncios dos cinemas Pathé, Parisiense e Odeon, com Carlito e outras novidades. Mais uma notícia com o sugestivo título "Esbordoado pela polícia". Na última página o cartaz dos teatros: No S. Pedro, a emprêsa Paschoal Segreto anunciava a "Gioconda" e a "Carmen"; no República, o "Rei dos ilusionistas, The Great Raymond"; no Lírico, a opereta "El mercador de muchachas", com Esperanza Iris; no Recreio, a despedida da Companhia Adelina Abranches e Alexandre Azevedo, com a participação de Aura Abranches, que partiria no dia seguinte no paquete "Orita" para a Europa, com a peça "A menina do telefone", de Gaston Serpette; no S. José uma companhia nacional com a revista "A Cabocla de Caxangá", tendo como protagonista Júlia Martins, e "piadas sempre novas de Alfredo Silva e João de Deus". Figurava também Vicente Celestino. Depois dessa rápida excursão a um passado pitoresco, que se repete às vêzes, paremos na primeira página dêsse vetusto número de "A Noite". Título que naquela época devia ser garrafal: "Os mistérios do fakirismo em pleno Rio!". E' o que diz respeito a uma das famosas iniciativas de Vasco Lima, até hoje lembrada com sucesso. Trata-se da "blague do Fakir Djoghi Harad". Vasco Lima recordou com minúcias o caso.

O Rio vivia, naquele tempo, cheio de curandeiros, cartomantes, feiticeiros, fakirs, etc. Essa situação deu uma idéia a Vasco Lima. Fazer uma campanha na "A Noite" para alertar a população contra a credulidade com que aceitva os medicamentos e os preceitos dêsses falsos videntes e, o que é pior, contra a facilidade com que revelavam segredos, inclusive, de suas vidas intimas, que, na posse dêsses inescrupulosos tratantes, poderiam dar margem a perseguições, chantagens ou quem sabe lá que outras tragédias. Da idéia passou-se à ação. Foi alugado um sobrado na Rua Evaristo da Veiga e transformado em consultório indiano. Caracterizaram-se alguns colegas de redação e assim o Fakir era o Eustachio Alves, o secretário era o Cfuri, o porteiro era o Mário Lima, irmão do Vasco; havia mais dois ou três auxiliares. Ensaiaram linguas, gestos, truques, respostas aos diferentes quesitos e o mais que fôsse necessário para qualquer imprevisto. Uma vez tudo pronto, iniciaram as consultas. Durante cêrca de um mês entrou naquela casa gente de tôdas as côres e classes sociais. Abriam suas almas sem receio algum e ouviam, em sua santa inocência, as recomendações que o "Fakir" lhes impartia. Aí, a própria reportagem da "A Noite" foi avisar a polícia pedindo providências. Organizada a diligência, tiveram o cuidado de espalhar a notícia, de modo que a batida se revestiu de sensacionalismo. Depois de algumas peripécias, efetuou-se a prisão de tôda a "troupe" de "indianos" e só na delegacia, após algum tempo, é que foi descoberto que tudo não passava de uma "blague". As autoridades viram nisso um menosprêzo a suas pessoas, mas, uma vez explicada a razão e o efeito que teria nos que haviam tomado consultas, serenaram-se os ânimos e a "A Noite" passou a receber cumprimentos quase unânimes pelo esforçado trabalho de prevenção aos incautos. E Vasco Lima continuou:

— Essa reportagem bem sucedida foi a causadora do término da minha carreira artística. Os dirigentes do jornal viram em mim dotes de organizador e chamaram-me antes para a gerência e depois para a diretoria. Não há dúvida, foi uma bela recompensa, a situação era muito mais estável, inclusive financeiramente, porém, a minha vontade de orientar os meus trabalhos para a arte, em especial para a pintura, ruiu por terra.

— Mas o senhor não está satisfeito com o que conseguiu produzir na direção da "Emprêsa A Noite"?

— Naturalmente não deixo de estar, porque vejo que nem tudo foi perdido. Muitas das minhas iniciativas ainda persistem, e isto já é uma consolação.

OUTRA FASE

Entre as criações de Vasco Lima, nesse período, devem-se contar as revistas "Vamos Ler", "Carioca" e "A Noite Ilustrada". Para esta foram montadas oficinas modernas de impressão, rotativa e outros aperfeiçoamentos. Chegou a ter uma tiragem de 400.000 mil exemplares.

— A imprensa, como tôdas as outras atividades humanas, deve evoluir, acompanhar o progresso, para estar sempre em condições de satisfazer a sêde de saber crescente dos homens — adianta o nosso entrevistado. — E' o melhor meio para a divulgação rápida e barata de tudo o que acontece no mundo. Diverte, instrui e educa. Não pode nunca estagnar, com o perigo de esquecimento, deve se renovar continuamente, inclusive nos processos de trabalho. Não somente no que diz respeito às máquinas, como aos próprios métodos de relatar a matéria, de apresentá-la ao público, de escrever. O jornal deve ser de poucas fôlhas, deve informar de maneira rápida, concisa, porém completa. E' por isso que considero a reportagem um dos melhores recursos com que pode contar o povo para se inteirar das novidades. O repórter deve ter um pouco do caricaturista para perceber, com certa dose de ironia, o traço caracteristico das pessoas ou coisas que visita. Em nosso jornalismo dá-se, porém, maior valor ao redator porque sabe escrever melhor. Eu creio que se oferecessem maiores oportunidades aos verdadeiros repórteres, a imprensa brasileira teria possibilidades também mais amplas.

Ainda como iniciativas do Vasco Lima devem ser lembrados o Mês da Cidade com as Festas Juninas, o popularíssimo Rei Momo e o Papai Noel.

— Devido à grande queda de publicidade na "A Noite" — assim êle explicou — cheguei à conclusão de que o período de Natal estava morrendo por falta de tradição. Alguns quiseram criar a figura indígena do Vovô Índio. Boa sugestão, mas que iria demorar a "pegar", por tratar-se de uma criação nova. Enquanto com o Papai Noel foi diferente, pois já existia desde muito esta lenda. Bastou revivê-la, especialmente entre as crianças, de um modo quase misterioso. E isso deu tanto resultado que hoje não só as crianças ganham lembranças, pois tornou-se um hábito geral presentear os amigos pelo Natal. O lucro foi de todo o comércio e consequentemente dos empregados, seja nele como nas indústrias. E' um círculo vicioso que redundou em benefício de todos.

Outras criações de Vasco Lima: a Corrida da Fogueira, a da Primavera e a Chama Militar, instituições cívicas que lhe devemos. Fundou ainda a "Editora A Noite" e a "Rádio Nacional". Sôbre esta não é preciso falar muito, pois é por demais conhecida em todo o território do país.

Perguntamos a Vasco Lima qual o período governamental em que êle, como jornalista, sentiu a garra da censura mais pesada.

— Foi no govêrno do Marechal Hermes — respondeu — Penso que apenas a liberdade deve nortear a imprensa, só a liberdade. Para os abusos, que entrem em ação os tribunais, presididos por juízes competentes e sem medo de enfrentar os poderes constituídos quando querem impor pela fôrça. Assim seria a responsabilidade guiando a liberdade. De outra forma não haverá progresso.

— Qual a sua opinião sôbre os casos de sensação tão explorados pela imprensa,

— A imprensa deve explorar qualquer assunto, por mais escabroso que seja. Compete-lhe apenas o dever de saber como fazê-lo. Existem periódicos que têm entrada livre nos lares. Nestes deve-se evitar tudo o que possa prejudicar a juventude. Nos outros, a verdade acima de tudo.

Demo-nos por satisfeitos, e aqui reproduzimos um pouco da vida e das atividades dêsse português do Brasil, que é o jornalista e caricaturista Vasco Lima. Português de nascimento, brasileiro de coração, pois aqui trabalhou durante 50 anos na profissão que tem como diretriz o revelar aos concidadãos o que de belo e feio, bom e ruim, digno e menos digno, enfim, o que de verdadeiro existe nesta abençoada terra de Santa Cruz. A êle, pois, nossos votos de felicidade pela passagem dêsse aniversário.

A VELA QUE DESCOBRIA....

(Cont. da pág. 52)

Depois dêsse fato testemunhado pelo próprio vigário e por tôda a população da cidade, a crença nos poderes misteriosos de Zefa Rabuge, consolidou-se definitivamente; mas o ceticismo de Mestre Albino era inflexível. Êle continuava a negar, obstinadamente, explicando:

— Não houve nenhum milagre da vela, idiotas. O corpo do rapaz ficou enganchado nos caniços, e a cabaça não pôde seguir a corrente, porque a maré já estava enchendo e havia aquêle remanso. Botem a vela nágua noutras circunstâncias, e ela não ficará onde ficou. Vocês são umas toupeiras! Acreditam em lobishomen e almas do outro mundo.

. . . .

Um ano depois sucedeu um caso estranho. Ermita, filho de Mestre Albino veio passar as férias com êle. Rapaz de dezoito anos, gostava de aventuras. Certa noite, por ciumadas, brigou com outro rapaz, o Miguel, filho do intendente municipal, homem rancoroso e violento. Houve troca de bofetões, saindo o filho do Mestre Albino bastante machucado. Em casa e entre amigos, Mestre Albino estimulava o filho, dizendo-lhe que uma bofetada se respondia com uma bala. A honra da família só seria lavada em sangue. O padre procurou acalmar os ânimos, pedindo ao músico que mandasse o filho para a capital. Mas o homem não cedia.

— Que se retire o filho do intendente! O meu não sairá de Pôrto Calvo enquanto não fôr desagravada nossa honra.

Intervinham pessoas amigas, argumentando que não houvera nenhum desfeite, pois ambos trocaram murros, e isso não tinha impotância maior. Gente moça não tem juízo.

(Continua no próximo número)

ANTES DE COMPRAR

LOUÇAS, FAQUEIROS, CRISTAIS, PORCELANAS,

FAIANÇAS E ARTIGOS FINOS PARA PRESENTES,

visite as magníficas exposições

da CASA CRISTALINO!

(A Rainha dos presentes)

Finíssimo sortimento de lustres de cristal

Preços módicos

URUGUAIANA, 35/37



MÚSICA

AINDA O CENTENÁRIO DE CHOPIN

A "RENTRÉE" DO MAESTRO ELEAZAR DE CARVALHO ★ TAMBÉM REAPARECE O PIANISTA SOUZA LIMA ★ UMA COMUNICAÇÃO DE JOSÉ SIQUEIRA

ROBERTO LYRA FILHO



Carmen Adnet

O interêsse despertado pelas comemorações do centenário de chopin atesta a popularidade do músico polonês. Sua posição singular, entre os grandes compositores, se evidencia precisamente nisto: é admirado pelos eruditos e apreciado pelos leigos.

Por ser acessível e de uma extraordinária fôrça comunicativa, sua obra nada perde do valor intrínseco que a recomenda como objeto de estima especial ao gôsto requintado, ao mais fino paladar musical.

Depuseram, agora, inúmeros musicólogos, unânimes na consagração da música de Chopin. Quanto ao aprêço em que a tem o povo, quanto à repercussão, aos ecos de sua inspiração vibrante no seio do povo, basta que se atente nas multidões que comparecem aos concêrtos dedicados a êle, nos aplausos que se renovam no fim de cada peça executada.

HOMENAGENS

Entre os tributos à glória de Chopin figurou, com justo destaque, o concurso internacional para o qual enviamos dois jovens e admiráveis pianistas.

E já nos veio a notícia de que, na árdua competição, Carmen Adnet e Oriano de Almeida não desmereceram a confiança neles depositada. Ambos chegaram à prova final, depois de inúmeras eliminatórias. Consta, ademais, que foi grande o sucesso dos artistas brasileiros, principalmente de Carmen Adnet, recebida com simpatia pelo público polonês.

Assinalamos, agora, outras homenagens à memória de Chopin.

No Teatro Municipal, em espetáculo misto, o corpo de baile apresentou as "Sílfides" numa versão razoável. E foi executado, na mesma ocasião, um concêrto para piano de orquestra de Chopin.

O Conservatório de Música promoveu um concurso para pianistas, ainda como parte das homenagens à memória do grande músico. E a Escola Nacional de Música, por sua vez, organizou uma série de recitais e conferências. E' grande o número de concêrtos dedicados à obra de Chopin. O próprio Walter Gieseking, que a A.B.C. trouxe novamente ao Rio, êste ano, foi a uma de nossas emissoras executar um programa especialmente dedicado a Chopin.

ELEAZAR DE CARVALHO E SOUZA LIMA

O Serviço de Radiodifusão Educativa, do Ministério da Educação, participando, também, dessa mobilização artística no sentido de acrescentar novas iniciativas à listo comemorativa, promoveu um concêrto, com a Orquestra Sinfônica Brasileira.

Realizou-se, no Teatro Municipal, o programa, sendo que a Orquestra foi regida pelo maestro Eleazar de Carvalho que, assim, fêz sua "rentrée", depois de mais uma prolongada estadia na América do Norte.

Entretanto, não foi somente Eleazar de Carvalho quem veio matar saudades de seus admiradores cariocas. Souza Lima, também, pianista que há muito não aplaudíamos, aqui no Rio, veio de S. Paulo especialmente convidado para executar os dois concêrtos para piano e orquestra, de Chopin — em mi menor e em fá menor.

O maestro Eleazar de Carvalho emprestou, com sua presença, à frente da O.S.B., autoridade e firmeza ao conjunto. Reservaremos entretanto, comentário especial, sôbre os seus recursos de regente, em constante desenvolvimento, para a ocasião de sua estréia na série dedicada aos sócios da Orquestra Sinfônica Brasileira, quando Serge Koussevitsky terminar a breve temporada.

Quanto a Souza Lima, compositor e regente, além de pianista, teve oportunidade de demonstrar a segurança de sua técnica, oferecendo duas interpretações de uma sóbria correção. Tendo recebido viva manifestação de simpatia do público, Souza Lima correspondeu ao acolhimento, com uma magnífica demonstração de seus recursos de virtuose.

JOSE' SIQUEIRA

Do maestro José Siqueira recebemos o texto de uma comunicação à Academia Brasileira de Música, na qual êle reúne o resultado de suas pesquisas no folclore nordestino, e apresenta um sistema trimodal, no qual sistematiza dados colhidos diretamente nas fontes populares.

O trabalho certamente merecerá a consideração dos musicólogos, que estudarão o alcance da importante contribuição. O seu autor nô-la apersenta como resultado de um valioso estudo ao qual se dedicou visando a procura, "na fonte folclórica", da "formação de música nacional".

Definindo o sentido do seu esfôrço construtivo, assinala: "Não tenho a pretensão de haver criado algo novo, nem de desfazer o que existe de concreto sôbre a matéria. O que fiz foi apenas ordenar o emprêgo dêstes três modos brasileiros, tão comuns nos povos do nordeste, a quem presto esta sincera homenagem, e, ao mesmo tempo que espero haver contribuído para a fixação de normas definitivas para a formação da música *brasileira*".

PÓ DE ARROZ
SANTAL
O PERFUME MISTERIOSO DA FLORESTA



ROGER & GALLET
PARIS · RIO

A BELEZA DOS SEIOS
BÉL-HORMON

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil, Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua e Carioca, 59 Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....

NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE .... ESTADO

Preço para todo o Brasil Cr$ 35,00

A beleza ao seu alcance



É O ÚNICO PREPARADO QUE REALMENTE ELIMINA AS MANCHAS DO ROSTO, ESPINHAS, CRAVOS, PANOS, SARDAS, ETC. CONSERVA A CÚTIS SEMPRE LISA, BELA E ACETINADA

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Rua Souza Dantas, 23 - RIO.

GRANDE DESCOBERTA PARA OS CALVOS

TÔNICO CAPILAR "AMARALINA" — (Trata-se da famosa descoberta verificada na Bahia). De base vegetal dá certeza absoluta que seus cabelos tornarão a nascer. Os fabricantes garantem devido a milhares de casos em todo o Brasil. Com um vidro detém a queda dos cabelos, elimina totalmente a caspa e com a continuação fará voltar a sua saudosa cabeleira. Encontra-se em Drogarias, Perfumarias, Farmácias, etc.
a Cr$ 35,00, o vidro
Aceitamos pedidos pelo Reembôlso Postal. Preço: Cr$ 45,00, livre de porte. M. M. BURLE & CIA. LTDA. — Avenida Rio Branco, 137 — 6.º andar — Sala 616 — RIO DE JANEIRO

A Agua Sanitaria CLARINHA
Dá valiosos brindes na chapinha



A fotografia acima focaliza um aspecto da chegada ao Rio do Sr. Edmund F. Buryan, Gerente da Revlon Export Corporation, de Nova York, que viajou para esta capital, a fim de assistir a inauguração da fábrica no Brasil, REVLON PRODUTOS DE BELEZA S/A, a realizar-se no próximo dia 18.
Aparece na fotografia o Sr. Fred H. Meyers, Diretor-Gerente da Revlon Produtos de Beleza S/A, quando apresentava ao ilustre viajante os seus votos de boas vindas.

ACONTECEU EM JUNHO

(Cont. da pág. 22)

trabalho de colagem. Na bucha, não. Êle sempre dizia: a bucha é a alma do balão. E esta tarefa tomava a si, exclusivamente. Quando muito permitia a um de nós colaborar nos preparativos iniciais, como aparar a vela ou amassar o breu. A última operação, porém, era feita por êle que se mostrava sabedor de todos os segredos do engenho.

Era um homem magro, muito claro e lembro-me que seus cabelos ainda estavam bem escuros porque tinha o hábito, quando trabalhava, de limpar os dedos sujos de grude na cabeça, e as pelotinhas brancas destacavam-se na côr de seus cabelos.

Luizinha sorriu, dizendo:

— Então êsse velhinho não era muito asseado.

— Em verdade não era, maninha. Mas você não sabe que a um velho perdoa-se tudo?

— Está bem, continue a história dele, assim mesmo.

— Pois bem. Quando chegava fins de junho, na última semana, não aceitava mais encomendas. Todo tempo era empregado para fazer o nosso balão, o "balão de seus meninos" como êle dizia. Era uma peça gigantesca que consumia nunca menos de uma centena de fôlhas de papel fino. Êste êle o fazia sozinho para que maior fôsse o nosso prazer, com a surprêsa. E era, de fato, um delírio a alegria da meninada na noite em que o punha na rua. Não sabíamos o que mais admirar no maravilhoso balão: se a variedade das côres, o tamanho ou o rica iluminação das lanternas...

A menina sorriu ouvindo esta descrição e virou-se para o irmão:

— O nosso também era bonito assim, Paulo!

— Porém, o mais importante, Luizinha, era a satisfação do velhinho ao soltar o "balão de seus meninos". Parece que, nesta noite, gastava todo o dinheiro de seu trabalho do mês de tantas bombinhas, fogos e doces que comprava para nós.

— Esta festa, Paulo, está tão parecida com a nossa...

— Só uma vez, Luizinha, aliás, a última que vi subir o grande balão, as coisas não correram bem.

— Como?

— Escute. Você já viu ou já ouviu falar dêsses meninos que gostam de tascar balões?

— Ih! muito! Na minha escola mesmo tem um menino hábil nisto.

— Pois, naquele ano, mal vimos subir o nosso lindo globo de papel, observamos que um golpe de vento mais forte o fizera baquear. Não se queimou, mas, mudando de direção encaminhou-se para a crista de um morro próximo, onde um bando de meninos, armados de paus, o esperavam para tascá-lo. De cá de baixo, ansiosos, nós contemplávamos o nosso balão, acompanhando os momentos trágicos em que êle ameaçava cair. Era um momento emocionante e sensacional, maninha: o morro todo iluminado pelo clarão do bôjo e das lanternas, como se formassem um só braseiro e, em baixo os meninos aiteando suas varas, pulando, gritando como para atrair o bruto! Eu tive sangue frio e fiquei presenciando de longe a cena até o fim. Mas, alguns amigos não resistiram. Correram, subiram como loucos o outeiro para salvar o balão. Já pelo caminho iam gritando:

— Larga, larga, êste ninguém tasca!

— Larga, êste vai subir outra vez!

E chegaram em tempo, lutaram com o bando de meninos, ganhando a partida.

— Que bom, que bom! — exclamou Luizinha, com frenesi.

— Mas, o pior, minha irmã, você ainda não sabe. Quando os meninos chegaram, radiantes, com o troféu nas mãos e já preparávamos o balão para subir de novo, demos falta de um companheiro que eu vira acompanhar os outros na escalada do morro. Outra vez, um grupo subiu o caminho em seu encalço. Desta vez eu fui, Luizinha. E encontrâmo-lo estendido numa rampa, em estertor, contorcendo-se de dores. Era o filho caçula do fabricante da balões, que caira morro abaixo, justamente no momento culminante da luta.

A pequena soltou três gritozinhos muito agudos, mas Paulo continuou:

— Morreu na Santa Casa, um dia depois e creio que o pobre velho nunca mais quis saber de fabricar balões. Mudamo-nos de bairro, a vida também mudou e hoje em dia nem sei por onde andará o bom homem com quem aprendi a armar balões. Talvez já nem exista mais.

Luizinha ficou pensativa, como se estivesse recapitulando trechos da história que acabara de ouvir. Depois, virou-se muito terna para o irmão, falando-lhe baixinho:

— Olha, Paulo, não vá dizer nada a mamãe não, mas ali adiante, na rua das Palmas tem também uma casa onde um senhor fabrica balões. Durante o mês todo, na volta do colégio, eu e os meus coleguinhas paramos lá para olhar o moço trabalhar. E então êle nos convidou para a festa de hoje, pediu que cada um de nós fizesse uma lanterninha (eu fiz a verde que lhe mostrei!) para aquêle balão bonito que soltou em homenagem a seu pai. Disse-nos que o bôjo colorido e as lanterninhas tôdas iam até o Céu levar saudades ao velho Serafim, que foi um grande amigo das crianças e dos balões...

Paulo sentiu-se tomado de estupefação, ao ouvir as últimas palavras da irmã e perguntou-lhe:

— E o nome dêsse moço, você sabe, Luizinha?

— E'... é Cândido Tavares.

— Tavares. Serafim Tavares — o moço repetiu em silêncio — recordo-me bem, era êste exatamente o nome do bom velhinho!

E agora, mais do que nunca, Paulo sentia que Luizinha tivesse perdido a festa daquela noite. Porém, já era bem tarde e, de mãos dadas, os dois deixaram a janela. Voltando-se para a sala de estudos, contemplaram dois livros fechados: — sôbre a poltrona os Contos de Perrault, e, na secretária, Lições de Química. Em compensação, êle tinha dado à irmã um legítimo Conto de Junho e ela, com a sua inesperada revelação, lhe dera uma lição da vida, das voltas e dos encontros que a vida dá...

PARA A SAÚDE E A BELEZA DOS SEUS CABELOS!



LOÇÃO TÔNICA MAC BIR

Um Produto Cientificamente Preparado

A LOÇÃO TÔNICA MAC BIR é o mais poderoso revitalizador capilar. Medicinal à base de vegetais, seu uso constante é uma *garantia de saúde* para o couro cabeludo, eliminando a caspa e a seborréia, evitando e detendo o *embranquecimento* e a queda dos cabelos!

★

A venda nas boas farmácias, drogarias e perfumarias — Preço Cr$ 35,00

Atendemos também pelo Reembôlso Postal

1 vidro Cr$ 40,00 - 3 vidros Cr$ 100,00

6 vidros Cr$ 192,00 - Livre de porte

Pedidos à

CAIXA POSTAL 4.272 - RIO - D. F.

A VELA QUE DESCOBRIA

(Cont. da pág. 46)

O caboclo tornou a mergulhar. Os caniços se mexiam, denunciando que o mergulhador estava explorando o fundo do rio. Mais uma vez, subiu à tona, para tomar fôlego e descansar. Subiu à jangada, rezou e desceu ao fundo das águas pela terceira vêz. A vela boiava, girando mansamente pelas bordas do remanso. Notava-se em tôdas as fisionomias uma ansiedade de morte. Antônio voltou à flor das águas e gritou para a margem:

— Está aqui!... Venham ajudar-me!

Um pranto convulso irrompeu dos peitos amigos. O pai-nosso subiu ao céu e vozes se altearam, dando graças a Deus.

Dois populares foram ajudar Antônio do Patia, e momentos depois, o corpo do menino seguia para a casa do pobre e a cabaça com a vela, entregue à velha bruxa, que recusou o prêmio.

(Cont. na pág. 50)

O CIGARRO

(Cont. do número anterior)

— Escuta, Fred. — Procurava dar um tom persuasivo à voz. — A culpa, eu sei, é de todos nós. Minha, principalmente, porque só muito tarde fui me interessar pela tua educação no seio da família. Eu sei, meu filho, a falta que nos faz a convivência com os pais durante a infância. E' ela que nos dá a oportunidade de ganharmos a confiança dêles, levando-os a confidências que resultarão em conselhos úteis em vez de castigos e reprimendas. Além do mais fui egoísta contigo. Julgava que zelava pelo teu bem, procurando afastar tuas preocupações de namôro. Queria conservar-te para cuidar de tua irmã, quando eu me fôsse dêste mundo... Ouve, eu não conheci meu pai em vida. Minha mãe, deixei-a muito jovem para me atirar às aventuras, pelo mundo. Tu pudeste conhecer tua mãe, porém julgara eu que nos internatos te educarias melhor. Tua mãe se foi. Perdeste a tua infância... Mas, estamos dramatizando o teu caso, com os diabos! Não é o bicho de sete cabeças que parece.

Embora perturbado, embaralhando o assunto, Alfredo queria ir direto ao caso.

— Escreve à menina... Vera. Que venha para cá... Dar-lhe-ei dinheiro para que compre a passagem e para outras despêsas que tenha de fazer. Não te preocupes com o que venha depois. Por enquanto, trataremos de arrumar os papéis para o casamento... escreve-lhe e dize-lhe que a primeira carta eu a desviei... — E ao ver o filho levantar a cabeça, surpreso. — Não te precipites, por favor. Dize-lhe que eu peço desculpas e a abenção como filha.

Frederico levantara-se novamente. Em sua fisionomia triste, um leve sorriso perpassou, desajeitado. Enfiou as mãos nos bolsos, no gesto que o pai conhecia bem. Êste compreendeu tudo. Uma dúvida fazia-o hesitar. Um vício bolia-lhe nos nervos. Alfredo procurou prender o filho, falando depressa, tentando explicar o que já ficara mais do que entendido:

— Ela morará conosco, Fred... em nossa casa...

O filho se encaminhava para a porta. Em um relance o velho decidiu quebrar uma hesitação de muito tempo:

— Por favor, meu filho, não vai fumar lá fora. Pode fumar aqui, perto de mim...

O rapaz parou um instante, sem se virar. Depois retrocedeu, sorrindo desajeitado, já com o maço de cigarros na mão.

— Meu pai... parece que ressuscitei!

WALT DISNEY

(Cont. da pág 21)

sim mesmo, ainda há muito para fazer. O produtor do filme, no entanto, promete entregá-lo ao público em princípios de 1950.

Quanto à "doublage" das vozes, será feita por José Vasconcelos para umas cinco ou seis, por Jaime Barcelos para mais duas, e as outras, de menor importância, serão obtidas na hora da gravação.

Assim, o brasileiro poderá assistir, em breve, às aventuras do Curumi, do Bôto, do Curupira, do Caapora, do Jabuti, da Onça, do Macaco, da Yara, do Japu, da Cobra-Grande, do Uru-Táu, do Mapinguari, do Yrapuru e de outros personagens 100% brasileiros, animando as histórias do folclore em produção brasileira.

Outras criações como o Zé Batuqueiro e o Urubu Malandro, serão aproveitadas em desenhos de curta metragem, quando o "studio" tiver um lançamento compensador.

E aqui tem o leitor a relação da visita e das informações obtidas na "Latini Studio".

HABITANTES

(Cont. da pág. 25)

se iguala, absolutamente, ao desenho feito pelo cientista. Iguais ao Arco do riunfo são as fortalezas decantadas pelo alemão, excessivamente otimista. As rochas das Sete Cidades, devido à erosão e fatores outros, possuem, na maioria, formas que pendem mais para o estilo ogival. Nada encontramos ali de encantado ou de Sete Cidades propriamente. O que há, na realidade, é uma fonte fabulosa de minérios à espera de que os brasileiros acordem e a explorem. Se existe algo encantado, somos nós. As Sete Cidades estão perfeitamente acordadas. Tão acordadas que expõe aos olhos da gente verdadeiras pirâmides de ferro. Ferro milenar, que estende braços para o alto, ostentando-se. Nisso reside o encantamento dêsse local. Um encantamento igual ao que vemos nestes 449 anos de existência.



SCHWARTZMANN oferece uma magnifica oportunidade para adquirir o piano consagrado pelos grandes artistas, pela sua alta classe. Visite suas lojas e exposições ou, se possivel, sua fábrica, para apreciar a sonoridade perfeita e o primoroso acabamento dos pianos **SCHWARTZMANN.** Peça detalhes sobre o seu plano de vendas a prazo, pessoalmente ou por carta, por intermedio do cupão abaixo.

DUPLA REPETIÇÃO
TECLADO COMPLETO (88 notas)
TRÊS PEDAIS - CORDAS CRUZADAS



SCHWARTZMANN

Fábrica e Escritório central:
Avenida Agua Branca, 524 • Fone: 51-6981 • SÃO PAULO

Pianos SCHWARTZMANN
Avenida Agua Branca, 524 — São Paulo
Peço enviar-me detalhes sobre seus planos de venda.

Nome:
Rua:
Cidade:
Estado:



Lojas e Exposições:
RIO: Av. Rio Branco, 257-A
Fone: 32-7522
S. PAULO: Av. Ipiranga, 714 • Fone: 4-7478
R. Xav. Toledo, 272 • Fone: 4-1459

Publitéc-06

VIVER COM AMOR

MARGARET GORMAN NICHOLS

CAPÍTULO XIX
TRISTEZAS

BILL pensava de si para consigo: Isso em nada adianta. O que devo fazer é esquecer tôdas estas recordações melancólicas.

Mas era inútil. Os pensamentos continuavam a martirizá-lo e êle se via atravessado pela saudade, essa dor moral que tanto penetra em nosso físico e aperta o coração. Êle tinha saudades de Carol... Sentia a dor da sua ausência cada vez mais forte e ansiava por ela.

Se êle pudesse vê-la e conversar com ela, era como se estivesse voltando ao seu antigo lar. Bill como que se julgava agora sem nenhum lar. A casa que êle alugara para viver com sua nova esposa, Evelyn, na verdade jamais fôra um verdadeiro lar. Aquela casa era apenas um lugar para descanso. Nunca lhe pareceu como aquêle seu lar cheio dos deliciosos encantos como ao tempo em que passara casado com Carol.

Somente em sua companhia êle soubera o que eram as coisas dêsse convívio doméstico e afetivo. Sua casa, sua cadeira favorita, suas roupas preferidas, tudo sempre muito bem cuidado e nos seus devidos lugares; sua pasta para dentes, enfim, essas pequeninas coisas que fazem os encantos de um casal que vive em paz e se compreende mutuamente.

Bill sorriu amargamente e monologou:

— Eu terei de dizer ainda a Carol que nunca mais pude saborear um frango assado como eu gosto, desde que...

Sim, efetivamente, — pensou — foi com um frango assado que surgiu o romance com Evelyn...

De súbito também lhe veio à lembrança o que Freda lhe dissera sôbre os vários homens que desejavam casar-se com Carol. Bill ficou pensativo. Sentiu mesmo uma certa vergonha, uma espécie de retraimento e egoísmo a respeito dela. Bill, apesar de estar divorciado de Carol e casado com outra mulher, não podia imaginar que um outro homem viesse a possuir sua ex-esposa, passando a conhecê-la como êle a conhecera.

Se lhe fôsse possível voltar! Quanta felicidade não re-encontraria para normalizar sua vida e fazer novamente sua ventura...

"... E o vento levou...", murmurou êle com infinita mágoa. E não via mesmo nenhum jeito de sair-se daquela situação, senão esquecendo tudo de uma vez.

A vida não pode ser traçada matematicamente como quem deseja uma casa. O dia de amanhã não nos pertence e os dias se passam sem que possamos consertar o que foi erradamente feito.

Estava casado com Evelyn e agora era tarde para retroceder. Até com sua própria mãe Bill passara a ser meio negligente. Sempre lhe telefonava com regularidade, mas, depois do segundo matrimônio, até isso esquecera, parecendo mesmo que sua nova esposa não gostava muito da velha, ou vice-versa.

Segundo demonstrava, sua mãe não simpatizava com Evelyn. Sempre que conversava com êle no "living", evitava trazer à tona da palestra o nome da segunda esposa do filho.

O mesmo sucedia quando era êle convidado a jantar em companhia de outros membros da família. A palestra se mantinha convencional e cerimoniosa. Quanta diferença dos tempos em que ia com Carol jantar em casa de sua mãe! Aí então a palestra era franca, cordial, cheia dêsse espírito de mútua confiança, chegando mesmo a tornar-se hilariante pelas piadas e anedotas.

Vagarosamente foi Bill regressando à festa no Clube, após todos êsses pensamentos e recordações de um passado ainda muito próximo.

Ao chegar novamente ao edifício do "Yacht", viu que Thelma estava sentada a uma mesa e Evelyn dançando com Tom. Mas já ali não estavam, nem Freda nem o esposo. Ao ver Bill, Thelma lhe perguntou com certo arrebatamento:

— Que há com você? — E, puxando um copo para êle acrescentou: — beba alguma cisa. Êste copo está limpo. E agora me desculpe. Vou ao gabinete das senhoras por um pouco de pó de arroz.

Bill ficou só. E o seu pensamento continuou a martirizá-lo profundamente. Viu naquele salão muita gente a beber, a rir, a dançar, a palestrar alegremente, mas êle estava muito distante, a pensar em Carol, nos velhos tempos de suas festas e passeios.

No dia seguinte, estava Freda a ler os jornais no "deck" do seu barco de passeio, quando Ian, seu esposo, chegou junto a ela e não conteve uma exclamação:

— Que há de tanta importância nesse jornal para você estar assim tão atenta à sua leitura? Quais são as novidades?

— Corselius Weger morreu... — respondeu ela com voz de quem sofre um golpe. A notícia de seu falecimento ocupa duas colunas do jornal, continuou ela. — Um ataque cardíaco o matou, proveniente de tensão nervosa em relação a um pleito judicial. Pobre homem! Êle não parecia tão velho. Era dono de grande fortuna e necessitava de uma companheira jovem para ajudá-lo. Muito me alegro por ter sido Carol tão instada para casar-se com êle. E êle estava certo de que Carol terminaria aceitando o casamento.

Estávamos a uma semana antes do Natal. Carol e Scott estavam no edifício do apartamento da divorciada, vindos de um jantar em casa de Freda.

— Posso subir e fumar um cigarro com você, Carol?

A moça pareceu hesitar um pouco. Depois respondeu:

— Sem dúvida...

Carol desejava intimamente que êle se despedisse mesmo lá em baixo, pois que ela estava de partida para a casa do pai em companhia de quem passaria o Natal e precisava dormir bem a noite.

O apartamento de Carol, entretanto, era como um convite para passar-se umas horas em íntima conversação, resguardados da neve que caía lá fora, naquele aconchego morno e de ambiente confortável.

Ambos entraram no apartamento e Carol, deixando o amigo de tantos anos no "living room", foi ao seu quarto de dormir separar algumas coisas suas para a viagem e arrumar o cabelo algo desfeito pelos ventos do inverno.

Desde certo tempo notara Carol que Scott sentia ciumes dela em face de seu novo emprêgo no hospital. Os novos amigos que fizera, despertavam zelos em Scott. Isso lhe parecia uma estranha manifestação de amor... Seria mesmo que o rapaz a amava tanto ou que sustentava a esperança de desposá-la? Scott, durante o jantar em casa de Freda e mesmo através do caminho para o apartamento de Carol se mantivera silencioso, parecendo manter uma mágoa, um ressentimento íntimo no coração diante de Carol.

Carol, diante do espelho, punha em ordem os cabelos e compunha o adereço na gola da blusa, enquanto seu pensamento voava agora para Clive e lhe vinha à lembrança suas palavras proféticas, ditas ainda a bordo naquele cruzeiro turístico: "Você sempre viveu com amor e jamais poderá viver sem êle".

Sem saber por que motivo, Carol sorriu para si mesma em face do espelho. Era como se estivesse a sorrir para Clive. Os seus pensamentos começaram a bailar entre Bill e Clive. Um e outro muito a impressionavam; mas Bill ocupava o primeiro plano. Clive era uma espécie de aventureiro, sempre a viajar, devendo achar-se naquele momento em algum país da América do Sul. Carol não o esquecia, não pelos dotes físicos, mas pela maneira de expressar os seus sentimentos, pela audácia de seus gestos, chegando mesmo a afoitezas como aquela daquele beijo roubado inesperadamente...

Carol havia recebido o convite do pai, a fim de passar uns dias com êle na Flórida, mas, estava pensando ser melhor não hospedar-se em casa dele, e sim ficar num hotel dos arredores. Pensava em tudo isso enquanto se olhava ao espelho, esquecida de que Scott continuava lá no "living" sozinho a fumar o seu cigarro, esperando pacientemente.

CAPÍTULO XX

O êxito de Scott

De súbito, porém, Carol reconheceu que estava sendo pouco gentil com o seu velho amigo e se ergueu, voltando ao "living".

Estava êle calmamente a passar vista a uma revista ilustrada. Ergueu os olhos diante de sua deusa indiferente e a fitou longamente.

Carol sentou-se a uma cadeira diante dele e deixou sair do peito um suspiro, mal abafado pelo esfôrço de retê-lo.

— Espero que tenha gostado do passeio, disse Scott inclinando um pouco o busto para a frente. Quanto a mim, já é tempo de ir-me...

Carol se manteve recostada ao espaldar da cadeira e olhou fixamente para o rapaz. Como poderiam êles viver a dizer palavras um ao outro que nada significavam?

A jovem procurava fitar os olhos de Scott a fim de ver o que êle devia pensar definitivamente a seu respeito. E começou a provocá-lo intencionadamente:

— Você tem estado muito retraído esta noite, Scott. Aliás venho notando êsse seu estado de espírito desde algum tempo. Terei alguma culpa nisso? Você não me parece ser uma pessoa que se deixe conhecer intimamente com facilidade. Mas não desejo tornar-me uma pessoa que lhe venha causar dissabores.

Scott desabafou:

— Como pode você ter tal idéia, Carol? Na verdade, eu não sei mesmo o que lhe responder a respeito de meus sentimentos, e desejo falar-lhe a respeito antes de você ausentar-se... Eu...

Carol percebeu que êle tentava revelar-lhe que a amava. Para que tanta evasiva, tanta hesitação, se isso era uma coisa natural? Scott estava, evidentemente embaraçado com suas intenções e não passava daquelas reticências.

Carol não o amava. Para ela Scott continuava a ser apenas o velho amigo de Bill a frequentar sua casa quando eram ainda casados. Scott era considerado o mais íntimo dos seus amigos a ponto de ajudar na cozinha, na preparação das bebidas, nas conversas à noite. Carol estava hoje divorciada, mas seus pensamento em relação a Scott permanecia o mesmo. Mas se, na verdade, êle a amava assim, era necessário que ela, pelo menos, se mostrasse bastante gentil para com êle. Bem sabia Carol como era cruel amar-se uma pessoa sem ser amado por ela. Para dar-lhe alento, Carol volveu:

— E então, Scott...

Depois de respirar profundamente, êle prosseguiu:

— Bem... eu, Carol, eu quero casar-me com você... Mas tenho que esclarecer, não poder oferecer-lhe muita coisa...

Carol nada lhe respondeu imediatamente. Scott acendeu outro cigarro, visivelmente nervoso e com ares de estúpido. Nem se atrevia a fitá-la.

Carol também se sentia embaraçada, mesmo envergonhada. Também não ousava olhar aquêle homem. Parecia que em ambos havia mútua desconfiança, incompreensão. Carol pensava que o interêsse de Scott era pela situação de Carol, julgando êle, talvez que ela dispunha de recursos... Pode parecer a Scott que ela estava muito isolada e que precisava novamente casar-se. Seria, assim, algum impulso de piedade? Era também possível que Scott julgasse ser impossível continuar ela sem amor. Poderia Carol suportar por mais tempo uma situação dessas? Sim, podia.

Recobrando sua presença de espírito, Scott falou com um sorriso:

— Cometi uma grande tolice ao revelar-lhe isso, Carol. Mas, pode crer, eu a amo... Creia que a amo desde muitos anos, mesmo antes... Estacou. Carol lhe cortou a frase.

— Mas eu não tenho dinheiro, realmente. Há um compromisso, um ajuste a respeito de recursos a meu favor, mas não quero tocar nisso. Deixo tudo para os dias incertos do futuro. O pai de Bill trabalhou arduamente para deixar aquela importância. Verdadeiramente aquêle dinheiro não me pertence, embora Bill o reserve em meu benefício. E, se eu casar-me, perderei imediatamente a mesada que Bill me fornece de acôrdo com as condições de nosso divórcio.

— Mas, Carol! Eu não tive a intenção de... Você está enganada com tais idéias!

Carol sorriu e balançou a cabeça. Estava contente, porém, com essa manifestação de Scott. Era necessário sair daquela situação.

— Scott... perdõe-me... Mas não me parece justo que um mulher aceite proposta de casamento de um homem sem estar certa de que o ame suficientemente para tornar-se feliz e torná-lo venturoso. Sinto muito declarar-lhe, mas, não o amo suficientemente. Não dispomos de condições mútuas para um casamento feliz. E, quando eu regressar da Flórida não sei se ainda nos tornaremos a ver assiduamente como está agora...

Emocionado e um tanto ruborizado, Scott baixou os olhos e murmurou:

— Sei... Muito sinto.

— Lembra-se de que sua irmã Hilda muito tem feito por você, Scott, e não seria justo que eu me intrometesse. Ela lhe quer tanto bem... E é tão altruística...

— Não há dúvida. Hilda é uma santa, uma irmã exemplar.

(Continua)

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Carol Sturtevant, jovem divorciada, empreende uma viagem de turismo para esquecer o passado. Faz a bordo várias amizades e, já de volta, no pôrto de Havana, entra no círculo de suas relações o engenheiro Clive Holdridge, que a convida para jantar, dançar, irem juntos ao cinema. Ela, porém, aceita apenas o jantar e os aperitivos no bar. Depois de ter chegado a Nova York é convidada por Clive para jantar em sua companhia e se declara apaixonado por ela. Depois de sua excursão, volta Carol à cidadezinha de Clinton, sendo recebida entre abraços por sua amiga Freda, que lhe arranja apartamento. Carol deseja muito conhecer Evelyn, a nova espôsa de seu ex-marido, Mill, e sabe que ela está hospedada com êle no Hotel Beaumont. Em Clinton, Carol é cercada de tôdas as considerações por parte de sua amiga Freda, espôsa de Ian Kelly. Tendo sido convidada para tomar parte numa roda de amigos no clube, Carol tinha apenas receio de que Bill e Evelyn tivessem naquela noite o mesmo pensamento e os três se fôssem encontrar naquele meio social. Tendo comparecido em companhia de seus amigos à reunião do Clube, Carol se sentiu profundamente perturbada com a presença, ali, de Bill e da espôsa dêste, Evelyn. Procurando resumir suas visita àquêle meio, pediu para retirar-se, sendo acompanhada até ao seu apartamento por Scott, de quem se despediu à porta, pedindo-lhe desculpas por lhe não ser conveniente convidá-lo para subir. Já não bastando a Carol os cortejos de Scott, um dia chega à estação ferroviária da cidade o impertinente Clive, que lhe telefona pedindo um encontro na própria estação. Carol comparece e fica surpreendida quando o seu ex-companheiro de turismo lhe propõe uma união extra-legal. As confidências que Carol fazia junto à sua amiga Freda cada vez mais provavam que esta parecia pender para os lados de Clive procurando influenciar no espírito de Carol um esquecimento a respeito das pretensões de Scott.

AS APÓLICES DE NITERÓI DISTRIBUEM FORTUNA POR INTERMÉDIO DO BANCO OLIVEIRA ROXO

OS NOVOS RICOS RECEBERAM A MENSAGEM DA SORTE NA HORA DO "ANGELUS"



No interior da quitanda do Sr. Manuel da Hora, o representante do Banco Oliveira Roxo confere o certificado da apólice de Niterói, premiada com 300 mil cruzeiros

NO decorrer do ano de 1914, chegava ao Rio de Janeiro um casal de portuguêses que para o Brasil vinha, como tantos outros, tentar a sorte e procurar fortuna. Manoel da Hora trabalhou com tenacidade e ânimo forte, ajudado sempre pela sua dedicada esposa, mas os bons fados não lhe favoreceram, e os anos passaram um após outro sem que a situação do velho batalhador se modificasse para melhor, na medida dos seus desejos. O máximo que alcançou, sabe lá Deus com que sacrifícios, foi estabelecer-se com uma pequena Quitanda, no Estácio de Sá, e ir vivendo modestamente do exíguo lucro que ela lhe proporcionava, até que, no dia 7 dêste mês, recebeu a visita de um agente vendedor de apólices, do Banco Oliveira Roxo, o qual, com grande esfôrço de argumentação, conseguiu que Manoel da Hora adquirisse um certificado dos que são utilizados pelo conceituado estabelecimento de crédito para a venda ao público, em suaves prestações mensais, de apólices sorteáveis. Foi tarefa realmente difícil a do agente, tanto mais quanto, naquele dia, o velho quitandeiro não dispunha sequer, da importância necessária ao pagamento da prestação inicial, o que só lhe foi possível realizar no dia seguinte, 8 do mês em curso.

Estava assim, aberto o caminho da boa sorte e da fortuna ao casal de portuguêses proprietários da modesta quitanda da rua do Estácio de Sá, que aqui chegara no remoto ano de 1914.

E' que já na segunda-feira, dia 10, era Manoel da Hora, que jamais tentara arriscar a sorte, pelo menos com um bilhete de loteria, contemplado com o 1.º prêmio do 1.º sorteio das apólices da Prefeitura de Niterói. Estava a apólice n. 1.473, constante do certificado de que pagara apenas a prestação inicial, premiada com Cr$ 300.000,00!

E foi na tarde do dia 10, exatamente na hora em que, no seu pequeno receptor, ouvia a irradiação da hora do Angelus, que o agente do Banco Oliveira Roxo chegava à sua porta com a mensagem da felicidade e da fortuna, mensagem que só lhe foi permitido transmitir aos novos ricos no instante em que cessaram os últimos acordes da Ave-Maria.



Aspecto da entrega do Prêmio a Manuel da Hora, na Prefeitura de Niterói, com a presença de altas autoridades, o representante do Banco Oliveira Roxo, jornalistas, etc.

Tudo ísto

QUIXOTADAS DO SÉCULO XX

AO tempo da Cavalaria, lavrava por tôda a Europa, especialmente a oeste do Reno, o uso e abuso do cavalheirismo em defesa das Dulcinéias.

Foi para meter a ridículo essa praxe que Cervantes criou o imortal "Don Quixote de la Mancha", obra que o mundo inteiro conhece e admira.

Com a evolução da humanidade, o advento das máquinas, das armas de guerra, da eletricidade, as mulheres competindo com os homens em todos os setores do trabalho, da política, das Artes e das Ciências, aquêle velho quixotismo foi desaparecendo, naturalmente.

Entretanto, de quando em quando surgem certos episódios que são uma revivescência da época da Cavalaria errante.

Agora mesmo, em Paris, registam os jornais um dêsses casos singulares.

Segundo nos comunicam os telegramas da capital francesa, um enraivecido produtor cinematográfico a quem não agradaram as referências demasiado "anatômicas" de um crítico a respeito de uma atriz sua amiga, tomou-se de indignação e o desafiou para um duelo.

Os protagonistas dêsse quixotismo em pleno século XX, são o produtor Willi Rezier e o crítico cinematográfico François Chalais, não tendo aparecido no telegrama o nome da Dulcinéia.

O encontro se verificou num bosque nas proximidades de Paris e a arma escolhida foi a espada. O produtor Willi levou a melhor, ferindo o crítico num dos braços, terminando ai a luta, conforme a combinação previamente ajustada.

Mas, desejará saber o leitor, qual o motivo dêsse duelo? Apenas êste: na crítica de Chalais, disse êle que a artista tinha uma excelente carreira "por trás dela"...

Rezier indignou-se com a expressão e lavou o ultrage com sangue. Continua a faltar neste mundo um outro Cervantes...



PROESAS DE UMA FOCA



Ultimamente pessoas de varios paises têm tentado, sem êxito, atravessar o canal da Mancha, no seu ponto menos largo, entre a Inglaterra e a França.

Essas competições esportivas não encerram, propriamente, qualquer utilidade, a não ser fazer prova de resistência de determinada pessoa, levando esta para sua casa uma taça ou medalha pelo feito.

Os jornais e revistas, as estações de radio e os cinematografistas registram o fato, divulgam a noticia, aparece o herói ou heroina em telas ai pelo mundo e depois, vinte e quatro horas depois, já ninguém mais fala no sucesso natatório.

Entretanto, a tentativa dessa travessia continua a empolgar muitas pessoas de variadas nacionalidades.

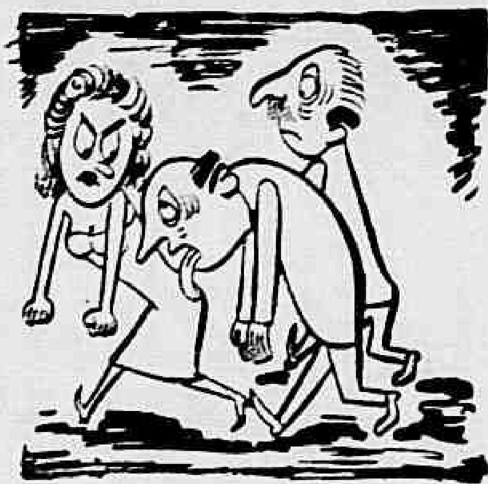
Diante dos fracassos recentemente registrados, quando alguns nadadores desistiram do propósito e voltaram do meio do canal, bastante exaustos, sujos de graxa, alguns empresários de sensacionalismos resolveram decidir a parada com uma outra espécie de nadador: uma foca.

Como não era possivel homenagear o corajoso animal sem lhe darem um nome, puseram-lhe o de "Pierre", que é Pedro e Pedra na lingua dos franceses.

Levaram Pierre até a ponta do Cabo Griz Nez, na costa ocidental da França, bem vis a vis à Inglaterra, sôbre a Mancha. Os treinadores da foca, isto é, de "M. Pierre", mostraram-lhe com boas maneiras o que tinha que fazer e a empurraram nas ondas, às 10 horas e 36 minutos.

Pierre se viu no seu elemento nativo, embora um tanto mais quente do que nas ilhas árticas, e meteu as barbatanas para a Inglaterra, tendo chegado em Leathervoast, perto de Dover, às 15,40, batendo o "record" em menos de metade do tempo que leva um foca da raça humana para atravessar o Canal. Que bela crônica não escreveria essa foca se fôsse jornalista!

LUA DE FEL



Nada mais delicioso para mu casal que se ama do que a delicia de uma lua de mel, após o "conjugo vobis".

Foi assim pensando que Otacilio Rodrigues da Costa e Juanita da Costa seguiram sábado passado para uma excursão a automóvel pela região dos lagos fluminenses, em gôzo de lua de mel.

Otacilio c o m p r a r a um carro para fazer essa excursão pela Baixada Fluminense em companhia de sua espôsa e de um parente.

Iriam admirar os lagos à beira-mar, entre o oceano e as montanhas, numa visão belissima, numa noite em que a lua deveria estar no alto do céu a sorrir para o venturoso par, iluminando a paisagem noturna, em clima primaveril.

O carro atravessou a baía de Guanabara numa das barcas e desceu em Niterói. Seguiu depois para os lados de Maricá, percorrendo a estrada de S. Gonçalo.

Iriam os noivos até Cabo Frio. Numa curva da estrada, ainda no município de S. Gonçalo, no lugar chamado Tribobó, onde está situada a fazenda do Alemão, o sr. Otacílio freou violentamente o automóvel.

Sua espôsa lhe perguntou, meio alarmada, o que havia na estrada. O sr. Otacílio procurava desvendar o mistério do que via diante dele.

Os faróis acesos, começaram os que iam no carro a temer por suas vidas. Correndo desordenadamente sôbre êles, se precipitava uma boiada inteira, mugindo, urrando, num tropel infrene de fim de mundo.

O motorista procurou recuar e afastar o carro daquele perigo; mas nada podia fazer. Estava entre duas barreiras. Atônitos, sob a ameaça imediata de trezentos bois em marcha acelerada, o casal e o parente se encolheram no auto e confiaram apenas em Deus... O veículo foi envolvido por mil e duzentas patas, levado de roldão, amassado, numa barulheira infernal... Quando passou o tufão bovino, estava o carro inutilizado e os noivos voltaram a pé...

PROIBIDO O BEIJO



Dizem da cidade prussiana de Johannesburg, que muitas pessoas ali residentes, especialmente os artistas, estão ficando alarmadas com certas ordens de autoridades governamentais e que o povo está classificando como "falso pudor".

O último gesto das autoridades foi a proibição de venda na cidade de uma das edições da r e v i s t a "Life", em cujas páginas se viam sugestivas ilustrações da famosa estátua de Rodin intitulada "O Beijo". Os protestos surgiram de vários setores da cultura e da sociedade local, considerando a atitude policial como uma prova de incultura, estreiteza de vistas, uma política acanhada de falsas noções de proteção à moral, procurando-se com isso ocultar as realidades da vida.

Mas as autoridades se mantiveram firmes em suas deliberações e justificaram a proibição da circulação da revista, alegando que aquelas ilustrações eram impróprias para menores e maiores.

O govêrno mandou confiscar todos os exemplares disponíveis no país, antes que o público fôsse contaminado pelo beijo de Rodin, que, apesar de estar apenas impresso no papel, despertava certas sensações condenadas pelo pudor.

Mas como tudo o que é proibido atrai incoercivelmente o desejo e a curiosidade do público, foram contraproducentes as medidas governamentais de Johannesburg. Uma semana depois de conhecidas essas ordens e a repressão policial, muitas revistas e jornais do país estamparam as fotos proibidas, esgotando-se rapidamente tôdas as edições...

Até então muito poucos conheciam a estátua de Rodin. Hoje, graças à proibição das autoridades prussianas, tôda a Alemanha admira a arte maravilhosa do plasmador de motivos espirituais graças ao confisco de Johannesburg. Foi bastante proibirem o beijo, para que êle dominasse todos os indivíduos...

OS SAPATOS DO GOVERNADOR



Chegaram à cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte, três indios da tribo dos Canelas, procedentes do Maranhão, onde têm seu "habitat".

Para arribar a Natal, atravessaram os Estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, além de uma boa parte do seu próprio Estado, o Maranhão.

Que foram fazer ali os nossos irmãos selvagens? Apenas isto: pedir algumas ferramentas para suas lavouras e reclamar vias de comunicação que lhes proporcionem o escoamento dos artigos que produzem.

Certamente êsses índios, se conhecessem a bússola, deveriam ter solicitado uma. Como se admitir que venham estourar em Natal, atravessando tantos Estados, quando poderiam ter ido à capital do seu Estado? Enfim, talvez êles saibam os motivos dessa preferência um tanto vexatória para o govêrno do Maranhão.

Não dizem os telegramas se os "Canelas" obtiveram os facões, machados, foices e enxadas de que tanto precisam; mas sabemos, pelos telegramas de lá, que êsses índios já foram organizados em "show" teatral e se estão exibindo com incrível êxito no Cinema "Rio Grande", dançando e cantando para o público daquela capital.

Em seguida visitaram o governador José Varela, levando ao "papai grande" vários presentes: arcos, flexas, cerâmica.

Para culminar suas homenagens ao governador, condecoraram-no com a mais alta honraria da taba, um colar de penas, colocando-o ao pescoço do governador que passou daquele momento em diante a ser considerado "Tuchaua honorário da tribo dos Canelas".

E' da praxe dos índios que quem recebe também tem que dar. Um deles, o mais loquaz, foi logo escolhendo sua recompensa. Olhou para os pés do governador Varela e pediu os sapatos.

Imaginem que susto não teria o governador se os índios exigissem a cadeira governamental!

Aconteceu

ONDE ESTA' O OURO?

Dizem que S. Tomé só acreditava no que via, cheirava, provava ou apalpava. Só mesmo com o auxílio de um dos seus cinco sentidos êle se dava por satisfeito.

Segundo a tradição, quando Jesus apareceu aos seus apóstolos, depois de ressuscitado, apresentando ainda as chagas a escorrer sangue, todos os seus fiéis acreditaram na aparição, menos S. Tomé, que só se convenceu quando se adiantou e tocou com os dedos o corpo e as feridas do corpo do Divino Mestre.

Só então concluiu que o que viam era a mais pura e milagrosa das verdades.

Desde aí ficou no mundo êsse ditado: "Sou como S. Tomé", significando que "somente depois de ver, tocar, cheirar, ouvir, sentir é que se pode dizer que uma coisa é verdade".

O caso vem à baila com o que acaba de suceder nos Estados Unidos da América do Norte.

O representante republicano Kearns, já cansado de ouvir falar, anos a fio, das quantidades colossais de ouro que o govêrno de seu país possui encerradas nos porões do Forte Knox, no Estado de Kentucky, sob a guarda de verdadeiro regimento composto de unidades de infantaria, artilharia e aviação, começa a ter sérias dúvidas a respeito de sua existência.

Na qualidade de legislador, para chegar a uma conclusão absolutamente incontestável, apresentou recentemente uma resolução pedindo à Comissão Bancária da Câmara para proceder a uma inspeção no Forte Knox, a fim de verificar se, na verdade, êsse fabuloso ouro ali está mesmo.

Justificando sua sugestão à Câmara, êle diz que jamais viu com seus olhos que a terra há de comer, nem tão pouco encontrou em todo o país uma pessoa que já houvesse visto o tal ouro.

Diante dessa dúvida de que haja ali a ourama de que fala o govêrno, requer se dê busca no Forte Knox para fazer-se como S. Tomé: tocar com a mão...

UNIÃO DOS ANIMAIS

A 7 de outubro dêste ano da graça de 1949, saibam todos que esta notícia lerem, uma cachorrinha do ramo "Lulu" deu à luz dois gatinhos.

A notícia, publicada em jornais de segunda-feira 10 dêste mesmo mês, chama a isto "caso teratológico", uma vez que jamais se viu acontecimento igual.

Entretanto, por mais estranho que pareça, o fenômeno deixa de ser teratológico, para ser apenas lógico.

Os animais que só se viram reunidos e irmanados uma vez na vida, quando Noé os juntou e salvou do Dilúvio, resolveram, de há muitos anos, dar lições de fraternidade aos homens.

Vejam o que sucede nos circos: leões de imensa e bem organizada juba, fazem exercícios acrobáticos ao lado dos tigres; onças ferozes recebem no lombo os macacos mais cínicos, que as transformam em cavalgaduras, montando em cima delas como se estivessem a galopar em resignados burrinhos; os ratos aí pelas proximidades das docas e dos cais, mexem e remexem nos caixotes de lixo em companhia de gatos, como se estivessem em pique-niques cordiais.

Não é nada de mais, pois, que uma cadelinha "lulu" dê à luz uns gatinhos. Isso prova que entre os animais a que chamamos erradamente irracionais há mais sentimento de fraternidade, de amor, do que entre os homens dêste planeta cheio de imperfeições.

As raças do mundo vivem a entredevorar-se numa ferocidade de pasmar os mais selvagens bichos das matas asiáticas. Quando as nações se reúnem para discutir assuntos de paz, todo mundo já espera que terminem brigando.

Nada mais justo que a Natureza nos dê lições de moral de tamanha significação. Mas o homem é tão egoísta que chama a isso "teratologia". Tolos é que somos...

ESTRANHO SUICIDIO

NOS últimos dias da semana passada trouxeram os jornais uma notícia que causou estranheza a quantos dela tiveram ciência. Dois jovens estudantes de uma Faculdade de Filosofia, êle com 22 anos e ela com 19, envenenaram-se num bar afastado do centro urbano, lá para os lados da praia de S. Conrado.

Até aí, nada há de novo, pois que os nossos jornais vivem cheios de tragédias dessa espécie.

O recurso ao suicídio já deixou de ser uma sensação para os que ficam, tendo-se tornado meio vulgar e constante entre a mocidade quando se vê contrariada em seus amores.

Entretanto, o que sucedeu com Giordana Cohen e seu namorado Geraldo Martynes é qualquer coisa de diferente, de inesperado, de absurdo na crônica dos suicídios desta Cidade Maravilhosa.

Geraldo cursava a Faculdade de Filosofia, estando prestes a concluir seu curso. Era um aluno aplicadíssimo, com imensa inclinação para as pesquisas científicas, dizendo-se mesmo que, por vezes, substituía catedráticos, tal sua cultura e vocação para o magistério. Cesar Lates era seu mestre, e Geraldo, pelo que tudo indicava, tornar-se-ia, muito em breve, numa das esperanças do país em relação a pesquisas de natureza científica.

Ela thambém cursava a mesma Faculdade de Filosofia, e estava ainda em série mais baixa. Era, podém, dotada de grande inteligência de vontade firme de adquirir cultura, de tornar-se uma jovem digna de sua pátria.

Com surpresa para amigos, pais, colegas e mestres, beberam veneno e morreram.

Segundo asseveram pessoas mais intimas, foram êles levados à êsse gesto de desespêro, porque a família da moça não consentia no casamento... pois ela era de origem judaica!

Mas, será possível que haja neste país tão profundo preconceito de raça?



BAHIA -- UM CARTAZ DO BRASIL --

A grande propaganda começou faz dez anos, através da música popular do país. Já foi dito ter feito essa música mais pelo Brasil, no estrangeiro, do que muita representação diplomática. Há fôrça de expressão e exagêro, sem dúvida; mas até certo ponto a frase tem seu fundo de verdade. E ainda quando se alude à música, a Bahia faz ato de presença em belo estilo. Terra do Senhor do Bonfim, dos balangandans, do acarajé, dos candomblés — motivos que dão rios de dinheiro aos compositores populares, quantos sem terem ido sequer uma vez à Baixa do Sapateiro! — Pois neste momento a Bahia volta a figurar em cartaz ainda maior, com as comemorações do Centenário de Castro Alves, de Ruy Barbosa, a inauguração do seu grande teatro, os desfiles alegóricos pelas ruas quatro vêzes centenárias — em tributo de homenagem aos seus filhos imortais. Iniciativas que resultam em mais propaganda, mais cartaz, mais turismo para o grande Estado brasileiro. Em nossos próximos números, o leitor encontrará uma série de reportagens exclusivas, feitas pela nossa "equipe", a propósito dessas solenidades e de outros acontecimentos aos quais a Bahia está vinculada. (Na foto, a Colina do Bonfim, onde se ergue o templo do Padroeiro.)

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

Cinquenta anos de jornalismo (Sabino Canalini) 7/11
Basket feminino (Levy Kleiman) 12/16
Walt Disney tem um rival no Brasil (João Alvarenga) 18/21
Habitantes selvagens (Vinicius Lima) 23/25
Vaidade — teu nome é Mulher! (M. Mercedes Santos) 28/34

ATUALIDADES

Ritmo 3
Bemaventurados os que não sofrem de insônia (Galvão Queiroz) 4/5
Para ver e imitar 26
Quando se fala em petróleo (Henri Boisson) 35/37

LITERATURA

Aconteceu em junho (P. T. Ribeiro) 22
A vela que descobria os mortos (Renato de Alencar) 46
Viver com amor (Margaret G. Nichols) 54

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em revista — Personagem da semana 6
Puxe pelo cérebro 49
Música (Roberto Lyra Filho).. 50
Tudo isto aconteceu 56/57

CURIOSIDADE

Você pode se tornar um grande mágico 27

HUMORISMO

Casamento (Nicodemus) 17
Bom humor 38
Futebol (Théo) 47
"Charge" de Rafael 57

PARA A MULHER

Você está preparada para o casamento? (O.B.) 39
Modelos para a tarde 40
Boleros 41
Dias de chuva 42
Triunfa o chapéu 43
"Pois" ou quadriculado 44
Fustão branco — Week-end na cozinha 45
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 48

AVENTURAS

Scarlet 53

Fotografias: Arnaldo Vieira
Galvão Queiroz
José Santos
Vinicius Lima



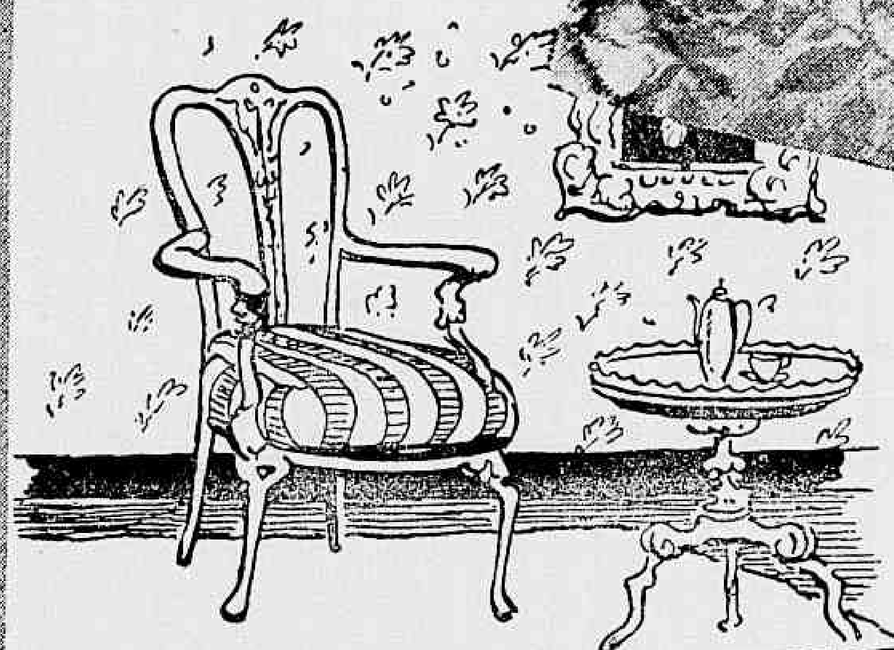
★

NA CAPA
Barbara Hale (Foto RKO)

Respostas ao Teste da pág. 49

1 — Espanhol da ilha de Tenerife
2 — Cidade do Salvador, Bahia
3 — Entre brasileiros e holandeses
4 — Calabar
5 — Pronuncia-se: Anxiéta
6 — A Terra com a própria sombra
7 — Dez anos
8 — Dirigível
9 — Plutão
10 — 1024 metros
11 — Século XIX
12 — 1797
13 — Benjamin Franklin
14 — Ambroise Paré
15 — Três
16 — Três
17 — No caminho de Damasco
18 — Opara
19 — Vício de furtar
20 — Um exposição

Tapetes e passadeiras
COM FLÔRES
recebidos da
INGLATERRA





TAPETES E PASSADEIRAS

FRANCESES, INGLESES, TCHECOS, PORTUGUESES, PERSAS (LEGITIMOS) E NACIONAIS...
--DIRETAMENTE DAS FÁBRICAS



ALMANAQUE

A ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA ★ Suas origens ★ Os fundadores ★ As sedes ★ O primeiro trabalho ★ Protegido do Imperador Pedro II ★ Os Presidentes ★ Os seus atuais titulares

INFORMAÇÕES SÔBRE O ANO: ★ Festas religiosas fixas e móveis ★ Estações ★ Feriados ★ Eclipses ★ Tabela do nascimento do Sol ★ Evangelho dos Domingos ★ Calendário ★ Tôdas as informações de utilidade próprias de um Almanaque

O ANO

UM ROMANCE COMPLETO
UMA COMÉDIA PARA REPRESENTAR
CONTOS
ENCICLOPÉDIA DE ALGIBEIRA
PÁGINAS PARA A MULHER
PÁGINAS INFANTIS
ARTIGOS CIENTÍFICOS
LENDAS E NARRATIVAS

★ AERONÁUTICO
★ ESPORTIVO
★ CIENTÍFICO
★ SANTO (ORAÇÃO E CALENDÁRIO)
★ ARTÍSTICO
★ HOROSCÓPICO
★ AGRÍCOLA

EU SEI TUDO

ESTARÁ À VENDA EM TODOS OS PONTOS DE JORNAIS DO BRASIL, NA PRIMEIRA QUINZENA DE DEZEMBRO ★ PREÇO CR$ 15,00 ★ ATENDE-SE PELO REEMBOLSO POSTAL OU MEDIANTE VALE DO CORREIO ★ PEDIDOS À **CIA. EDITORA AMERICANA ★ RUA MARANGUAPE, 15 ★ SOB. ★ Rio de Janeiro**